



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**MEU REPERTÓRIO DE PEQUENAS ALEGRIAS: O DIÁLOGO ENTRE
AFETIVIDADE E LAZER NO PARQUE OLHOS D'ÁGUA (DF)**

Vanessa Sousa de Oliveira

Brasília – DF
2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**MEU REPERTÓRIO DE PEQUENAS ALEGRIAS: O DIÁLOGO ENTRE
AFETIVIDADE E LAZER NO PARQUE OLHOS D'ÁGUA (DF)**

Vanessa Sousa de Oliveira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo, como requisito à obtenção do título de Doutora em Educação, sob a orientação da Prof^a Dr^a Claudia Marcia Lyra Pato.

Brasília – DF
2023

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio, convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

S048m Oliveira, Vanessa Sousa de.
Meu repertório de pequenas alegrias: o diálogo entre afetividade e lazer no Parque Olhos D'água (DF) / Vanessa Sousa de Oliveira; Orientadora Claudia Marcia Lyra Pato. - - Brasília, 2023. 178 p.

Tese (Doutorado – Doutorado em Educação) - - Universidade de Brasília, 2023.

1. Afetividade. 2. Lazer. 3. Pandemia de COVID-19. 4. Parque Ecológico Olhos D'água. 5. Teoria dos afetos I. Pato, Claudia Marcia Lyra, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

A tese intitulada **Meu repertório de pequenas alegrias: o diálogo entre afetividade e lazer no Parque Olhos D'água (DF)** foi defendida pela doutoranda Vanessa Sousa de Oliveira, em 29 de maio de 2023. A banca examinadora assinou a folha de aprovação no Sistema Eletrônico de Informações (SEI), processo SEI nº 23106.056113/2023-81.

Banca Examinadora

Profª Drª Claudia Marcia Lyra Pato
Universidade de Brasília (UnB)
(Orientadora)

Profª Drª Benedetta Bisol
Universidade de Brasília (UnB)
(Membro interno)

Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco
Universidade de São Paulo (USP)
(Membro externo)

Profª Drª Zulmira Aurea Cruz Bomfim
Universidade Federal do Ceará (UFC)
(Membro externo)

Profª Drª Vera Margarida Lessa Catalão
Universidade de Brasília (UnB)
(Suplente)

Dedico esta investigação a todas as pessoas que me afetam, proporcionando-me bons encontros ao longo desta jornada alegre e desafiadora.

A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida não é para ser útil. A vida é fruição. A vida é uma dança. Só que ela é uma dança cósmica e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária, a uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência (KRENAK, 2020).

AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos é imensa e não cabe neste documento. Mesmo assim, tento. Agradeço a todas as pessoas que me afetam e me proporcionam bons encontros ao longo desta jornada alegre e desafiadora. Aquelas que passaram e as que seguem comigo contribuíram para que chegasse aqui, compartilhando desejos, projetos, realizações e muito afeto.

Agradeço à Universidade de Brasília (UnB) pelos longos, prazerosos e angustiantes anos de formação intelectual, social, moral e afetiva. Da graduação ao doutorado, todas as experiências vêm sendo valorosas. Afirmo a UnB como o meu lugar e desejo que muita gente possa ser tão íntima dessa instituição quanto eu. Nunca antes na história desse país a universidade pública, gratuita, de qualidade, inclusiva e amorosa foi tão necessária.

Agradeço à Prof^a Dr^a Claudia Pato, pelo apoio nos momentos decisivos de minha formação. Agradeço também pela paciência e pela boa vontade em compreender as particularidades dos orientandos que conciliam estudo e trabalho. Atuo em duas carreiras públicas. Somente uma me garantiu o direito de estudar. Do nosso modo e no nosso tempo, desenhamos nossas cartografias do conhecer.

Agradeço à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE), que me concedeu o afastamento remunerado para estudos. Agradeço ao Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO/DF), que esteve à frente das negociações pela regulamentação da nossa formação continuada. Agradeço aos colegas professores da rede pública do Distrito Federal, que, com muita organização e luta, construíram esse direito, do qual pude usufruir.

Agradeço a meus pais por terem respondido as perguntas mais absurdas e, assim, estimulado a eterna curiosidade que me anima a vida. Agradeço aos amigos de ontem, de hoje, de sempre, pois são parte da família que escolhi, da qual me orgulho e me deleito com cada conquista. Agradeço ao meu querido André, que comigo vem caminhando...

Por fim, agradeço o tortuoso percurso deste doutorado, que me fez encontrar (na verdade, reencontrar) Bento de Espinosa. De todos os bons encontros, sem dúvida, esse foi o melhor e mais importante, em um momento tão delicado, e ao mesmo tempo, tão enriquecedor.

RESUMO

A relação pessoa-ambiente em espaços públicos de lazer no contexto da pandemia de COVID-19 é o foco desta investigação. O objetivo é compreender a experiência afetiva dos usuários com o parque que frequentam e analisar como se dá o diálogo entre lazer e afetividade em parques no contexto da pandemia. Propomos uma abordagem metodológica multirreferencial, fundamentada em estudo de caso realizado no Parque Olhos D'água, localizado na cidade de Brasília (DF). A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta, construção do mapa afetivo do parque e entrevistas móveis semiestruturadas, costuradas à pesquisa bibliográfica e documental. Para a análise de dados dos participantes desta investigação, usamos triangulação de métodos e técnicas, alicerçada no tratamento dos dados empíricos e no diálogo com os autores. Os resultados desta investigação mostram que, na dimensão individual, os participantes vivenciam uma rica e prazerosa experiência de lazer, manifestada pela estima de lugar potencializadora. Do ponto de vista coletivo, não estão inseridos em atuações coletivas que envolvam o parque a uma visão sistêmica dos processos socioambientais. Concluímos que o lazer como elemento de integração com o parque é uma rica experiência, que se mostra na expressão da afetividade dos sujeitos pelo lugar, mas restringe-se ao olhar individual. A afetividade é um elemento potencializador, mas não definidor da ação coletiva. É preciso gerar reflexão que extrapole o individual e que contribua para a ação coletiva. A Educação Ambiental tem papel mediador entre as funções públicas de lazer e conservação nas áreas protegidas. Programas de Educação Ambiental devem fazer parte do processo de gestão dos parques públicos, em diálogo com a realidade das unidades de conservação localizadas em zona urbana, que precisam ser administradas no contexto de uma cidade.

Palavras-chave: Afetividade. Lazer. Pandemia de COVID-19. Parque Ecológico Olhos D'água. Teoria dos afetos.

ABSTRACT

The object of this study is the people-environment relationship in public leisure spaces during the COVID-19 pandemic. The aim is to understand the affective experience of public park visitors and analyze the relationship between leisure and affectivity in public parks in the context of the pandemic. We propose a multireferential methodological approach based on a case study conducted at the park Parque Ecológico Olhos D'água, in Brasília (DF). The data was collected by direct observation, semi-structured interviews, and affective mapping of the park. Literature review and historical documents were also used to collect data. To analyze the data, we used the triangulation method approach supported by the treatment of empirical data and dialog with subjects. Results showed that, in the individual dimension, participants experience a rich and pleasant leisure experience, represented by the increased esteem of place. From the collective perspective, visitors are not inserted in practices that grant a systemic view of the socioenvironmental processes related to the park. We conclude that leisure is a rich experience to engage visitors to the park, as demonstrated by the affective relation to the space. It is, however, restricted to the individual perspective. Affectivity can enhance and engage collective practices but does not determine them. It is necessary to promote reflection beyond the individual perspective to contribute to collective practices. Environmental Education mediates the public services of leisure and conservation in protected areas. Programs on Environmental Education must be represented in the management of public parks and take into consideration the reality of protected areas located in urban areas. These must be managed in the context of cities.

Keywords: Affectivity. COVID-19 Pandemic. Leisure. Parque Ecológico Olhos D'água. Theory of affects.

RESUMEN

La relación persona-ambiente en espacios públicos de recreación en el contexto de la pandemia de COVID-19 es el foco de este estudio. El objetivo es comprender la experiencia afectiva de los visitantes con el parque que frecuentan y analizar de qué forma sucede el diálogo entre la recreación y la afectividad en parques durante el contexto de la pandemia. Proponemos un enfoque metodológico multirreferencial, basado en el estudio de caso realizado en el Parque Olhos D'água, ubicado en la ciudad de Brasília (DF). La recopilación de datos fue realizada a través de observación directa, construcción del mapa afectivo del parque y entrevistas móviles semiestructuradas, adaptadas al estudio bibliográfico y documental. Para el análisis de datos, usamos triangulación de métodos y técnicas, basadas en el tratamiento de los datos empíricos y en el diálogo con los autores. Los resultados demuestran que, en la dimensión individual, los participantes viven una rica y placentera experiencia de recreación, expresada por medio de la estima de lugar potenciada. Desde el punto de vista colectivo, no están incluidos en acciones colectivas que involucren al parque en una visión sistémica de los procesos socioambientales. Llegamos a la conclusión que la recreación como elemento de integración con el parque es una experiencia rica, manifestada en la expresión de afectividad de los sujetos por el lugar, pero se restringe a la mirada individual. La afectividad es un elemento potenciador, pero no definitorio de la acción colectiva. Es necesario generar una reflexión que vaya más allá de lo individual y que favorezca la acción colectiva. La Educación Ambiental juega un papel mediador entre las funciones públicas de recreación y la conservación de las áreas protegidas. Los programas de Educación Ambiental deben ser parte del proceso de gestión de los parques públicos, en diálogo con la realidad de las unidades de conservación situadas en zonas urbanas, que necesitan ser conducidas en el contexto de una ciudad.

Palabras clave: Afectividad. Recreación. Pandemia de COVID-19. Parque Ecológico Olhos D'água. Teoría de los afectos.

LISTA DE SIGLAS

CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
CLDF	Câmara Legislativa do Distrito Federal
CONAMA	Conselho Nacional de Meio Ambiente
COVID-19	Doença do novo Coronavírus
DF	Distrito Federal
EA	Educação Ambiental
EEL	Escala de Estima de Lugar
FP	Fator Potencializador
FD	Fator Despotencializador
GDF	Governo do Distrito Federal
IBRAM/DF	Instituto Brasília Ambiental
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDHAB/DF	Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal
IGMA	Instrumento Gerador de Mapa Afetivo
IEL	Índice de Estima de Lugar
PEC	Ponto de Encontro Comunitário
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S/A
PUC Goiás	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
SAPO	Sociedade de Amigos do Parque Olhos D'água
SCLN	Setor Comercial Local Norte
SDUC	Sistema Distrital de Unidades de Conservação da Natureza
SEMARH	Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos
SEMATEC	Secretaria de Meio Ambiente e Tecnologia
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SOCIUS	Empresa Júnior de Consultoria em Ciências Sociais
SQN	Superquadra Norte
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TERRACAP	Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal
UC	Unidade de conservação
TEASS	Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Brasil com destaque para o Bioma Cerrado.....	62
Figura 2 – Entrada principal do Parque Olhos D'água.....	82
Figura 3 – Circuito de malhação.....	83
Figura 4 – Lagoa do Sapo.....	84
Figura 5 – Ponte sobre o talvegue.....	85
Figura 6 – Canteiro de ervas.....	86
Figura 7 – Mapa ilustrado do Parque Olhos D'água.....	100

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero X Idade.....	103
Gráfico 2 – Frequência de visitação por idade.....	105
Gráfico 3 – Frequência de visitação por gênero.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Recategorização das unidades de conservação do Distrito Federal.....	68
Tabela 2 – Perfil geral dos participantes da pesquisa.....	90
Tabela 3 – Roteiro de observação de campo.....	92
Tabela 4 – Instrumento Gerador de Mapa Afetivo (IGMA) adaptado para uso nesta pesquisa.....	92
Tabela 5 – Roteiro de entrevista móvel semiestruturada.....	93
Tabela 6 – Dados sobre aplicação do IGMA aos frequentadores do Parque Olhos D'água.....	95
Tabela 7 – Modelo de mapa afetivo.....	97
Tabela 8 – Perfil dos entrevistados (E).....	97
Tabela 9 – Participantes por idade.....	102
Tabela 10 – Participantes por gênero.....	103
Tabela 11 – Imageabilidade do Parque Olhos D'água.....	107
Tabela 12 – Imagens do Parque Olhos D'água.....	108
Tabela 13 – Mapas afetivos 53, 82, 88, 112 e 136.....	111
Tabela 14 – Mapas afetivos 27, 57, 77, 108 e 121.....	115
Tabela 15 – Mapas afetivos 5, 125, 133 e 146.....	118
Tabela 16 – Mapas afetivos 9, 21, 28, 48, 109.....	120
Tabela 17 – Mapa afetivo 25.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 DOMINGO NO PARQUE	22
1.1 Educação Ambiental para sociedades sustentáveis.....	22
1.2 Parques urbanos.....	27
1.3 Tempo de pandemia... tempo de lazer!.....	35
2 RACIONALIDADE AFETIVA	43
2.1 Ambiente, espaço, lugar, estima de lugar.....	43
2.2 A categoria afetividade na Psicologia Social de vertente histórico-cultural..	48
2.3 As dimensões do lazer.....	55
3 LÓCUS DE INVESTIGAÇÃO	62
3.1 O cenário socioambiental do Distrito Federal.....	62
3.2 A cidade modernista e os espaços públicos de lazer.....	71
3.3 Parque Ecológico Olhos D'água.....	82
4 NA PISTA DE CAMINHADA	88
4.1 Método.....	88
4.2 Participantes.....	89
4.3 Estratégias.....	91
4.4 Instrumentos.....	91
4.5 Procedimentos.....	93
4.6 Análise dos dados.....	96
5 RESULTADOS	99
5.1 Observando o ambiente.....	99
5.2 Perfil dos participantes.....	102
5.3 Os mapas afetivos e a estima de lugar.....	107
5.3.1 Agradabilidade.....	109
5.3.2 Pertencimento.....	120
5.3.3 Contraste.....	123

6	DISCUSSÃO	124
	CONSIDERAÇÕES	132
	REFERÊNCIAS	136
	APÊNDICES	163
	Apêndice 1 – Ofício à Gerência do Parque Olhos D´água.....	163
	Apêndice 2 – Mapa afetivo – Perfil dos visitantes.....	165
	Apêndice 3 – Mapa afetivo.....	167
	ANEXOS	172
	Anexo 1 – Instrumento Gerador de Mapa Afetivo (IGMA).....	172
	Anexo 2 – Autorização de pesquisa Instituto Brasília Ambiental (IBRAM/DF).....	176
	Anexo 3 – Termo de compromisso de pesquisa Instituto Brasília Ambiental (IBRAM/DF).....	177

INTRODUÇÃO

Esta investigação tem como foco as interações pessoa-ambiente nos espaços públicos de lazer. Os vínculos afetivos que construímos com a cidade e os usos sociais que dela fazemos podem ser orientadores de nossas ações individuais e coletivas. Os lugares despertam emoções e sentimentos que definem sua qualificação na experiência pessoal e de grupo.

Os estudos que têm como foco a relação entre subjetividade e espaço apontam para um significado emocional do ambiente. Os afetos das pessoas pelos lugares onde moram, passeiam, trabalham, estudam, passam em trânsito, “navegam”, projetam estar, ao observar e elaborar seus juízos, definem o senso de pertencimento (BUTTIMER, 1985; TUAN, 1980; TUAN, 1983). E assim o espaço é metamorfoseado em lugar.

Os ambientes impactam as pessoas, afetando os aspectos afetivo e cognitivo direcionados à avaliação e à percepção ambiental, ajudam a entender o efeito restaurativo desses ambientes sobre as pessoas e o papel das emoções no comportamento pró-ambiente (PATO; HIGUCHI, 2018). Os espaços de lazer que frequentamos fazem parte desse repertório geoafetivo.

O lazer em parques propicia aos cidadãos o contato com a natureza na cidade. Estudos com usuários de diferentes tipos de áreas verdes apontam para uma ligação muito íntima das pessoas com esses espaços, que podem ter diferentes tipos de uso, em comum, a presença dos elementos naturais em sua composição (COSTA; COLESANTI, 2011; COSTA et al, 2011; DE PAULA, 2017).

As formas contemporâneas de fruição do lazer no contato com elementos naturais na cidade, seja em parques, jardins, hortas urbanas e residenciais, praias ou fora do espaço urbano – como no caso das visitas às áreas protegidas – apontam para um movimento de valorização dos espaços naturais como lugares para viver o lazer (BRUHNS, 2002; BRUHNS; MARINHO, 2003; DIAS, 2010).

Se a experiência afetiva deve fazer parte do repertório de componentes a serem utilizados na qualificação dos espaços públicos, podemos afirmar que experiências de lazer agradáveis e satisfatórias tornam o espaço lugar. Nesta investigação, promovemos encontros entre os Estudos do Lazer, a Psicologia (Ambiental e Social) e a Educação Ambiental (EA) em um parque ecológico.

Duas categorias orientam essa investigação: lazer e afetividade. Em torno delas orbita a reflexão teórica. O fenômeno do lazer é fundamental para pensar questões da vida social nos diversos formatos que assume como vivência lúdica. No lazer, manifestam-se sentimentos, crenças e representações de uma sociedade na sua relação com o trabalho, o tempo livre, o ócio e a ludicidade.

Em diferentes abordagens, o fenômeno é interpretado como uma experiência formadora de identidades e de identificações, como uma função social compensadora às rotinas desestruturantes impostas aos sujeitos e como vivência que os insere na vida pública e nos processos sociais de ação coletiva (CUENCA, 2003, 2016; DUMAZEDIER, 1980, 1994; MARCELLINO, 2006; GOMES, 2008; 2014).

O lazer pode ser definido como uma contraposição ao trabalho ou como uma necessidade humana. Entrelaça-se a diversas esferas da vida, mas, em particular, com o trabalho, nas quais as dinâmicas das obrigações e dos prazeres se confrontam e se retroalimentam (GOMES, 2008). O lazer tem *status* de dimensão autônoma, com uma lógica interna própria de expressão, em constante interação com outras dimensões do social (GOMES, 2008; 2014).

Adotamos o conceito de lazer elaborado por Gomes (2014, p. 9, como “uma dimensão da cultura que relaciona tempo, espaço-lugar, manifestações culturais e atitudes como uma cadeia de ações favoráveis à interação humana desinteressada, voluntária e prazerosa”. O construto de Gomes abarca as dimensões individual e coletiva de uma experiência de lazer. Nesta investigação, o diálogo se deu em ambas as dimensões.

O que os lugares significam para as pessoas, como elas se apropriam deles, como constroem seus vínculos faz parte do repertório de estudos da interação pessoa-ambiente. A afetividade é compreendida como estrutura psíquica humana, amparada nas emoções e nos sentimentos, que media a ação e organiza o relacionamento das pessoas com os lugares (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018).

Nesta investigação, o construto afetividade está sustentado no aporte da Psicologia Social histórico-cultural. Os estudos de Sawaia (2006, 2009, 2011) e os de Bomfim (2008, 2010, 2014) discutem a afetividade e as possíveis implicações ético-políticas no processo de transformação do espaço em lugar, fundamentadas em Bento de Espinosa, filósofo holandês do século XVII, da linhagem racionalista moderna ocidental.

Espinosa (2010) concebe que as interações afetivas estabelecidas entre corpos propiciam encontros que modificam as capacidades para a ação. Nesse movimento, a rede de afetos atinge o grupo e a coletividade em sua variedade de arranjos. Quanto mais se compreende como os afetos são formados e como interagem, melhor é a compreensão de como os seres humanos afirmam sua existência.

Vygotsky (2001) entende o afeto como elemento das estruturas psíquicas, construído na história social e cultural dos sujeitos e mediador de suas relações. As emoções e os sentimentos exercem papel fundamental para a construção da realidade, pois são as mediadoras no processo de significação dos sujeitos com seu contexto. O aprendizado no mundo e sobre o mundo passa pelo afeto.

A partir das concepções de Espinosa (2010) e de Vygotsky (2001) sobre as emoções e sua função psicossocial, Sawaia (2009, 2011) afirma que o sentimento é elemento constituinte da consciência. É pela dimensão afetiva que a ação humana pode ser reorientada para dar fim ao sofrimento ético-político provocado pela impossibilidade social de gerar pleno desenvolvimento humano. A dimensão ético-política é afetiva, com toda sua potência para agir.

Em Bomfim (2008, 2010, 2014), também embasada em Espinosa e em Vygotsky, encontramos a discussão sobre afetividade como categoria que norteia as ações éticas na cidade. Assim, o envolvimento das pessoas com a cidade indica a existência de vínculos éticos, corroborando com Sawaia que a dimensão ético-política pode ser lida como uma relação afetiva com o lugar, as pessoas e as interações estabelecidas.

Com base nessas tradições teórico-filosóficas construímos a categoria analítica da afetividade, que busca conhecer e compreender as emoções e os sentimentos dos sujeitos em sua experiência de lazer no Parque Olhos D'água. Conhecer os sentimentos que as pessoas nutrem pelo parque permite compreender os significados da experiência com o lugar, afirmando a máxima espinosiana de que sentir é um modo de conhecer.

O embrião desta pesquisa surgiu no mestrado. Estudei a experiência de lazer de frequentadores de um tipo muito específico de área protegida: os jardins botânicos, misto de museu com espaço de formação e de visitação de professores e de estudantes, centro de pesquisa científica e espaço de lazer. Por assumir funções de

lazer, os jardins botânicos, em muitos casos, são confundidos com parques urbanos em suas funções institucionais.

A confusão conceitual origina-se no Urbanismo: o conceito de espaço livre, também denominado *open space*, engloba diversos usos urbanos de espaços com vegetação, sejam públicos ou privados. Em levantamentos bibliográficos à época, essa confusão, apesar de não ter sido o foco da investigação, deu visibilidade a possibilidades de pensar os usos dos espaços públicos destinados ao lazer urbano.

Observamos que o repertório metodológico de pesquisa com frequentadores de parques se repetia. As pesquisas apresentam maior recorrência nos usos sociais – infraestrutura, conservação do espaço, atividades preferenciais, locais mais utilizados – e nas percepções de seus usuários quanto a demandas, expectativas, significados, impressões (FUREGATO, 2005; DE PAULA, 2017; REGIS, 2016; INSTITUTO SEMEIA, 2019, 2020, 2021).

Com a bagagem trazida do mestrado, propomos uma investigação de grande porte sobre os usos sociais dos parques públicos do Distrito Federal. Em um primeiro momento, foi planejado um piloto de pesquisa com três parques, para, em um segundo momento, estender a pesquisa a quinze parques.

Eis que, no dia 11 de março de 2020... Decretada oficialmente, a pandemia de COVID-19 alterou todas as formas de sociabilidade. As atividades sociais de vários tipos foram suspensas, a circulação de pessoas foi muito restringida, os espaços públicos foram fechados, as normas de segurança foram estabelecidas sem ao menos entendermos com o que estávamos lidando.

Não bastasse o caos social proveniente de uma experiência histórica dessa magnitude, o Brasil encontrava-se sob a administração de um governo declaradamente neofascista. Segundo Löwy (2021), duas diferenças básicas separam o fascismo do século XX dos neofascismos do século XXI: política econômica de tipo ultraliberal e manutenção de elementos do sistema democrático, cooptando-o por dentro, para atender seus interesses. O fascismo histórico era estatista e institucionalmente antidemocrático.

Baseado na lógica neofascista, o governo brasileiro utilizou-se do negacionismo, ação sistematizada de disseminação de mentiras, e do discurso de que “a economia não pode parar” para sabotar toda e qualquer tentativa de proteção social, fosse por meio de propaganda institucional, de socorro aos mais carentes ou

de fortalecimento das políticas públicas existentes. Foi implantada no Brasil uma ação governamental desarticulada e individualista para *combater* a COVID-19.

O resultado das ações em prol da disseminação da COVID-19 ao maior número possível de pessoas são os óbitos oficiais de 700.000 pessoas. Ainda não foram contabilizados os danos provenientes de sequelas nos sobreviventes, mas já é possível vislumbrar os danos colaterais advindos do caos institucional às políticas públicas de educação, de saúde e de meio ambiente.

No meio desse caos, tentando manter a sanidade e sobreviver à pandemia, por pouco não morri de outra adversidade de saúde. Diversos ensaios de abandono do doutorado foram realizados entre 2020 e 2021. Nenhum levado adiante. A pesquisa foi redesenhada por três vezes, durante um período de completa incerteza, em que não sabíamos quanto tempo duraria a fase mais dura e restritiva da pandemia.

Ao reduzir drasticamente a dimensão da pesquisa, foi necessário redesenhar a base teórica, o que nos obrigou a verificar a revisão da literatura, momento em que me deparei com a discussão sobre afetividade e espaço e, como não poderia deixar de ser, inseri a pandemia de COVID-19 como elemento da pesquisa, pois afetada a circulação e as relações de sociabilidade, atingido foi o lazer em espaços públicos. A terceira versão resultou nesta investigação.

Assim, desenvolvemos um estudo de caso sobre a relação pessoa-ambiente em espaços públicos de lazer, cujo lócus foi o Parque Ecológico Olhos D'água, localizado na cidade de Brasília (DF). Esta investigação teve dois objetivos: compreender a experiência afetiva dos usuários com o parque que frequentam e analisar como se deu o diálogo entre lazer e afetividade no Parque Olhos D'água no contexto da pandemia de COVID-19.

A escolha pelo tema deve-se ao interesse pessoal pelos estudos do lazer na sua interface com os espaços públicos, em especial com os parques, que, historicamente, estão ligados ao lazer público. O contexto da pandemia de COVID-19 tornou essa discussão ainda mais coerente, dado que teremos de lidar com suas consequências sociais no longo prazo.

Não fugimos à tradição de mapear os usos sociais do parque, mas nos propomos a ir além ao promover o diálogo interdisciplinar entre Psicologia Ambiental, Psicologia Social de vertente histórico-cultural, Estudos do Lazer e Educação Ambiental. As discussões sobre lazer, ócio e ludicidade pouco dialogam com questões

como ambiência, identidade de lugar, enraizamento, pertencimento, apego, ambientes restauradores, estima de lugar, apropriação do espaço, afetividade.

Essas áreas têm aproximações epistemológicas: são áreas de conhecimento que se destinam a estudar um fenômeno a partir de bases interdisciplinares. Têm conceitos próprios, mas estão em constante interação e apropriam-se de outras disciplinas. Adotam um diversificado rol metodológico. Contribuir para a produção de estudos qualificados acerca das relações pessoa-ambiente em contextos lúdicos justifica esta investigação.

Como os parques brasileiros são administrados pelo Estado, em diferentes formatos e esferas, é também nosso desejo contribuir para a produção de dados de relevância pública, propiciando a adoção de metodologias para a gestão de parques, em parceria com seus frequentadores. Apropriar-se dos parques é de suma importância para a proteção desses espaços-patrimônio.

Os parques são autorizados a manter programas de EA. Aqui, defendemos a Educação Ambiental crítica, como processo formativo, que promove reflexão sobre as questões ambientais e suas correlações em nível conjuntural/estrutural. É nos espaços públicos, que propiciam encontros entre pessoas, ideias, visões de mundo e de sociedade, que a práxis educativa pode orientar o desenvolvimento de consciência crítica, a participação e a ação.

Como servidora pública que atua na área ambiental, afirmo a importância dos parques públicos na sua dupla função social de espaços de conservação da biodiversidade e de espaços públicos de lazer urbano, no processo de adaptação das sociedades à vida pós-pandemia, independentemente do contexto no qual se apresentará: controlada, dirimida ou se sua presença se fizer permanente.

A tese foi estruturada em quatro capítulos, desenhados para dar inteligibilidade à investigação. Apresentamos os caminhos percorridos, as articulações epistemológicas, os diálogos estabelecidos, a análise e a interpretação dos dados. Ao final do percurso, fazemos conjecturas e projeções para novas agendas de pesquisa.

No primeiro capítulo, discutimos os pilares para uma Educação Ambiental voltada a promover sociedades sustentáveis; contextualizamos os parques públicos como espaços sociais e discutimos o lazer público no contexto da pandemia de COVID-19.

No segundo capítulo, discorreremos sobre os principais conceitos que fundamentam a investigação, subdivididos na discussão sobre ambiente, espaço,

lugar, estima de lugar; contextualizamos a discussão sobre a categoria afetividade na Psicologia Social de vertente histórico-cultural e discutimos as dimensões individual e coletiva do lazer.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos a apresentar o lócus de investigação desta tese. Apresentamos o contexto socioambiental do Distrito Federal, com enfoque na construção da cidade modernista e de seus espaços públicos de lazer, tendo o Parque Ecológico Olhos D'água como o campo de desenvolvimento da pesquisa.

No quarto capítulo, dedicamo-nos a descrever o método, com suas subseções: a caracterização dos participantes da pesquisa, as estratégias, os instrumentos, os procedimentos para coleta de dados, como caminho percorrido para chegar à análise dos dados desta investigação.

No quinto capítulo, apresentamos os resultados, com a descrição e as análises dos dados, com base nos objetivos da pesquisa e no percurso metodológico proposto.

No sexto capítulo, realizamos a discussão referente aos objetivos gerais desta investigação, em perspectiva com a literatura referenciada e os dados obtidos na investigação.

Por fim, temos as reflexões suscitadas, além de uma breve discussão sobre as possíveis agendas para futuras investigações da relação pessoa-ambiente em espaços públicos de lazer.

1 DOMINGO NO PARQUE

O capítulo é dedicado à discussão sobre a Educação Ambiental voltada à promoção de sociedades sustentáveis. Contextualizamos os parques urbanos como espaços sociais de interação e discutimos o lazer público no contexto da pandemia de COVID-19.

1.1 Educação Ambiental para sociedades sustentáveis

A ética da compreensão é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado. A ética da compreensão pede que se compreenda a incompreensão. (MORIN, 2006).

O Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT, 2010, 2021) aponta que, em 2050, todas as regiões em desenvolvimento no planeta terão mais habitantes nas áreas urbanas do que em áreas rurais. Hoje, cerca de 55% da população mundial vive em cidades. A previsão é de que esse percentual chegue a 70% no ano de 2050.

Isso resultará em uma imensa pressão antrópica sobre os territórios e seus recursos socioambientais: produção de alimentos, espaços de moradia, sistemas sanitários, abastecimento de água e de energia, mobilidade urbana, espaços naturais dentro e fora das zonas urbanas, destinação das áreas verdes urbanas, equipamentos públicos de lazer, de educação e de saúde.

As cidades contemporâneas caracterizam-se como espaços singulares, ligados a fluxos globais, localizações geográficas conectadas pelas estruturas internacionais de produção, distribuição e consumo de bens e serviços (CARLOS, 2007; HARVEY, 1996; SANTOS, 2002). As redes internacionais de cidades se comunicam, dividindo imagens, interesses, intercambiando influências que se manifestam na dinâmica socioespacial.

Fragmentação e mundialização definem as dinâmicas das cidades contemporâneas. O local interage com o global em todas as suas expressões, sejam cooperativas ou conflituosas (HARVEY, 1996). A acumulação de capital e sua lógica de organização socioespacial produz impactos nas relações sociais, manifestadas no espaço e no lugar, no global e no local. As cidades fazem a intermediação entre o local e o global.

Assim, vivemos no local, mas a crise que nos assola é global. Nunca tivemos tanta compreensão de que compartilhamos o mesmo tempo, os mesmos problemas, que não podem ser reduzidos a questões da tecnicidade, colocando todo o pulsar social em uma posição de observadores da própria existência. Os problemas urbanos são fruto de um modelo social de organização e de uso do espaço e dos sistemas de crenças sobre a natureza.

Hoje não podemos nos referir a uma crise ambiental, mas a diversas crises ambientais engendradas por práticas socioeconômicas que devastam os espaços naturais, as formas de vida e colocam em risco nossa existência. As crises ambientais são crises dos pilares que fundamentam a sociedade moderna. A racionalidade instrumental vem sendo sistematicamente colocada em xeque.

As concepções homogêneas da realidade, baseadas no conhecimento científico que reduz fenômenos socioculturais a determinações gerais naturais, ignorando toda a rede que, de interdependências entre os elementos biológicos, psicológicos e sociais, vêm sendo sistematicamente questionadas; assim, novos modelos emergem dessa crise de paradigmas.

A questão aponta para o paradoxo entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano. O primeiro baseia-se na construção da vida preconizada pela economia de mercado e seus valores: interesse individual, cadeia produtiva e de consumo, negócios e a utilidade de bens, serviços e relações sociais. O segundo propõe a igualdade material, a sustentabilidade e a inclusão como princípios de condução das relações.

Nas sociedades modernas, a autonomização das esferas da vida provocou uma ruptura no tripé ético que sustentava a relação sujeito-comunidade-planeta. A ciência moderna rompeu a relação entre agir e refletir sobre a ação, entre juízo de fato e de valor. A crise da ética configura-se em uma crise das certezas estabelecidas pelo desenvolvimento como modelo de vida (MORIN, 2017).

Em uma crise da religação indivíduo-espécie-sociedade, é preciso regenerar o circuito de religação, as fontes de sua existência. A dinâmica de formação da vida constitui-se na dialogia entre o que se separa, fragmenta, dispersa e o que reúne, associa, integra, seguindo uma lógica de ordem, desordem, interação, organização (MORIN, 2017).

As certezas prometidas pela sociedade industrial, pelo progresso, pela tecnociência, pela distribuição bem definida de poder, de recursos sociais e de

controle sobre os fenômenos naturais já não se sustentam. O progresso econômico como mola propulsora do desenvolvimento não garante o alcance do bem-estar social, o acesso e a distribuição justa dos bens e serviços.

Os modelos de desenvolvimento vigentes vêm gerando problemas de grandes proporções, cujos efeitos se expandem em nível local e global. Assim, para os problemas ambientais, existem normativos internacionais com aplicação local, caso das diretrizes para Educação Ambiental, definidas em eventos e tratados internacionais, que se destinam a estabelecer princípios de orientação para a ação coletiva.

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (TEASS) é um documento coletivo cujo intuito é promover a Educação Ambiental formal e informal, para construir um processo educativo transformador, por meio de práticas locais, orientadas por princípios e por diretrizes definidos e defendidos no coletivo internacional de educadores ambientais.

O TEASS é um documento reflexivo, elaborado coletivamente, que reconhece a educação como um processo social, dinâmico e em constante transformação, garantindo, assim, o papel central dos processos formativos, sejam de ordem formal ou informal, para a construção de valores e de ação social comprometidos nas dimensões individual, comunitária, nacional e internacional.

Em paralelo à Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CNUMAD)¹, a sociedade civil planetária organizou o Fórum Global, uma conferência que teve como objetivo reunir a sociedade civil em torno das temáticas ambientais que atingem as pessoas comuns. Educadores ambientais do mundo reuniram-se para elaborar o TEASS, a fim de construir um alicerce de fundamentos para a ação coletiva em nível internacional.

O TEASS está alicerçado em três conceitos basilares: Educação Ambiental, sociedades sustentáveis e responsabilidade global. A Educação Ambiental é vista sob uma perspectiva holística e interdisciplinar, que busca compreender como as

¹ A Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Rio-92, foi organizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), na cidade do Rio de Janeiro, em 1992, com a intenção de promover debate internacional sobre a relação entre meio ambiente e desenvolvimento, com o intuito de contribuir para a construção integrada de um modelo de desenvolvimento sustentável.

sociedades humanas afetam e são afetadas em seus ambientes de existência. Assim, diferentes modalidades do conhecimento humano dialogam entre si.

Apesar de não excluir vertente alguma do pensamento em Educação Ambiental², o TEASS assume posição crítica, reflexiva e interventiva, que se propõe transformar as sociedades por meio da participação cidadã e consciente de suas escolhas, pois compreende a educação como um ato político. Assim, princípios de base democrática como a solidariedade, a igualdade e os direitos humanos são pilares da mediação entre culturas.

A concepção de sociedades sustentáveis é uma crítica ao modelo de desenvolvimento sustentável, que centraliza as questões ambientais no modelo capitalista de uso de bens e de recursos naturais (LOUREIRO, 2009). A sustentabilidade tem dimensões que devem ser trabalhadas em conjunto: ecológica, social/ética e política. Assim, garantem-se a manutenção e o uso racional dos recursos para essa e para futuras gerações (SACHS, 1993).

A concepção de sociedades sustentáveis leva em consideração os contextos locais de manejo dos recursos naturais, vinculando os processos produtivos ao contexto histórico, social e ambiental dessas sociedades. Por reconhecer a diversidade existente, estabelece princípios para nortear as ações locais de intervenção (DIEGUES, 1996; FERREIRA; VIOLA, 1996).

Assim, o TEASS, por meio da concepção de sociedades sustentáveis, vincula o local ao global, pois leva em consideração as dinâmicas dos grupos humanos em seus ambientes na busca por resolver seus problemas, utilizando-se de estratégias variadas que envolvem os saberes sociais e científicos, as relações de poder e a participação em sua diversidade de formas (TEASS, 1992).

Como afirmam Ferreira e Viola (1996), apesar de ser um conceito em construção, sociedade sustentável observa os fatores ligados à qualidade de vida, tais como saúde, saneamento, longevidade, acesso à educação e ao lazer, vínculos sociais comunitários, participação social. Ao enfatizar a necessidade de gerar uma vida mais justa, com qualidade no acesso a bens e serviços coletivos, o TEASS aponta para o importante papel da Educação Ambiental como mediadora da relação dos sujeitos com as instituições.

² Sauv  caracteriza a educa o ambiental em quinze correntes, entendidas como formas de conceber e de aplicar a educa o ambiental, em que diferentes correntes podem partilhar das mesmas posi es. Essas correntes s o agrupadas como conservacionista, sociocr tica e  tica.

O TEASS, em seu plano de ação, afirma a necessidade de fortalecimento dos movimentos sociais, por serem “espaços privilegiados para o exercício da cidadania e melhoria da qualidade de vida e do ambiente” (TEASS, 1992, p. 4), ao apontar que é pelas ações coletivas que se potencializa a transformação social, envolvendo as bases, por meio de práticas democráticas de participação, baseadas na pluralidade e na diversidade que constituem as sociedades humanas.

O conceito de sociedades sustentáveis incorpora as dimensões da vida cotidiana sem desvinculá-las das questões ambientais globais. Assim, o TEASS aponta a responsabilidade global das sociedades para com o planeta. “Consideramos que a preparação para as mudanças necessárias depende da compreensão coletiva da natureza sistêmica das crises que ameaçam o futuro do planeta” (TEASS, 1992, p. 1).

O TEASS aponta para a Educação Ambiental como um conjunto de princípios, de metas e de planos de ação que orientam uma ética ambiental global, voltada à participação cidadã local e planetária. É nas interações, no aprimoramento individual e nas ações coletivas que a Educação Ambiental se realiza como exercício de cidadania e de superação das lógicas econômicas de mercado como organizadoras do social.

O TEASS definiu o marco político para atuação em Educação Ambiental, orientando todos os normativos brasileiros da área (CARVALHO, 2008; LOUREIRO, 2009). Em uma via de mão dupla, a Educação Ambiental voltada às sociedades sustentáveis deve se preocupar com a comunicação dialógica de conhecimentos voltados ao desenvolvimento de habilidades, de valores e de atitudes que subsidiem ações qualificadas à tomada de decisões e à resolução de problemas.

Uma educação voltada às sociedades sustentáveis encontra-se em oposição às lógicas de mercado, sustentadas em abordagens individualistas, competitivas e degradadoras da cooperação humana em seus aspectos mais básicos: o reconhecimento da existência do outro e de nossa capacidade de estabelecer diálogos intra e interculturais. As relações sociais não se originam de proposições técnicas, mas de intenções e ações concretas.

A consciência histórica das práticas em que os sujeitos estão envolvidos move seu desenvolvimento. Princípios como os de emancipação, corresponsabilidade, sustentabilidade, cooperação e solidariedade implicam atitudes pessoais e coletivas que conferem ação, concretude e realismo à construção de um contexto sustentável.

Faz-se necessária a orquestração entre pensamentos, sentimentos e comportamentos voltados à transformação da realidade.

O percurso dos processos educacionais é mais significativo que seu destino. O caminho é mais importante que o ponto de chegada. Como processo formativo, a Educação Ambiental para sociedades sustentáveis exige comprometimento individual e coletivo dos sujeitos envolvidos. Imersos e interagindo em seus ambientes, os sujeitos provocam a desestabilização necessária para a emergência de novas perspectivas.

A participação é amplamente incentivada, como um dos pilares da Educação Ambiental para sociedades sustentáveis. Sob a perspectiva da formação dos sujeitos ecológicos, implica nas habilidades sociais dos sujeitos para identificar problemas e mobilizar seu entorno a intervir em prol da resolução deles (CARVALHO, 2008).

Em uma visão espinosiana, adotada nesta investigação, a participação é inerente à experiência humana, pois se origina em seu fortalecimento pessoal, surge do conhecimento acerca de suas habilidades, capacidades e talentos, da posição social que ocupa e de todas as potencialidades que advêm desse aprofundamento da consciência de si.

Nesta investigação, a estima de lugar pelos parques está relacionada à fruição do lazer como experiência afetiva. Se é em nível local que atuamos, é nos espaços públicos que a vida urbana se realiza, em sua apropriação, como lugares de bons encontros, feitos para incentivar bons encontros.

1.2 Parques urbanos

Contra o céu de chumbo
aquelas árvores
desesperadamente verdes!
(QUINTANA, 1998)

O conceito de parque é de complexa construção, pois, a depender do contexto histórico e urbanístico de sua produção, assume uma diversidade de formas e de funções sociais, com a predominância e/ou sobreposição de uma dinâmica sobre as demais (SCALISE, 2002; SCOCUGLIA, 2009; SILVA; PASQUALETTO, 2013), o que revela as metamorfoses históricas pelas quais as cidades e os usos sociais de seus espaços vêm passando.

O conceito moderno de parque o define como um espaço livre público, destinado ao lazer urbano, estruturado por vegetação, independente da malha urbana e com potencial conservacionista (KLIASS,1993; MACEDO; SAKATA, 2010; MAGNOLI, 2006; SCALISE, 2002). Os parques foram criados objetivando o lazer contemplativo, em um primeiro momento, destinado às elites e, depois, estendidos às populações urbanas, para as práticas de lazer e recreação, além da proteção de recursos naturais.

O parque moderno foi elaborado no contexto histórico da industrialização e da urbanização ocidental, é produção do pensamento urbano e orientou a ação pública na ocupação espacial das cidades. Duas correntes se destacam: a europeia, representada pelas experiências inglesa e francesa, e a estadunidense dos séculos XVIII e XIX, que tem como base as representações modernas da paisagem natural.

O parque urbano europeu tem suas raízes entre os séculos XVIII e XIX, na Inglaterra e na França, compondo a estrutura urbana das cidades industriais, que cresciam de modo descontrolado e concentravam problemas, como o aumento populacional advindo do êxodo rural, condições insalubres de habitação, de alimentação e de trabalho, ausência de sistemas de saneamento básico, o que confluía em uma diversidade de problemas socioambientais.

Os parques ingleses surgiram no século XVIII, como um espaço para a sociabilidade das elites locais (SEGAWA, 1996). Jardins particulares e antigos campos de caça são abertos ao público, gerando espaços de encontros sociais entre as aristocracias e a ascendente burguesia, marcando o espaço urbano, mas não o desenvolvendo como espaço democrático, de acesso a diferentes estratos sociais.

A França do século XVI produziu alguns dos jardins mais importantes da história do paisagismo moderno. É entre os séculos XV e XVI que se tem registro na Europa dos projetos arquitetônicos em que os jardins são extensões das residências, integrando arquitetura e paisagem. Os jardins franceses descendem dos jardins italianos do Renascimento. Os parques terão como referência estética a tradição pitoresca.

A reforma ocorrida na cidade de Paris entre os anos de 1850 e de 1871 tinha por finalidade redesenhar a cidade, justificada pela necessidade de melhor assentar os grandes contingentes populacionais migrados do campo. O foco da reforma foi a produção das grandes obras de infraestrutura urbana: sistema viário, sanitário,

iluminação pública, abastecimento de água, arborização e implantação dos mais antigos parques públicos do país.

Na prática, a reforma de Paris, além de outras que se sucederam em cidades europeias e latino-americanas, foi uma grande mobilização estatal para definir a ocupação territorial e produzir paisagens urbanas modernas, delimitando assim os usos sociais do espaço, no qual os parques públicos tinham a importante função de “higienizar” a cidade e, conseqüentemente, sua população.

Nos Estados Unidos, o movimento de parques americanos – Parks Movement – liderado por um grupo de arquitetos-paisagistas, sendo o mais conhecido Frederick Law Olmsted, produziu sistemas interligados de parques, conjugando a preservação dos recursos naturais contidos nas cidades, combinados com equipamentos de lazer público.

O Parks Movement mudou a concepção de qualidade ambiental urbana, sem, no entanto, mudar a perspectiva idealizada de natureza. O tratamento paisagístico confere aos parques um ar bucólico, oferecendo, assim, um cenário a ser apreciado por seus frequentadores (MAGNOLI, 2006). Para “escapar do urbano”, os parques são espaços para usufruir da vida urbana e da diversidade que ela oferece.

Reservo a palavra parque para lugares com amplitude e espaço suficientes e com todas as qualidades necessárias que justifiquem a aplicação a eles daquilo que pode ser encontrado na palavra cenário ou na palavra paisagem, no seu sentido mais antigo e radical, naquilo que os aproxima muito de cenário. (MAGNOLI, 2006, p. 18).

Os parques públicos foram criados para atender às populações urbanas no final do século XIX, como um equipamento ligado ao lazer, à recreação, à proteção de recursos naturais, atendendo a finalidades do planejamento urbano, mas também como parte da infraestrutura de saneamento, tão necessária quanto a captação de água e o tratamento de esgoto, sendo tendo sido considerados equipamentos de saúde pública.

Para além das funções de ocupação territorial e de saúde pública, os parques públicos atendiam a finalidades de cunho “civilizatório”. O termo aqui é usado no sentido elaborado por Norbert Elias (1990), como um processo de longa duração que moldou as instituições sociais de modo contínuo para o exercício do controle de padrões comportamentais aos indivíduos, evidenciados em códigos corporais e de condutas psicológicas.

Assim, os controles sociais do comportamento foram sendo modelados e internalizados às massas camponesas assentadas nos centros urbanos. Era preciso criar um jeito urbano de ser. Os espaços públicos, de trabalho, de lazer, de formação educacional, de moradia, de circulação, foram fundamentais nesse processo de controle social das massas e de “reinvenção” da tradição urbana na vida moderna.

Na América Latina, há registro de espaços ajardinados desde meados do século XVI, nas colônias espanholas, e a partir do século XVII, no Brasil, com a construção de passeios, pomares, jardins e parques públicos³ (SEGAWA, 1996). Os espaços ajardinados foram registrados no Recife do século XVII, durante a ocupação holandesa. O primeiro parque em território brasileiro foi o Passeio Público do Rio de Janeiro, construído a partir de 1783 (SEGAWA, 1996).

Os parques públicos brasileiros não foram criados com as finalidades urbanísticas dos europeus, pois o processo de urbanização não se encontra relacionado à industrialização, considerada tardia, se comparada à Europa Ocidental. No Brasil, os espaços ajardinados visavam a atender às necessidades de áreas para contemplação e para sociabilidade voltados aos interesses das elites locais (SEGAWA, 1996).

Na primeira metade do século XX, os parques estavam concentrados no centro e nos bairros de classe média e alta. Somente após a Segunda Guerra Mundial, quando, de fato, o Brasil se urbanizou, parques foram construídos para atender demandas de massa das populações urbanas, unificando funções de lazer, culturais e esportivas. Macedo e Sakata (2010) apontam que o crescimento populacional e a escassez cada vez maior de vazios urbanos tornaram os parques uma necessidade social.

A hibridização das funções sociais dos parques nas cidades há tempos rompeu a fronteira conceitual entre parque ecológico e parque urbano. O primeiro tem, como um tipo de área protegida, finalidades conservacionistas. O segundo, finalidades de sociabilidade, recreativas, de lazer contemplativo, proteção de recursos naturais e ordenamento urbano. No contexto urbano, esses conceitos se fundem. E se confundem.

³ Importante frisar que o conceito de público nesse período não envolve a universalização do acesso aos espaços de lazer, restritos às elites locais.

Uma grande contribuição do século XX para o conceito de parque urbano foi associar a função de lazer à conservação de recursos naturais – estratégia benéfica para ambos os propósitos. (SAKATA, 2018, p. 85).

O conceito de parque do século XIX e de parte do século XX, um espaço físico isolado no ordenamento urbano local, fundamentado na presença de elementos naturais, com tratamento paisagístico, já não abarca a diversidade de espaços urbanos destinados ao lazer e à recreação (SAKATA, 2018). O conceito tradicional não corresponde a toda a diversidade de parques existentes e de espaços públicos que têm uso social de parque.

Assim, novos modelos vêm surgindo, adaptando-se às mudanças nas cidades globais, em que o espaço público vem sendo devorado pelos interesses econômicos. Vemos surgir desde parques lineares construídos em locais abandonados, sem vegetação e sem isolamento físico para acesso, com elementos estéticos de diferentes estilos⁴, até *small parks*, pequenos espaços ajardinados nos topos de edifícios.

No Brasil, dois fenômenos sociais contribuíram para essa mudança: a demanda por novos espaços públicos de lazer nos centros urbanos, que ampliou o perfil de frequentadores e gerou acesso, antes inexistente, em diversas partes das cidades, e a necessidade de proteger recursos naturais para conter a urbanização descontrolada, a expansão imobiliária e a degradação do espaço urbano.

Um terceiro fenômeno refere-se ao protagonismo que os movimentos ambientalistas ganharam entre os anos 1980 e 2000. O advento da Rio-92, a produção dos grandes documentos orientadores das ações ambientais em nível mundial, a participação ativa da sociedade civil, formavam um contexto impulsionador para a criação de parques e de outras modalidades de unidades de conservação no país, que propiciou a ampliação dos normativos ambientais nacionais.

Sakata (2018) aponta ainda um quarto fenômeno que impulsionou a produção dos parques brasileiros contemporâneos: a criação de parques como mecanismo de compensação ambiental pela geração de moradias. A considerável expansão de habitações, por meio do incremento de políticas públicas habitacionais de 2000 a 2017, gerou a criação de parques em bairros onde não existiam espaços de lazer.

⁴ Macedo e Sakata apontam que os parques brasileiros se dividem em três estilos: ecléticos, modernos e contemporâneos.

O impacto do incentivo estatal à expansão do setor imobiliário para atender a imensa demanda habitacional reprimida há décadas nas cidades brasileiras gerou processos de compensação ambiental destinados à criação, à expansão e à recategorização de parques nas capitais brasileiras, sem planejamento prévio e sem preocupação com a futura gestão desses espaços (SAKATA, 2018).

A criação dos parques fugiu dos espaços definidos pelo tradicional conceito de parque urbano, saindo dos bairros de classe média para as periferias. Ao ampliar o perfil de frequentadores e o acesso a espaços públicos de lazer inexistentes em diversas partes das cidades, a função social dos parques se sobrepôs à sua forma histórica – espaço isolado da malha urbana, necessariamente com vegetação e de acesso às camadas sociais mais abastadas.

Sakata (2018) propõe uma atualização do conceito de parque, definindo-o não pela sua forma, mas pela sua função social, unificando as finalidades do parque urbano e do parque ecológico. Assim, o parque é o ponto de convergência entre áreas verdes, espaços naturais destinados à conservação e espaços públicos de lazer no sistema de espaços livres⁵ públicos.

O parque urbano contemporâneo brasileiro é uma figura híbrida que resultou na fusão dos conceitos de parque urbano, destinado à recreação de massa, com o parque natural, destinado à conservação ambiental. Da fusão destes conceitos surgem parques como grandes reservas no meio urbano; pequenos bosques em áreas periféricas e parques lineares de beira de rio. (SAKATA, 2018, p. 86).

A democratização do acesso aos parques, produzida pelos fatores descritos, é uma demanda há muito provocada, ao apontar a sub-representatividade desses equipamentos públicos nas periferias dos centros urbanos brasileiros. Sakata (2018) aponta que, para além de sua criação, é preciso administrá-los. O grande desafio é fazer uma gestão pública, democrática, compatível com suas funções sociais.

Assim, os parques urbanos erguidos ou refuncionalizados pelas elites no processo higienista, adquiriu nas duas ou três últimas décadas outros interesses e funções, associados aos interesses coletivos em detrimento do particular, às questões públicas e não privadas. (PACHECO; RAIMUNDO, 2014).

⁵ Espaços livres, também denominados de *Open Spaces*, são áreas não construídas de uma cidade, cuja propriedade pode ser municipal, estadual, federal ou particular. Uma vez destinados à conservação, ao paisagismo urbano ou ao lazer público, são denominados de áreas verdes, apresentando-se no formato de praças, parques, jardins, passeios, arboretos, jardins botânicos (CAVALHEIRO; DEL PICCHIA, 1992; LIMA et al, 1994; SANCHOTENE, 2004; TOLEDO; SANTOS, 2008).

Há também fortes críticas à concepção de parque como simulacro da natureza. Gomes (2014) aponta que a criação de parques carrega em si a contradição de serem produzidos a partir de espaços vazios, em que os padrões estéticos se sobrepõem às questões conservacionistas. Castelnou Neto (2005) aponta para o uso das paisagens urbanas – o que inclui os parques, consumidos como mercadorias, por meio de um uso fugaz e descomprometido.

Serpa (1997) aponta que os parques têm sido usados na gestão urbana como instrumentos para especulação econômica do território. O forte discurso higienista é resgatado para atender interesses especulativos imobiliários, encarecendo a vida local. Sakata (2018) chama a atenção para o fato de que a valorização das regiões onde parques são criados promove sua valorização como um todo e não apenas de modo localizado.

Assim, os parques como paisagens urbanas ganham valor social, cultural, econômico e ecológico. Para Cauquelin (2007), as paisagens como produto de representação e de realidade unificadas pela concepção de perspectiva são fruto da produção histórica de sistemas simbólicos que produzem o gosto estético e as sensibilidades cotidianas, mediadas pelas representações da natureza.

Os processos sociais que produzem a espacialidade estão permeados pela cultura e conseqüentemente, por toda a pluralidade humana. Claval define cultura como a “soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte dela” (CLAVAL, 1999, p. 79).

Em Berque (1998), a paisagem é o encontro das interações humano-espaciais. A paisagem, como marco e matriz, representa a interação entre estruturas e formas com as percepções e as representações sociais do espaço. A paisagem está materializada, escrita na forma e significada na função social de sua apropriação. A paisagem é marco e matriz da cultura, pois revela os sentidos que uma sociedade produz em sua relação com a natureza.

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não apenas a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo). (BERQUE, 1998, p. 87).

Assim, sociedade e paisagem são uma unidade integrada, em que os sentidos se encontram nas influências recíprocas dessas interações (BERQUE, 1998). A paisagem está nas mentes dos sujeitos, compondo, assim, a sua subjetividade. O sentido estético de uma paisagem é produzido nos pensamentos e nos sentimentos despertados. Desse modo, para ler a paisagem, é preciso experimentar as suas facetas histórica, psicológica, estética, cultural.

Em Schama (1996), a produção da paisagem é, antes de tudo, uma obra da mente, expressando os sistemas de crenças que envolvem a relação com a natureza. A produção das paisagens é socialmente construída e reconstruída no tempo, em uma constante construção de sentidos que envolvem elementos materiais e simbólicos da intervenção humana nos espaços. Seu caráter simbólico é de sacralidade.

Para Magalhães (2015, p. 27), “a paisagem é uma natureza que poderia ser ordenada, organizada esteticamente e, por conseguinte, admirada e não temível por ser selvagem e intocada”.

Andreotti (2010) defende que as culturas humanas são expressões éticas que se realizam por meio de padrões de costumes e valores, orientando pensamentos, sentimentos e comportamentos, modelando a materialidade dos lugares. Assim, uma ética da paisagem produz sua estética, o que torna impossível separar a produção da paisagem do humano, pois ela é psique, é alma, é diálogo entre natureza e espírito.

Os parques são produções humanas de paisagens urbanas que, a despeito de serem lidas sob perspectiva urbanística, geográfica e de gestão, necessitam ser lidos sob a perspectiva da experiência. Os benefícios psicossociais e sociais devem ser inseridos nessa equação. Viegas, Silva e Elali apontam:

[...] a importância de o ser humano usufruir de áreas livres para manter seu equilíbrio físico e mental, em especial as que permitem contato com a natureza, que além de proteger a biodiversidade, funcionam como restauradores da saúde pois afastam os estressores urbanos, alimentam o simbolismo, a liberdade e o prazer. (VIEGAS; SILVA; ELALI, 2014, p. 306).

A experiência em parques aponta para a redução dos níveis de estresse e de restauo da atenção, por meio do contato com as paisagens naturais e seus elementos (KORPELA et al, 2010; RYAN et al, 2010). Chiesura (2004) afirma que o contato com os elementos naturais encontrados nos parques traz benefícios sociais e psicológicos

a seus frequentadores. O parque como uma modalidade de ambiente restaurador é um campo a ser explorado.

As relações afetivas dos sujeitos pelos espaços públicos de lazer que frequentam, no caso desta investigação, um parque ecológico, é uma proposta de contribuição para leituras psicossociais e socioafetivas da paisagem urbana e das experiências nela vividas, buscando a compreensão dos afetos envolvidos na relação com os parques: paisagens urbanas por excelência.

1.3 Tempo de pandemia... tempo de lazer!

O isolamento nos tornou subitamente reclusos dentro de nossa própria casa e às vezes dentro de nós mesmos. (MORIN, 2021)

Definir os aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos que contextualizam um fenômeno de proporções incomensuráveis como uma pandemia e suas implicações no tempo e no espaço de nossa existência é uma árdua tarefa. Perguntamo-nos sobre as configurações sócio-históricas⁶ que modelam as experiências de lazer em tempos de pandemia.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu que o contágio de pessoas por doença infecciosa em estado de contaminação comunitária pelo vírus SARS-CoV-2 havia sido registrada em todos os continentes e decretou pandemia da doença do novo Coronavírus, nomeada por COVID-19⁷ (WHO, 2021). O Brasil registrou o primeiro caso em 26 de fevereiro de 2020 (PORTAL UNA-SUS, 2020; FOLHA DE S. PAULO, 2020).

Uma série de ações recomendadas pela OMS foram adotadas em diferentes países para conter a transmissão da COVID-19: fortalecimento da higiene pessoal; uso de máscaras de proteção facial em locais de circulação de pessoas; fechamento dos serviços considerados não essenciais; gradações de restrição à circulação em lugares públicos, limitando as saídas apenas para compra de produtos de primeira necessidade e emergências hospitalares.

⁶ Termo cunhado pelo sociólogo Norbert Elias para definir os aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos que contextualizam um fenômeno.

⁷ A sigla COVID significa COrona VÍrus Disease. O número 19 refere-se ao ano de 2019, quando os primeiros casos foram registrados na cidade chinesa de Wuhan (FIOCRUZ, 2020).

Os impactos da pandemia foram sentidos em escala mundial: uma queda exponencial nos fluxos econômicos internacionais que orientam as diversas atividades socioeconômicas provocou perdas abruptas de emprego e renda. Setores inteiros foram paralisados no planeta, em especial os setores ligados ao oferecimento de serviços como educação, lazer e turismo (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020; IPEA, 2021).

A pandemia ampliou o fosso social existente dentro dos países e entre países. Os processos de ampliação da desigualdade no acesso aos recursos básicos de saúde, proteção social, educação, geração de emprego e renda, atividades informais, já muito acentuados por orientações econômicas de base neoliberal, foram agudizados no processo de restrições impostas pela COVID-19 (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020; IPEA, 2021).

Os impactos diretos da pandemia no comportamento social provocaram a mudança para atividades domiciliares, a proliferação do uso de serviços *online*, a necessidade crescente de conectividade, a desigualdade acentuada em todo o acesso a serviços públicos, a intensificação das estratégias virtuais de sobrevivência da indústria do lazer, a maior demanda por apoio psicológico e atos aprimorados de ajuda e voluntarismo (SIVAN, 2020).

As medidas sanitárias para controle da pandemia, fundamentadas no isolamento físico e no distanciamento social, restringiram consideravelmente o acesso aos espaços públicos de lazer como praças e parques. Por serem espaços de encontros sociais, sofreram maiores restrições. O distanciamento configura-se em um tipo de punição social sem que tenha havido infração para justificá-la (ARAGONÈS; SEVILLANO, 2020).

Os impactos da pandemia na saúde mental das populações vêm sendo estudados em várias partes do mundo. A primeira pesquisa de caráter transversal sobre a relação entre COVID-19 e saúde mental foi realizada de forma colaborativa por cientistas de 11 países, entre eles, pesquisadores brasileiros, em meados de 2020, no auge da pandemia, de modo remoto, junto aos participantes (DING et al, 2021).

A investigação teve como base a comparação entre os sintomas de ansiedade e de depressão a partir da exposição pessoal entre suas populações durante o período de aplicação de medidas mais restritivas para controle da COVID-19. Os participantes brasileiros apresentaram os mais altos sintomas de ansiedade e de depressão, enquanto os participantes de Cingapura apresentaram os índices mais baixos (DING et al, 2021).

A pesquisa desenvolvida por Ornell et al (2021) sobre a mesma temática aponta para a dificuldade das pessoas em lidar com as incertezas que giram em torno de uma situação sobre a qual não têm qualquer tipo de controle e dependem da ação de outrem para garantir sua segurança. A percepção acerca do maior risco de exposição à COVID-19 foi associada ao aumento dos sintomas de ansiedade e de depressão (DING et al, 2021).

Menezes, com base no estudo de 12 artigos publicados em 2020 sobre os impactos da pandemia na saúde mental e no lazer, aponta indícios de forte impacto na saúde mental das populações. “Estudos em diferentes países mostram que, independentemente do local onde a pandemia se estabeleceu, houve alterações significativas na saúde mental da população, principalmente em relação ao estresse, ansiedade e depressão” (MENEZES, 2021, p. 427).

A humanidade lida com experiências epidêmicas há tempos. Tanto o deslocamento regular, quanto a formação de assentamentos humanos, geraram interações que, por inúmeras motivações (alterações ambientais, comércio, fuga da fome ou de guerras, expansão territorial), deslocavam-se e levavam consigo microrganismos⁸ que se tornavam altamente letais no contato com organismos com os quais não interagem (UJVARI, 2021).

A profunda desigualdade social, refletida na ausência de estruturas sanitárias, associada a fragilidades de indivíduos no contato com novos microrganismos, criou as condições para a propagação de epidemias como a cólera, a varíola, a hanseníase, a peste bubônica, a tuberculose, a sífilis, a aids, o ebola, a gripe. As epidemias têm profunda relação com os contextos socioeconômicos em que viviam as sociedades que por elas foram vitimadas (UJVARI, 2021).

Os registros sobre epidemias geraram aprendizagens. Ações como a quarentena⁹ e o uso de máscaras, cuja “invenção” é datada da epidemia de peste bubônica na Europa medieval, fechamento de locais públicos, higiene pessoal, desinfecção de utensílios, isolamento dos infectados, usados nas pandemias de

⁸ Microrganismo é um organismo microscópico, que pode existir em sua forma unicelular ou em uma colônia de células. Eles vivem em quase todos os habitats existentes no planeta. Os micróbios são importantes na cultura e na saúde humana de várias maneiras: fermentação de alimentos, tratamento de esgoto, produção de combustíveis, enzimas e outros compostos bioativos, além de comporem a biota humana. Grande parte dos processos de adoecimento advém do contato com microrganismos letais à espécie humana (UJVARI, 2021).

⁹ Quarentena é o isolamento de indivíduos ou grupos humanos e animais pelo período de suspeita de incubação de um vírus. O marco de contagem é o contato com o último caso registrado ou a partir de sua saída de locais contaminados (UJVARI, 2021).

tuberculose, gripe espanhola e outras, são experiências acumuladas às quais se recorre para saber o que fazer e como agir (SCHWARCZ; STARLING, 2020; UJVARI, 2021).

A pandemia de COVID-19 não é a primeira experiência histórica das sociedades modernas com uma doença avassaladora. Antes tivemos varíola, tifo, sífilis, malária, dengue, tuberculose, aids. A pandemia de gripe, também conhecida como doença bailarina ou gripe espanhola, ocorrida entre os anos de 1918 e de 1920, foi das experiências mais marcantes do século XX, em um mundo recém-saído da Primeira Guerra Mundial. Schwarcz e Starling (2020) apontam semelhanças e diferenças entre os episódios históricos.

Nessas horas o receio da morte, a perda de referenciais afetivos levam a muita desagregação social, e não poucas vezes escancaram a falência das instituições, dos recursos e das políticas de saúde. (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 324).

Entre as semelhanças estão os perfis das vítimas, formado por brasileiros negros, pobres, indígenas e periféricos, a propagação de medicamentos ineficazes, a ausência de articulação governamental em nível nacional, a disseminação desarticulada de informações, a propaganda e prescrição de medicamentos ineficazes e a negação da tragédia por parte das autoridades públicas (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

E entre as diferenças, em 1918, apesar de não haver uma concertação nacional orientando as ações governamentais, os governadores utilizaram-se do conhecimento acumulado de médicos sanitaristas para enfrentar e controlar a pandemia. Houve ação direta das comunidades científicas e de conselhos médicos na negativa de prescrição de medicamentos ineficazes, publicizados à época, tais como o sal de quinino e o comprimido cloroquino (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Em 1918, os registros sobre o ocorrido aos povos indígenas são esparsos (SCHWARCZ; STARLING, 2020). Em 2020, a infraestrutura de saúde pública foi enviada apenas aos que vivem em áreas demarcadas (MAGRINI; BORRMANN, 2020). Junte-se a isso um projeto governamental de destruição de áreas protegidas sem precedentes, além de se proteger da pandemia, indígenas tiveram de se proteger do governo federal, que foi denunciado ao Tribunal Internacional de Haia por crime de genocídio.

À luz da configuração sócio-histórica brasileira, o país encontrava-se sob a administração de um governo populista de caráter neofascista. Casarões e Magalhães (2021) apontam que a pandemia de COVID-19 tornou superlativa uma característica dos neofascismos ascendentes no mundo nos últimos dez anos, que é a forma de disputar uma concepção de verdade, produzindo discursos alternativos ao das instituições reconhecidas como legítimas.

Em 2020, o governo federal recusou-se a orquestrar as ações de combate à pandemia, tentou sabotar iniciativas locais, produziu e distribuiu medicamentos cuja eficácia não tinha comprovação científica, atrasou a compra de vacinas e dificultou sua produção em território nacional, difundiu informação falsa nos meios de comunicação governamental, ridicularizou as mortes e as sequelas deixadas nos sobreviventes.

Dada a configuração sócio-histórica da pandemia de COVID-19, que tempos, formas e sensibilidades o lazer adquiriu? Elias e Dunning (1992) afirmam que as experiências de lazer em qualquer contexto são ligadas a outros tempos e formas de expressão lúdica pela necessidade humana de prazer, satisfação e contentamento que elas proporcionam a indivíduos e grupos, caracterizando-se como elementos de humanização.

As medidas para conter a transmissão da COVID-19 transformaram radicalmente o cotidiano. Isolamento físico e distanciamento social tornaram-se ações de segurança coletiva, atingindo as diversas formas que a sociabilidade humana assume, pois interferiu diretamente nas rotinas pessoais e sociais. A casa absorveu os tempos de trabalho e restringiu as vivências de lazer ao seu espaço físico, impulsionando o lazer virtualizado e as interações 'em rede'.

O distanciamento social fez da casa o espaço de lazer, aumentando sua residencialização e virtualização (MONTENEGRO; QUEIROZ; DIAS, 2020). Esse processo, ao mesmo tempo em que gerou isolamento físico, fortaleceu as interações sociais no espaço público virtual, consolidando uma tendência já captada em estudos sociológicos e psicossociais desde o início dos anos 2000 (BAHIA, 2014; GARMATTER; CARNEIRO; CORTIANO, 2020).

Estudos sobre lazer e virtualização das relações sociais vêm apontando para um crescimento do protagonismo dos ambientes domésticos em vivências lúdicas por conta da baixa qualificação dos espaços públicos, de sua elitização em espaços privados e da dificuldade de acesso ao público, além da forte sobrecarga de trabalho

promovida pela desregulamentação das leis e do desenvolvimento das mídias sociais como mecanismo de sociabilidade (MARCELLINO, 2006; SCHWARTZ; MOREIRA, 2007; ZINGONI, 2008).

[...] virtualidade como mediadora das vivências de lazer, a qual, por um lado, pode gerar experiências estéticas, críticas e criativas nesse contexto, mas também reforçar a desigualdade de acesso, dadas as condições díspares de disponibilidade de meios virtuais para a prática do lazer. (MONTENEGRO; QUEIROZ; DIAS, 2020, p. 14-15).

O lazer é caracterizado como uma dimensão ligada à cultura, que possibilita a fruição de vivências lúdicas em um tempo disponível, conforme preferências e repertórios à disposição dos sujeitos (BRAMANTE, 1998; CUENCA, 2016; DUMAZEDIER, 1994; GOMES, 2014; MARCELLINO, 2006). O isolamento afeta um dos pilares da concepção do lazer como fenômeno social contemporâneo, que é a liberdade de escolha sobre como dispor do tempo – social ou psicológico – que se tem para o lazer.

Dadas as restrições de circulação e de acesso a recursos sociais, a redes de sociabilidade e a tecnologias de comunicação e informação, a residencialização do lazer foi adaptada aos lazeres passíveis de realização no espaço domiciliar. Conteúdos culturais¹⁰ físicos, manuais, artísticos, intelectuais, sociais e virtuais (DUMAZEDIER, 1980; SCHWARTZ, 2003) se manifestaram nas experiências vividas durante a pandemia entre os grupos mais abastados.

Os tempos e os ritmos da pandemia têm distintas interpretações. O que, para alguns, era uma celebração da casa e da vida doméstica, para outros, foi um aprisionamento (KUMM; PATE; SCHULTZ, 2021). A casa tornou-se o espaço de todas as interações sociais. Redes sociais, aplicativos de interação, festas de aniversário *online*, baladas *online*, clubes de leitura *online*, forjaram o lazer na pandemia. Crianças nascem no auge do isolamento e seus parentes os conhecem por chamada de vídeo. Artistas migram seus eventos para *lives* em redes sociais.

Surgem os relatos de vizinhos que tocam instrumentos musicais em suas varandas nos condomínios de classe média, a fim de promover algum nível de

¹⁰ Conteúdo cultural do lazer é um conceito do sociólogo Joffre Dumazedier (1980), que defende a concepção de lazer como uma dimensão da cultura, possuindo assim “conteúdos” a serem vivenciados por meio de atividades de natureza física, manual, artística, intelectual e social. Camargo (1986) inseriu o conteúdo turístico e Schwartz (2003), o conteúdo virtual do lazer.

interação entre pessoas que, antes da pandemia, já não se conheciam (GAVRAS, 2020; GUIMARÃES, 2020; MANSQUE, 2020; BREVES, 2020). Ao mesmo tempo, crescem de modo exponencial os casos de violência doméstica e de conflitos entre vizinhos (ESTADÃO, 2020; VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020; BARREIRA; FONSECA, 2022).

A desigualdade social brasileira afeta todas as esferas da vida. Com o lazer não seria diferente. Seus repertórios de acesso distinguem-se por classe, condição social, limitação de tempo e motivação. Os sentidos do lazer têm relação dialética com outras manifestações sociais (GOMES, 2014). É um fenômeno ligado às transformações sociais, políticas e econômicas fomentadas pela lógica organizacional capitalista e por suas consequências nas sociedades.

Assim, por meio de outros fenômenos, podemos pensar o lazer na pandemia para as camadas sociais desassistidas. O SUS e os programas federais de educação haviam sido duramente afetados pela promulgação da Emenda Constitucional nº 95/2016, que congelou os gastos nessas áreas por 20 anos. Antes da COVID-19, os SUS já passava por um processo de subfinanciamento e passou a ser desfinanciado, o que refletiu na capacidade de atender a população no auge da crise (COSTA, 2020).

O acesso à educação e aos processos de aprendizagem foram severamente afetados na pandemia. A falta de apoio pedagógico, de equipamentos para o ensino remoto, a obrigação de assumir atividades dentro e fora de casa influenciaram no baixo desempenho e no abandono dos estudantes da rede pública. A qualidade da inclusão digital foi definidora na agudização das desigualdades educacionais (INESC, 2021; PROGRAMA JOVENS CONSTRUTORES, 2022; CENPEC, 2022).

Castilho; Ribeiro e Ungheri (2020) realizaram pesquisa eletrônica com 936 estudantes universitários em Minas Gerais. Os resultados apontaram que, independentemente do tipo de conteúdo cultural do lazer preferido, houve sua completa virtualização. No que se refere às aulas remotas e ao acesso à internet, apontaram também a desigualdade nessa situação.

O trabalho foi duramente atingido. As camadas sociais abastadas, com acesso ao teletrabalho, tiveram que lidar com sua completa desregulamentação, na qual não havia mais período de atividades profissionais definidos. Esse fenômeno já existia antes da pandemia, mas intensificou-se no seu momento mais duro. Nos segmentos mais carentes, em que impera a informalidade, a pandemia foi devastadora. Setores inteiros desapareceram e com eles os empregos diretos e indiretos.

Para as mulheres, a situação foi pior, já que, culturalmente, em uma sociedade com profunda desigualdade de gênero, a responsabilidade pelo cuidado é delas. Mulheres que ficaram em teletrabalho absorveram a sobrecarga doméstica com as atividades profissionais, o que impactou fortemente em seu tempo para o lazer (MARTINEZ et al, 2020; MAYOR; SILVA; LOPES, 2020).

Para as mulheres em condição de vulnerabilidade, as condições foram ainda mais agravadas pela perda de seus empregos e/ou suas fontes informais de renda, além da suspensão do acesso às escolas e às creches, obrigando-as a permanecer em uma estrutura social doméstica já debilitada, na qual os atos de violência explodiram (OPAS, 2021; MARASCIULO, 2021; SEMPREVIVA, 2022).

Na esfera do lazer, a indústria do turismo teve suas atividades completamente paralisadas pelo período de dois anos. O setor de turismo foi afetado tanto pela suspensão dos serviços quanto pela perda de emprego e de renda da população brasileira. Dos mais importantes setores a criarem empregos no Brasil, foi também dos que mais demitiu, dada a situação de completa asfixia, pois a natureza do turismo são as experiências proporcionadas pela mobilidade e pela sociabilidade.

O conhecimento acerca dos comportamentos de lazer durante a pandemia vem sendo construído. Sua importância na travessia dessa experiência, o papel central dos conteúdos culturais do lazer nesse processo, as heranças psicossociais e socioeconômicas que se estendem para além da pandemia e os consensos construídos sobre seu impacto em outras dimensões da vida, como na educação e na saúde pública, ainda estão por ser desvelados.

Os estudos mais recentes apontam para o forte impacto da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes no Brasil. As instituições sociais cujo público etário envolve esse segmento social foram profundamente abaladas pela pandemia. Restamos perguntar como e em que proporção as experiências de lazer podem contribuir para mitigar os efeitos sociais da pandemia.

2 RACIONALIDADE AFETIVA

Discorreremos sobre os principais conceitos que fundamentam a investigação, subdivididos em três tópicos: ambiente, espaço, lugar, estima de lugar; a categoria afetividade na Psicologia Social de vertente histórico-cultural; e as dimensões do lazer.

2.1 Ambiente, espaço, lugar, estima de lugar

Comparo o parque a uma casa, pois é um ambiente acolhedor e de paz. (IGMA 92).

A definição de ambiente em Psicologia Ambiental se refere a todo e qualquer contexto no qual os sujeitos possam se desenvolver e exercer influência sobre o grupo (MOSER, 2005). Ou seja, as condições sociais, econômicas, políticas, culturais, ecológicas e psicológicas de um contexto de interação são compreendidas como ambiente (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

O ambiente compõe uma série de relações que se sustentam pelas trocas cognitivas, afetivas e simbólicas entre pessoas e seus lugares de existência e expressão. Os afetos das pessoas por onde moram, passeiam, trabalham, transitam, observam e elaboram seus juízos são objeto de estudo da Psicologia Ambiental, que se ocupa em conhecer, compreender e intervir nos espaços vividos e naqueles que se quer fazer animar.

As interações ambientais são mediadas pela cultura, que produzem os significados sociais, dando-lhes direção. As percepções sobre a cidade e seus espaços estão em diálogo com o simbólico, indo além do imediatismo dado (BOMFIM, 2010; MORENO; POL, 1999; VALERA; POL 1994). O espaço-lugar, para além de um cenário, é sujeito da vida social. Apropriar-se da cidade é animar a vida urbana com afeto e sensibilidade.

Os geógrafos humanistas definem o lugar pelo senso de pertencimento com o espaço vivido, uma produção da experiência humana (BUTTIMER, 1985; RELPH, 1979; TUAN, 1980, 1983). Já os críticos definem o lugar como espaço singular, ligado a fluxos globais, localizações geográficas conectadas pelas estruturas internacionais de produção, distribuição e consumo de bens e serviços (CARLOS, 2007; HARVEY, 1996; SANTOS, 2002).

Os estudos que têm como foco a relação entre subjetividade e espaço apontam para um significado emocional do ambiente que se constrói no cotidiano das pessoas com os lugares em que moram, trabalham, estudam, passeiam, “navegam”, projetam estar. Essa bagagem se expressa nas identidades pessoais e sociais. Alguém sempre é de algum lugar, seja ele geograficamente localizado, seja espiritual, seja uma memória pessoal ou herdada.

Esse processo pode ocorrer em um longo e lento convívio construído por relações que se expressam como afetividade no diálogo com os conceitos de identidade, enraizamento, pertencimento, apropriação, apego. Também pode ocorrer no curto prazo e a partir de produções afetivas de base recente e arranjos voláteis, pois a concepção de tempo e espaço em Tuan (1983) é construída pelo que se sente diante daquilo que se vive ou se projeta viver.

Assim é descrita a experiência turística, que tem início ao se tomar a decisão pela viagem e pela escolha do roteiro. O envolvimento emocional ocorre antes de qualquer deslocamento físico. Os deslocamentos mentais e todos os dispositivos simbólicos atuam para sua consolidação. A experiência é vivida e significada no processo de geração da viagem, seguindo ao longo dela e até mesmo após sua finalização (GASTAL, 2004).

O espaço pode ser definido como uma unidade ou como a soma de várias unidades. Uma extensão fronteira entre dois pontos ou a soma de diversas dessas extensões entremeadas, reunidas entre si. O espaço é exterior ao indivíduo e se expande independentemente dele. Um elemento geográfico que tem como foco o aspecto físico do ambiente (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011; SPELLER, 2005; TUAN, 1983).

Ocorre que a produção do espaço é carregada de significados. Quando atribuímos sentidos sociais, psicológicos e míticos à nossa relação com o espaço, o transformamos em lugar (TUAN, 1983). Nem todos os espaços serão tornados lugares. É o relacionamento que se estabelece com ele que o ressignifica. O lugar é reconhecido pelo valor atribuído às vivências e aos sentimentos envolvidos.

Moles e Rohmer (1998) apontam que o espaço só se faz concretude na relação com os sujeitos que o percebem, mapeiam, classificam, nomeiam, caracterizam, enfim, dão sentido. A percepção do espaço pode se dar como algo exterior, independentemente dos sujeitos ou com estes se vendo inseridos nele. Assim, os

lugares são criados, experienciados, sentidos e, mesmo quando deixam de existir, permanecem na memória.

O espaço para Tuan (1980, 1983) pode ser definido em três dimensões de experiência: individual, grupal e mítico-conceitual. Espaço individual é constituído pelo corpo e pela percepção de sua independência espacial. Holzer (2003, p. 120) chama de “experiência primitiva ligada ao ego”. O espaço grupal caracteriza a experiência intersubjetiva, a relação com o outro. O espaço mítico-conceitual refere-se ao espaço coletivo enquanto abstração.

Os afetos são estruturados nas experiências pessoais com diferentes lugares que geram vivências e significados armazenados nas memórias. O “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas” (BUTTIMER, 1985, p. 228). Para Relph (1979), o encontro entre as intenções e expectativas humanas associadas aos atributos objetivos dos lugares produzem seus significados socioculturais.

Assim, podemos afirmar que as pessoas pertencem aos lugares, produzindo um vínculo que se baseia nas experiências compartilhadas da vida cotidiana, que dão concretude e sentido à existência, como a língua, a culinária, os procedimentos corporais, as regras de conduta social, as práticas lúdicas e de lazer, visíveis, porém arraigadas em valores invisíveis, dando unidade aos laços materiais e espirituais de um grupo (MAFFESOLI, 2004).

Essa interação é sentida na pele, pois “sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p. 203). As experiências sensoriais modelam nossa apropriação afetiva do espaço, pois os lugares se confundem com os espaços nas vivências. A sensação de tempo afeta a percepção de lugar, que varia na memória dos indivíduos e da coletividade. “O lugar é um mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 198).

O lugar é um elemento que compõe as identidades, tendo como sua dimensão manifesta os sentimentos de pertencimento e de estima decorrentes da interação pessoa-ambiente, em um processo de reciprocidade entre fatores sociofísicos e histórico-culturais (BOMFIM, 2008). A dimensão afetiva com os lugares nos permite “ler” sua espacialidade por meio dos códigos físicos e emocionais com os quais os marcamos, formando uma imagem deles.

Nos estudos de Lynch (2010), a imagem da cidade é formada na interação corpo-espaço-espaço-corpo. As imagens construídas variam de sujeitos a grupos e

comunidades. Há imagens comuns e imagens setoriais, concebidas nos significados construídos. Assim, Lynch (2010) propõe que uma cidade pode ser legível a seus habitantes, decodificando, assim, elementos e organizando-os em relação a estruturas mais amplas.

A legibilidade de um espaço depende de três elementos: identidade do objeto (o que o particulariza), sua relação com o ambiente construído e com o sujeito e os significados atribuídos a esse objeto pelo sujeito. Assim, o sujeito constrói um mapa mental do espaço, que serve como um orientador, um decodificador do espaço. Esses mapas cognitivos permitem conhecer as representações elaboradas nas interações com o espaço.

Assim, um mapa cognitivo diz respeito à interação do sujeito com o ambiente: os significados do espaço, sua interpretação e o modo individual e coletivo de representá-lo tornam-se visíveis. Nem sempre os mapas mentais tem correspondência direta com o ambiente físico, mas com sensações geradas nos sujeitos. Lynch (2010) aponta que conhecer e se orientar no espaço propicia intimidade e sensação de segurança. Ele foca na interação entre estrutura e identidade.

A imageabilidade ambiental também pode ser conhecida sob uma perspectiva afetiva. Bomfim (2010) utiliza a categoria afetividade como um modo de conhecer a relação ambiental a partir dos afetos dos sujeitos pelo lugar. Baseando-se em representações visuais, cognitivas, sentimentos e metáforas, o mapa apreende os afetos envolvidos na relação dos sujeitos no ambiente. Ela foca na interação entre estrutura e significado.

O mapa afetivo investiga os afetos dos sujeitos pelo lugar, apresentando a categoria avaliadora da relação do sujeito com o ambiente denominada estima de lugar. “Como categoria social, a estima pode ser compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar” (BOMFIM, 2010, p. 218).

A estima de lugar expressa os afetos dos sujeitos pelo ambiente em cinco tipologias de imagem: agradabilidade, pertencimento, contraste, destruição e insegurança. A estima de lugar apresenta dimensão de caráter ético-político, que se manifesta de forma potencializadora ou despotencializadora, ou seja, aumenta ou diminui a capacidade de ação dos sujeitos em benefício próprio ou coletivo.

Como sínteses dos afetos, eles também apontam o nível de implicação do indivíduo no lugar. Dado seu caráter representacional e criativo, são recursos de acesso à dialética subjetividade/objetividade na cidade. (BOMFIM, 2010, p. 222).

De uma perspectiva crítica, o lugar está ligado em uma rede de fluxos internacionais de processos que é uno, sendo expressos na singularidade dos lugares. “Cada lugar, através de sua estrutura técnica e de sua estrutura informacional, acolhe uma fração, maior ou menor, das redes globais. No lugar, elas servem ao trabalho e ao capital (vivo) e determinam a sua natureza” (SANTOS, 1999, p. 14).

Assim, o local é particular, originado em interações históricas e culturais, que interage dialeticamente com os processos globais. Santos (2002) aponta que o lugar, com todas as suas características singulares, não se encontra isolado, mas em uma rede geográfica de produção do espaço, constituindo-se em um ponto de ligação no qual os lugares fazem a intermediação entre local e global.

Para Harvey (1996), o lugar interage com o global em todas as suas expressões, sejam cooperativas ou conflituosas, tendo a acumulação de capital e sua lógica de organização socioespacial como geradora dos impactos nas relações sociais. As redes internacionais de capital são constituídas de lugares que se comunicam para compartilhar imagens, interesses e intercambiar influências.

Santos (2002) afirma que o espaço-mundo é percebido por meio dos lugares e, quanto mais mundializados, mais afirmam suas singularidades. A articulação entre lugares não deixa de ser fruto das funções determinantes do sistema econômico. Carlos (2007) aponta que o lugar é agente de influência em uma constante dinâmica de cooperação e conflito.

Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. (CARLOS, 2007, p. 20).

A totalidade dominante das redes não apaga as singularidades dos lugares. Essas diferentes dimensões da produção socioespacial ocorrem em paralelo, sem eliminar-se. Observa-se que os conceitos não são excludentes, pois informam sobre a ação humana no território, em diferentes dimensões, nas formas, na intensidade e nos tempos de apropriação simbólica, cognitiva e afetiva.

2.2 A categoria afetividade na Psicologia Social de vertente histórico-cultural

É surpreendente que psicólogos e psicanalistas (nem cito os psiquiatras) muito pouco se tenham interessado pelas suas extraordinárias contribuições ao conhecimento da psique. (SILVEIRA, 2020).

A modernidade promoveu a separação entre os elementos razão e emoção, delegando à segunda um lugar na alcova da vida social. As correntes filosóficas que apostavam na primazia da razão influenciaram o desenvolvimento das ciências modernas, relegando as emoções ao plano do incognoscível, influenciando os estudos da mente em todas as suas vertentes.

Assim, as emoções não seriam o modo adequado de conhecer o mundo. O processo de trazer as emoções ao campo da ciência e reconhecê-las como elemento constituinte da psique foi fundamental para abrir novas frentes de conhecimento, como as desenvolvidas pela Psicologia Social de vertente histórico-cultural, que concebe a afetividade como parte integrante do psiquismo humano e mediadora de suas ações.

Ao adotar a categoria afetividade como base para a análise dos fenômenos psicossociais, integrada aos contextos sociais nos quais se manifesta, propõe-se a restabelecer a unidade entre as dualidades corpo/mente, individual/coletivo, razão/emoção, subjetividade/objetividade, tratando o fenômeno como uma unidade epistemológica e propiciando aos pesquisadores uma visão mais integrada do conhecimento.

Afetividade é a categoria que unifica o racionalismo moderno ao pensamento dialético materialista como elemento fundamental para conhecer e compreender os seres humanos em sua capacidade de potencializar transformações individuais e coletivas. A abrangência da afetividade como categoria de análise se constituiu pela influência de autores como Bento de Espinosa, Lev Vygotsky e Agnes Heller.

Espinosa concebe tudo o que existe como qualidades e variações de uma mesma origem, ou seja, atributos e modos finitos/infinitos de uma substância. Assim, tudo aquilo que se origina da substância e é seu atributo pode variar, produzir versões. Espinosa compreende o mundo como um acidente da substância, provido de todas as suas qualidades, portanto, de mesma natureza, o que impossibilita a ocorrência de uma hierarquia do ser e de ser.

Para entender Espinosa é preciso compreender os conceitos de imanência e transcendência. A tradição filosófica define a imanência como uma realidade em si

mesma, com causa que existe com princípio e fim em si. Assim, causa e efeito têm a mesma natureza. Já a transcendência é uma realidade fora da causa, gerando efeitos que se diferenciam dela. Aquilo que transcende está separado de sua causa, com uma existência fora dela.

Em Espinosa, deus é a substância “[...] que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (ESPINOSA, 2010, p. 13). A substância é denominada de Natureza Naturante e dela se produz a Natureza Naturada, que são todas as coisas existentes a partir da substância e por causa dela. Deus é considerado causa livre e todas as coisas se originam de deus.

Deus é imanente. Deus e a natureza são uma unidade, sendo a natureza e todas as suas formas, variações de deus, ou seja, seus atributos. Esse é o pilar da visão espinosiana. Se compartilhamos todos da mesma substância, variando como qualidades de deus, tudo o que fazemos uns aos outros e a outras formas de “atributo”, afeta a nós também e aos demais (ESPINOSA, 2010).

O corpo (extensão) e a mente (pensamento) se caracterizam como atributos da substância. O movimento é a qualidade do corpo. A percepção e a interpretação sobre o movimento do corpo são qualidades da mente. Assim, a matéria (corpo) e a ideia (mente) têm a mesma origem. Não há dissociação nem hierarquia entre corpo e mente, o que há é uma permanente ação no sentido de preservar a própria existência.

Esse esforço é denominado de *conatus*, que se constitui na potência de ação para existir. Assim, tudo o que existe encontra-se em movimento, existindo e expandindo seu *conatus*. É no encontro entre os corpos que ocorrem as afecções. A mente percebe e interpreta as afecções. Segundo Espinosa, “a mente humana percebe não apenas as afecções do corpo, mas também as ideias dessas afecções” (ESPINOSA, 2010, p. 115). Para ele, “o corpo humano, com efeito, é afetado, de muitas maneiras, pelos corpos exteriores, e está arranjado de modo tal que afeta os corpos exteriores de muitas maneiras” (ESPINOSA, 2010, p. 107).

As variações da potência de agir – do *conatus* – são denominadas por Espinosa (2010) de afeto (*affectus*). As afecções do corpo na mente se realizam como ideias de afeto e sentimentos. No corpo, o *conatus* se expressa como apetite; na alma, como desejo (CHAUÍ, 2010). Assim, corpo e mente encontram-se em um contínuo afetar-se, atuando em uníssono, afetando-se, afetando e sendo afetados por outros corpos e mentes.

Assim, a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva. Nossas ideias (sejam verdadeiras ou inadequadas) são afetos. Afecções e afetos, exprimindo nosso *conatus*, obedecem à lei natural que rege o esforço de preservação na existência (CHAUÍ, 2010).

Em Espinosa (2010), a mente conhece o corpo por meio das impressões que tem e das impressões que faz sobre o corpo. Os afetos se originam nas relações entre corpos. Quando os corpos se afetam, o fazem de forma passiva ou ativa. Afetos passivos ou paixões ocorrem em corpos/mentes quando sua origem está em causas externas, as causas inadequadas. Afetos ativos são causados em nós por nossas causas internas, as causas adequadas.

Causas adequada e inadequada em Espinosa não têm natureza moral. São elementos que aumentam ou diminuem nossa potência de ação. “Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só” (ESPINOSA, 2010, p. 163). Algo é bom ou mau se aumenta ou diminui nosso *conatus*.

Quando a ação tem como base causas adequadas, quando a mente é capaz de sentir e julgar de modo distinto e claro as afecções envolvidas, tendemos a ser mais seguros e confiantes, o que nos fortalece, aumentando nossa potência de agir. Quando somos levados a agir por causas inadequadas, que nos confundem e distorcem nossa percepção, tendemos a ter nossa potência de ação diminuída, o que gera passividade.

Os afetos tanto aumentam como diminuem nossa potência de ação. Espinosa (2010) identifica-os como desejo, alegria e tristeza. Os afetos alegres caracterizam-se pelos encontros que ampliam nossa potência de ação. Os afetos tristes, ao contrário, nos conduzem à redução de nossa potência. Os afetos de alegria estimulam o ser humano a agir no mundo, a se movimentar, a transformar a realidade. Alegria e tristeza conferem à vida suas tonalidades.

Os afetos de tristeza aprisionam o ser humano na servidão, pois sua mente tem conhecimento inadequado sobre seu corpo, distorcendo sua autopercepção. Dos afetos primários (alegria e tristeza) surgem derivações e novas afecções. E quanto mais diversos e combináveis, mais complexos e mais possibilidades de encontros. A rede de afetos afeta o grupo, afeta a organização coletiva, afeta o social em sua variedade de arranjos.

Quanto mais afirmamos nossa existência e fortalecemos nosso *conatus*, mais somos capazes de fazer escolhas que nos fortalecem e, assim, mais nos encontramos conosco. “O *conatus*, ou a potência de autoperseverança na existência, é a essência do corpo e da mente e essa essência, diz Espinosa, é o desejo. Somos desejo” (CHAUÍ, 2010). Esse encontro íntimo com a própria essência é o que Espinosa entende por liberdade.

Os afetos não são modificados pela razão. Somente um afeto modifica outro afeto. Corpo e mente são interdependentes em suas interações. Assim, a passagem da paixão para a ação depende da mudança nos afetos. Essa passagem só é possível quando se tem conhecimento e consciência de si. Uma paixão se torna afeto quando se tem uma ideia clara e distinta. Quanto mais o corpo conhece, mais a mente julga e interpreta. Aí, sim, somos livres.

Sendo a mente ideia do corpo, aquele que tem um corpo apto à pluralidade de afecções simultâneas tem uma mente apta à humana, deixando de identificar-se com o exercício do livre arbítrio como escolha voluntária entre possíveis, é potência para o múltiplo simultâneo, quando este se explica apenas pelas leis necessárias de nossa natureza. (CHAUÍ, 2010).

Assim, Espinosa acredita que só é possível tornar-se causa adequada de si no esforço em conservar-se, preservar-se, fortalecer-se. “A chave da ética encontra-se nessa posição do *conatus* como fundamento primeiro e único da virtude” (CHAUÍ, 2010). O termo virtude é utilizado em sua etimologia original (força). A ética, para Espinosa, é esse processo de reflexão que a mente faz ao interpretar as afecções do corpo, afastando as causas externas. A dinâmica da afetividade em Espinosa é o fortalecimento do *conatus*.

Para a Psicologia Social histórico-cultural, a natureza do desenvolvimento humano é social. Seus autores inserem o psiquismo como elemento integrador entre indivíduo, espécie e ambiente. Em autores como Luria (1902-1977), Vygotsky (1896-1934) e Leontiev (1903-1979), está a concepção de que a natureza do psiquismo é social, vinculada a repertórios de objetivações dos quais os sujeitos se apropriam.

As características naturais se originam nos processos morfofisiológicos da espécie. O que não é hereditário, precisa ser aprendido. A natureza humana é fruto das relações sociais de uma sociedade em um tempo/espaço. É a qualidade da inserção dos sujeitos nessas relações, de seu acesso a esses repertórios, que

fundamenta a produção da consciência e de todos os seus comportamentos culturalmente instituídos (VYGOTSKY, 2001).

A formação cultural do psiquismo humano é o foco de Vygotsky (2001). A produção das imagens subjetivas de uma realidade dada objetivamente depende das funções psicológicas superiores, como memória, percepção, atenção, emoção, sentimento, pensamento, sensação, linguagem e imaginação. Em Vygotsky (2001), a subjetividade é uma elaboração psíquica que contém o social, mas não a subordina, mantendo a individualidade humana.

Essa perspectiva delega novo *status* à função psicológica da emoção, tratada pela ciência como um resquício evolutivo mal-acabado, moralmente degradante, psiquicamente inferior (MACHADO, FACCI e BARROSO, 2011). Vygotsky vai buscar em Espinosa (1632-1677) alguns dos elementos que estruturam seu pensamento, que não constitui uma teoria das emoções, mas afirma a emoção como função psicológica superior.

O tema das emoções não era estranho à Vygotsky. A importância das emoções como estrutura dos indivíduos não se encontra em suas obras como categoria analítica. Em seu último manuscrito, Vygotsky trabalha em um arranjo propositivo sobre as emoções, a partir de estudos e pesquisas já realizados (VAN DER VEER; VALSINER, 1999). As teorias da época explicavam as emoções sob uma perspectiva biologizante.

Vygotsky encontrou em Espinosa uma causalidade monista, que não separava as emoções de outras funções da psique, pois as emoções encontram-se na gênese dos processos de pensamento (VAN DER VEER; VALSINER, 1999). “O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções” (VYGOTSKY, 2001, p. 479).

Ao conceber o afeto como elemento das estruturas psíquicas, Vygotsky compreende que as emoções exercem papel fundamental para a construção da realidade, pois são os elementos mediadores no processo de significação dos sujeitos com seu contexto, vinculando-o a seu tempo e às condições sócio-históricas de sua existência. A última obra, inacabada em função de sua morte, trata do tema dos afetos.

Vygotsky (2001) aponta que cognição e emoção são funções psicológicas superiores interdependentes. Ao propor que pensar e sentir são categorias indissociáveis, desestrutura a concepção dominante sobre a natureza dos processos cognitivos serem puramente racionais e intelectuais. As emoções são processos bioculturais, que se transformam de acordo com o contexto sócio-histórico.

Toda emoção é um chamamento à ação e ao pensamento ou renúncia a eles. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente ou infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas ações e pensamentos que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. (VYGOTSKY, 2001, p. 139)

São aproximações entre Espinosa e Vygotsky: a unidade pensamento/ linguagem encontra ressonâncias com a unidade corpo/mente e a relação entre liberdade e potência de ação (VAN DER VEER; VALSINER, 1999). Ao questionar a dualidade que envolve as interpretações dos processos cognitivos humanos, não há hierarquia entre os elementos, mas, sim, uma integração que dá o tom a esses processos sistêmicos, mediados pelas emoções (SAWAIA, 2009).

A relação entre liberdade e criação também aproxima Vygotsky e Espinosa. Toda criação produz algo novo aos repertórios da experiência humana. Criar transforma o ser humano e o capacita a modificar seu contexto. A criação tem relação direta com o conhecimento acumulado. Quanto mais acesso ao conhecimento, mais imaginativo será esse ser, pois a apropriação de outras experiências contribui à própria experiência.

Em Vygotsky, a criatividade é processo de liberdade. Ao propiciar acesso aos repertórios culturais para diferentes classes sociais, a interpretação do mundo é ampliada, assim como as percepções do que é determinado e do que é construído (SAWAIA, 2009). Em Vygotsky, todas as formas de criação contêm elementos afetivos e são possibilidades de emancipação (MACHADO; FACCI; BARROSO, 2011). Toda criação é potência de ação.

Sobre as emoções, Vygotsky aponta: 1. Se os processos biológicos evoluem, as emoções – de natureza psicofisiológica – também evoluem. Havendo mudança no sistema nervoso, formam-se e transformam-se as emoções; 2. O caráter social das emoções se manifesta na linguagem, na dimensão intersubjetiva. A linguagem é organizadora e meio de expressão das emoções, conectora entre o físico e o psíquico (VYGOTSKY, 2001, apud CORDOVA, 2006).

A filósofa Agnes Heller (2004) é outra referência para os estudos da afetividade como categoria analítica das relações sociais. Ao discorrer sobre a importância das emoções na vida cotidiana, ela reflete sobre as emoções e as questões éticas que as envolvem. Heller define que os sentimentos implicam em envolvimento, em comprometimento com algo, que pode variar em uma diversidade de possibilidades entre o concreto e o abstrato.

As implicações podem ser positivas ou negativas e ocorrem de forma direta ou indireta. Uma implicação positiva e direta faz com que o ato em si gere sentimento de satisfação. Quando tratamos de uma implicação indireta, o ato é um meio para gerar satisfação em outra situação ou atividade. Uma implicação negativa e direta relaciona-se com algo que não gera motivação, mas obrigação em fazer.

Os níveis de implicação podem variar de altos graus de intensidade a quase indiferença, de acordo com os ritos e os costumes sociais em determinado momento histórico. Uma cultura regula a intensidade de seus sentimentos daquilo que é aceito ao que precisa ser contido. Também caracteriza uma regulação social a não demonstração dos sentimentos e a não transformação em ação, pois a sua expressão acarretaria desequilíbrio individual ou social.

Heller (2004) classifica os sentimentos em cinco grupos, de acordo com aspectos biossociais. São eles: 1. Impulsivos: alertam sobre necessidades biológicas que precisam ser satisfeitas; 2. Afetos: reações instintivas a partir de estímulos externos, que podem ou não ser atendidos; 3. Orientativos: sentimentos que manifestam julgamento acerca de algo; 4. Emoções: desenvolvem-se de acordo com as estruturas sociais, com base no contexto em que surgem e se manifestam; 5. Predisposições emocionais: tendências para sentimentos com maior frequência e intensidade.

Dentre os pesquisadores que sustentam suas pesquisas nos autores levantados, destacamos Baader Sawaia e Zulmira Bomfim, que são referências nesta investigação. Sawaia discute a categoria afetividade no contexto da exclusão social como uma dimensão que existe e se manifesta por meio do sofrimento e da felicidade, nas condições sociais de existência impostas aos sujeitos.

A partir das concepções de Espinosa e Vygotsky sobre as emoções e sua função psicossocial, Sawaia (2006, 2009, 2011) constrói uma categoria de análise que denomina sofrimento ético-político. Esse sofrimento não tem origem individual, mas nas condições sociais que operam de modo a oprimir e inviabilizar o pleno desenvolvimento humano. Se o sentimento é elemento constituinte da consciência, é pela dimensão afetiva que a ação humana pode ser reorientada.

A dimensão ético-política é constituída pela afetividade e por toda a sua potencialidade de ação. A partir da condição dada de que as intersubjetividades sociais é que provocam o sofrimento dos sujeitos, Sawaia elabora o conceito de sofrimento ético-político, que ocorre no encontro dos sujeitos com os processos de desigualdade social aos quais são submetidos. Essa dor só pode ser superada por meio da conquista da felicidade.

O termo difere do conteúdo dado, de uma concepção ligada aos bens materiais, ao sucesso financeiro, à posse e ao *status* social. A felicidade refere-se ao ato político da conquista da cidadania e da emancipação de si e do outro. Uma felicidade que é coletiva na origem e compartilhada no contexto de existência e ação dos sujeitos.

Em Bomfim (2010, 2014, 2018), embasada em Espinosa, Vygotsky, Heller e Sawaia, a afetividade é a categoria que norteia as ações éticas na cidade. O envolvimento das pessoas com a cidade indica a existência de vínculos éticos, o que corrobora com as ideias de Sawaia de que a dimensão ético-política pode ser compreendida sobretudo como uma relação afetiva com o lugar, com as pessoas e com as relações sociais estabelecidas.

Como estrutura psíquica humana, sustentada nas emoções e nos sentimentos como mediadores da ação e do modo como as pessoas se relacionam com os lugares, a afetividade é uma categoria capaz de revelar significados sociais acerca de um lugar e das vivências nele experienciadas em um contexto histórico e social (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018).

2.3 As dimensões do lazer

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor (EPICURO, 2008).

O lazer se relaciona com diversas esferas da vida, mas em particular com o trabalho, esfera na qual as dinâmicas das obrigações e dos prazeres se confrontam e se retroalimentam (GOMES, 2008). O lazer tem *status* de dimensão autônoma, com uma lógica interna própria de expressão, porém em constante interação com outras instâncias da existência (GOMES, 2008; 2014).

Em diferentes abordagens, estudiosos do lazer compreendem o fenômeno como uma experiência formadora de identidades e de identificações, como uma função social compensadora às rotinas desestruturantes impostas aos sujeitos e como vivência que os insere na vida pública e nos processos sociais de engajamento (CUENCA, 2003, 2016; DUMAZEDIER, 1980, 1994; MARCELLINO, 2006; GOMES, 2008; 2014).

Sob uma perspectiva psicossocial, o lazer tem sentido de ócio, concebido como fenômeno desvinculado do tempo e das condições sócio-históricas de sua fruição. O ócio se relaciona com vivências de satisfação e de prazer, pois é fruto de livre escolha e de conquista pessoal. O ócio é discutido a partir dos significados atribuídos na experiência individual (DE GRAZIA apud BRUHNS, 2002; CUENCA, 2003).

O conceito de ócio refere-se a uma experiência intra e interpessoal, como um modo de ser, de estar e de se relacionar com o ambiente. O ócio como fenômeno psicossocial é uma experiência cuja natureza está no indivíduo, em seus sentimentos, suas sensações e suas percepções (NEULINGER, 1984). Portanto, uma experiência de ócio pode ocorrer em qualquer âmbito da vida, não se limitando a um tempo ou a um espaço social para vivê-lo.

A experiência de ócio é definida por quem a vivencia. A realização de uma atividade não é em si mesma uma experiência de lazer. É o significado dado que a define como tal (RHODEN, 2009). Assim, são muitas as formas de categorizar, de experimentar e de classificar a experiência, que pode se enquadrar como obrigação ou lazer, dependendo do contexto, das crenças e dos valores envolvidos. O lazer é, antes de tudo, uma atitude (CUENCA, 2003; RHODEN, 2009).

O ócio está contido na moderna concepção de lazer, como experiência estruturante de significação. Os sujeitos assumem atitudes pessoais diante de uma vivência, conferindo-lhe o sentido da ação (NEULINGER apud ANTIGA, 2012). Apesar de intrassubjetiva, essa perspectiva não dissocia o sujeito de seu ambiente. “A experiência subjetiva apresenta necessariamente determinados atributos psicossociais percebidos pelo protagonista” (PINHEIRO; RHODEN; MARTINS, 2010, p. 1139).

O ócio implica em compreender o significado das vivências lúdicas nos contextos em que elas ocorrem, a partir de uma abordagem subjetivista. Para Manuel Cuenca (2003), o ócio é uma experiência de percepção sobre o vivido e encontra-se fora do tempo social estabelecido. O ócio é discutido a partir da experiência individual, cujo sentido está na liberdade de escolha e na realização pessoal.

As disposições pessoais, centradas na subjetividade, impulsionam as experiências de ócio. É a busca por satisfação, por felicidade e por prazer pessoal que dá sentido ao ócio (RHODEN, 2009; CUENCA, 2003, 2014). Para Manuel Cuenca (2014), é a busca pela autorrealização que motiva o ser humano, o emancipa, o humaniza porque afirma sua identidade, suas escolhas pessoais, seu sentido de estar no mundo.

O ócio humanista, como afirma Cuenca (2003, 2014, 2016), não implica em hedonismo, mas em desenvolvimento pessoal, pois exige formação, autopercepção, construção de habilidades e competências, autoaprimoramento. Monteagudo (2008) afirma que os benefícios do ócio podem ser identificados em nível individual e coletivo, na experiência psicológica satisfatória e como vivência coletiva, gerando bem-estar e influenciando a qualidade de vida.

Em uma perspectiva sociológica, o tempo é condicionante para o lazer. Produto histórico das sociedades industriais, a partir do processo de organização do trabalho industrial, da constituição do tempo livre destinado ao lazer, sua valorização como uma das características da modernidade. Forjado nas relações entre secularização, urbanização e industrialização das cidades, o tempo livre existe em relação dialética com o trabalho (DUMAZEDIER, 1994).

Assim, o lazer pode ser compreendido como esfera social alienante ou transformadora. Como alienação, o lazer segue permeado por concepções de mercado, que transformam a experiência em mercadoria, modelando sentimentos e comportamentos, orientando os desejos para uma massificação das vivências. O lazer, como objeto de consumo, é um processo alienador (MARCASSA, 2002; MASCARENHAS, 2005; AQUINO; MARTINS, 2007).

Como um processo formador e transformador dos sujeitos, Dumazedier (1994) aponta para a esfera do lazer como autônoma e produtora de subjetividades, conformada por um tempo social destinado à sua fruição. Para Marcellino (2006), o lazer tem ética própria, que equilibra nossas necessidades individuais com as obrigações sociais. É uma expressão autônoma do sujeito diante da estrutura social na qual está inserido.

A produção do lazer é fruto de movimentos que ocorrem em simultâneo: regressão dos controles institucionais da família, do trabalho e da comunidade. Isso não significa uma liberdade absoluta, tampouco é anulada pelos determinismos da sociedade. Nem compensação, nem absolutização do prazer. O lazer tem sua própria ética, que não rejeita o trabalho, nem infringe as obrigações, mas equilibra as necessidades pessoais com as obrigações sociais (DUMAZEDIER, 1994).

A combinação das categorias tempo e atitude definirão como as pessoas vão usufruir de seu tempo livre para o lazer (DUMAZEDIER, 1994). É o espaço de mudança nas relações entre o tempo social de expressão da subjetividade e os tempos sociais das obrigações. Em Marcellino (1995), o lazer é fenômeno no qual

emergem valores questionadores da sociedade e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente.

Marcellino (1995) aponta que o lazer pode ser ativo ou passivo – diferenciando-se de Dumazedier, pois, ao resgatar a possibilidade da contemplação na vida moderna, reconhece a dimensão do ócio no fenômeno que, em uma definição de lazer como ocupação/atividade, não abrangia essa perspectiva. “A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (MARCELLINO, 1995, p. 31).

Camargo (1986), assim como Dumazedier, observa que a característica comum que permite classificar diferentes atividades como lazer é o fato de existir nessa ação humana um certo grau de liberdade de escolha, um espaço legítimo de expressão da subjetividade, o que a difere de outras vivências sociais como a profissional, a familiar, a religiosa ou a sociopolítica. A busca do prazer é o princípio que move as escolhas pessoais referentes ao lazer. “Por livre escolha no lazer, entenda-se assim a existência de um tempo precioso onde se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação” (CAMARGO, 1986, p. 11).

Elias e Dunning (1992) compreendem a ocorrência do lazer como um fenômeno que se manifesta em um período de longa duração, com dinâmicas de permanências e rupturas das representações acumuladas no tempo e no espaço das memórias sociais. O encontro de vivências coletivas lúdicas em diferentes períodos e sociedades sugere a busca de prazer e de satisfação como uma experiência emocional comum às sociedades.

Poucas sociedades humanas existem, se é que existe alguma, que não possuam um equivalente às nossas atividades de lazer, que não tenham danças, confrontos simulados, exposições acrobáticas ou musicais, cerimônias de invocação dos espíritos – em resumo, sem instituições sociais que proporcionam, por assim dizer, a renovação emocional por meio do equilíbrio entre os esforços e as pressões da vida ordinária, com as suas lutas a sério, os perigos, os riscos e os seus constrangimentos. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 73-74).

O tempo dedicado às atividades lúdicas estava lá, mas sem as características que hoje denominamos “tempo de lazer”. A existência desses paralelos não implica em uma sobreposição, uma formatação comum acerca do viver o lazer. Daí a importância de observar o processo em longa duração. São as continuidades e as mudanças que tornam possível interpretar a percepção em um dado contexto (ELIAS; DUNNING, 1992).

As vivências lúdicas, conformadas pelo processo de formação e de consolidação das sociedades modernas, urbana e industrial, estariam no rol dos domínios sociais do comportamento. Ao discutir que os esportes nas sociedades modernas têm a função de controlar o comportamento social por meio da modelagem dos sentimentos – as emoções agradáveis – Elias e Dunning (1992) defendem que o lazer como conhecemos e vivenciamos hoje é fruto desse processo.

Essas diferentes abordagens estabeleceram alguns consensos: o lazer se caracteriza como uma experiência de liberdade em um tempo livre, que é conceituado como tempo disponível (DUMAZEDIER, 1980 1994; MARCELLINO, 2006; GOMES, 2014). Correlacionado com outros tempos, sociais e psicológicos, é um momento de disponibilidade pessoal, essencialmente ligado à percepção de liberdade na sua fruição (CUENCA, 2003; GOMES, 2008; 2014).

Gomes (2014) nos aponta a necessidade de repensar os conceitos de lazer em um contexto de aceleração dos processos sociais, redução das fronteiras espaço-tempo, desregulamentação das relações de trabalho, avanço tecnológico e informacional e seus impactos nos sujeitos do lazer. Pensado sob a perspectiva da experiência europeia, negligenciam-se dimensões da vida social para além do trabalho produtivo e diferentes experiências não ocidentais.

Assim, o entendimento de que o lazer, tradicionalmente, está relacionado ao tempo de trabalho produtivo não pode ser universalizado. Práticas sociais não hegemônicas costumam ser apagadas no processo de universalização histórico-conceitual sobre o lazer, além do que, o próprio tempo do trabalho foi afetado pela desregulamentação das jornadas. Assim, Gomes (2014) propõe pensar o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura.

Seguindo essa perspectiva de compreensão e análise, o que é geralmente designado como “lazer” enraíza-se na ludicidade e constitui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais situadas em cada contexto – e não somente nas chamadas sociedades modernas, urbanizadas e industrializadas. (GOMES, 2014, p. 9).

Em consonância com Elias e Dunning (1992), Gomes aponta que o lazer tem valores e significados herdados historicamente, que se encontram contidos nas visões compartilhadas hoje e interagem com os significados atribuídos à ludicidade e ao ócio, como expressões sociais presentes na experiência humana, configuradas na contemporaneidade, daí a importância de investigá-lo sob múltiplas perspectivas.

Do meu ponto de vista, o lazer representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Essa necessidade concretiza-se na ludicidade e pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Por isso, o lazer precisa ser tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado. (GOMES, 2014, p. 12).

Como uma prática social contextualizada, Gomes (2014) aponta que o lazer é um elemento da cultura¹¹ como produção humana e dimensão simbólica, plena de significados. O lazer encontra-se dialeticamente ligado a outras esferas da vida, influenciando e sendo influenciado por elas. Assim, sua relação com o trabalho permanece, mas a depender do contexto, não se fará hegemônica nem excludente em relação a outros fenômenos sociais. Podem ser produtoras de inovação ou reprodutoras do *status quo*.

O aspecto libertador, contra hegemônico do lazer advém das próprias experiências que, pela sua natureza, venham a contrapor o *status quo*. Gomes (2014) se apoia em Paulo Freire (1978) nessa busca pela autonomia do sujeito diante da estrutura. As concepções de mundo e de ser humano são o elemento motivador dessas práticas. Transformar a realidade necessita que o ser humano seja capaz de refletir sobre si e sobre seu contexto para buscar as possibilidades de romper com as dicotomias históricas que limitam a vida (FREIRE, 1978).

Assim, o lazer pode ser visualizado como um campo possível para desenvolver ações comprometidas com o repensar dos limites e possibilidades que marcam a nossa existência, com a superação da passividade e do conformismo e com a concretização de iniciativas voltadas para a mobilização e o engajamento social e político. (GOMES, 2014, p. 15).

Daí a importância de pensar o lazer como dimensão da cultura e como necessidade humana. Gomes (2014) aponta que, para Elizalde (2010), o lazer de cunho contra-hegemônico pode oferecer aportes para mudanças sociais porque tem, em sua natureza, os repertórios de pensamento crítico que fomentam a busca por alternativas coletivas. Sua natureza é política. Assim, amplia os repertórios de conhecimento e as capacidades de criação, de organização e de transformação individual e coletiva.

¹¹ Gomes se refere ao conceito de cultura pela perspectiva de Clifford Geertz (2001), Marshall Sahlins (2003) e Stuart Hall (2003), entendida como produção humana e como dimensão simbólica na qual o significado é central.

Gomes (2014) defende que o lazer como necessidade humana se articula na ludicidade, nas manifestações culturais e no tempo/espaço com seus componentes. Essas necessidades podem ser supridas de múltiplas formas, de acordo com seu contexto social, cultural e histórico, com os valores e os interesses dos sujeitos. Interpretado como uma faceta da cultura, é complexo e multifacetado, compondo vivências culturais lúdicas situadas histórica e contextualmente.

Como informam Marcelino (2002) e Cuenca (2003), o lazer é um forte elemento educativo, que pode orientar as vivências coletivas integradoras, significativas e reflexivas, pensadas para formar um sujeito capaz de refletir dentro de seu tempo, de sua história e dos repertórios à sua disposição para escolha. É por meio dos repertórios aprendidos e apreendidos que os sujeitos ampliam suas perspectivas, o que propicia desenvolvimento pessoal e social.

Uma educação pelo lazer propicia aos sujeitos as habilidades de internalizar valores, habilidades e conteúdos por meio dos quais possam fazer escolhas mais qualificadas para seu desenvolvimento. Uma educação para o lazer implica em participar ativamente em uma dimensão criativa que propicia aprendizagem e o reconhece como um direito social a ser protegido e resguardado.

3 LÓCUS DE INVESTIGAÇÃO

O Parque Ecológico Olhos D'água, lócus desta investigação, é apresentado dentro de seu contexto de produção: a cidade de Brasília. Utilizamos-nos da tradição acadêmica dos estudos urbanísticos sobre o Distrito Federal para apresentar seu contexto socioambiental, com enfoque na produção da cidade modernista e de seus espaços públicos de lazer.

3.1 O cenário socioambiental do Distrito Federal

Banho de cachoeira veste o Planalto Central.
É como estar na praia curtindo o litoral
No rio ou corredeira, no poço ou na lagoa
A turma na cachoeira fica toda numa boa.
(PAULÃO/RODRIGUEZ, 2001)

O bioma Cerrado é o segundo maior do Brasil. Sua área corresponde a 204 milhões de hectares, chegando a ocupar um quarto do território nacional. O Cerrado estende-se pelos estados de Goiás, do Tocantins, do Maranhão, do Piauí, da Bahia, de Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul, de Minas Gerais, de São Paulo e pelo Distrito Federal. Encontra-se presente também em pequenas porções nos estados do Paraná, de Rondônia, do Amapá, de Roraima, do Amazonas e do Pará (REDE CERRADO, 1992).

Figura 1: Mapa do Brasil com destaque para o bioma Cerrado.



O Cerrado é a savana tropical mais diversificada de que temos conhecimento. Em torno de 5% de toda a diversidade do planeta está presente no bioma. O Cerrado abriga 30% dos diversos seres vivos identificados no nosso país. O Cerrado atua como uma floresta invertida, pois suas árvores possuem raízes profundas para que possam alcançar a água subterrânea e trazê-la para a superfície. É o berço de oito das doze bacias hidrográficas brasileiras (REDE CERRADO, 1992).

O Cerrado brasileiro é o segundo bioma mais ameaçado do Brasil e o único bioma nacional sem proteção constitucional. A marcha brasileira para o Oeste deu-se em momentos distintos: no século XVIII, em busca de ouro, e a partir dos anos 1930, com a expansão agrícola desenfreada e a urbanização do interior, na qual têm papel fundamental a construção de Goiânia e a partir dos anos 1960, com a expansão da fronteira agrícola e a construção de Brasília.

O Cerrado tem a maior área de ocupação econômica do agronegócio e da pecuária brasileiras. É considerado um dos 25 *hotspots*¹² do planeta. Os números mostram o papel econômico do agronegócio: a parte da produção em território cerratense responde por 47% da produção de grãos. Em 2019, a agroexportação bateu recorde de produção. Em 2020, a participação total de 21% na exportação brasileira veio das terras do agro localizadas no Cerrado. O grão predominante é a soja (CERRADO, 2022).

A ocupação desordenada transformou 90% da produção agrícola do Cerrado em soja e levou 40 milhões de cabeças de gado para o bioma (CERRADO, 2022). Essa dinâmica gera conflitos por conta da concentração e da grilagem de terras, grave ameaça à existência da diversidade biológica e do ciclo hídrico que caracteriza o bioma e o direito de existir das comunidades tradicionais. E como não poderia deixar de ser, potencializa o efeito estufa e, conseqüentemente, a mudança brusca do clima.

Na última década, o Bioma perdeu 236 mil km² de áreas naturais. As emissões de CO₂ associadas a esse desmatamento equivalem a 3,6 vezes a emissão do país calculada em 2016. Entre julho de 2018 e agosto de 2019, 88% do desmatamento em Mato Grosso, estado brasileiro com maior área de Cerrado, foi de origem ilegal e concentrada em latifúndios (CERRADO, 2022).

As preocupações sobre o presente e o futuro do Cerrado estão na linha de frente da discussão entre cientistas e ambientalistas. A deterioração dos biomas brasileiros é uma realidade dada. O professor Altair Sales Barbosa, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), um dos maiores especialistas no bioma Cerrado, é taxativo ao defender que o Cerrado como bioma não existe mais.

¹² *Hotspots* são pontos ou áreas críticas para a conservação, consideradas de altíssimo risco de extinção de espécies no planeta.

O Cerrado é um tipo de ambiente em que vários elementos vivem intimamente interligados uns aos outros. A vegetação depende do solo, que é oligotrófico [com nível muito baixo de nutrientes; o solo depende de um tipo de clima especial, que é o tropical subúmido com duas estações, uma seca e outra chuvosa. Vários outros fatores, incluindo o fogo, influenciaram na formação do bioma – o fogo é um elemento extremamente importante porque é ele que quebra a dormência da maioria das plantas com sementes que existem no Cerrado. Assim, é um ambiente que depende de vários elementos. Isso significa que já chegou em seu clímax evolutivo. Ou seja, uma vez degradado, não vai mais se recuperar na plenitude de sua biodiversidade. Por isso é que falamos que o Cerrado é uma matriz ambiental que já se encontra em vias de extinção. (BARBOSA, 2015).

A importância do bioma Cerrado para a sociedade brasileira não se reflete em sua proteção. “As unidades de conservação federais e estaduais protegem pouco mais de 8% do Cerrado, sendo 2,85% unidades de conservação de proteção integral e 5,36% unidades de uso sustentável (MMA, s/d), incluindo Reservas Privadas do Patrimônio Natural (RPPNs), que protegem pouco mais de 3 mil hectares” (MUSEU VIRTUAL DO CERRADO, 2022).

Esse é o cenário no qual se encontra o Distrito Federal (DF), que apresenta um dos maiores índices de áreas protegidas¹³ de Cerrado no território brasileiro. O DF dispõe de 106 unidades de conservação¹⁴ (UCs) em seu território. Dessas, 13 unidades de conservação estão sob proteção federal e 95 sob responsabilidade do Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), autarquia responsável pela gestão das áreas protegidas do Distrito Federal.

Entre as modalidades de unidade de conservação existentes no DF, encontram-se estações ecológicas, reservas biológicas, áreas de proteção ambiental, áreas de relevante interesse ecológico, parque distrital, refúgio de vida silvestre, monumento natural, parque ecológico e floresta distrital¹⁵. Os normativos locais antecedem aos mais modernos de proteção ambiental federal.

¹³ A área protegida é definida geograficamente como destinada ou regulamentada e administrada para alcançar objetivos específicos de conservação (Convenção sobre Diversidade Biológica, 1992).

¹⁴ Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (Lei federal nº 9.985/2000).

¹⁵ Informações sobre as modalidades de unidade de conservação distrital, sistematizadas conforme a Lei Complementar distrital nº 827/2010, encontram-se no endereço eletrônico <https://www.ibram.df.gov.br/serie-especial-o-que-e-isso/>

Os anos 1990 foram de intensa criação de áreas protegidas no DF. A onda ambientalista da Rio-92¹⁶ colaborou para fortalecer os mecanismos ambientais já existentes e a criação de novos, tanto na esfera federal quanto na esfera local. O DF investiu em um desordenado processo de criação de parques sem estudo prévio, de regularização fundiária, de gestão comunitária e de garantias adequadas de implantação e de funcionamento.

A Lei Complementar distrital nº 265/1999, dispôs sobre a criação de parques no âmbito local. Essa legislação estabeleceu as modalidades de parques para conservação e para lazer público, categorizando-os como ecológico, de uso público ou ambas as modalidades, em função de suas características fitofisiológicas e de potencial de uso público, com foco na conservação do bioma Cerrado no âmbito do Distrito Federal.

Em 2002, as arquitetas Roseli Senna Ganem e Zita de Moura Leal elaboraram um documento técnico destinado à Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF), para dar um panorama sobre o contexto dos parques locais. O documento apresenta os principais problemas existentes: criação de parques sem infraestrutura básica, como orçamento, quadro de pessoal, definição de poligonal, plano de manejo, plano diretor ou conselho gestor. Vinte anos depois, vários desses problemas permanecem inalterados.

A esfera federal regulamentou vários pontos importantes da área ambiental no Brasil: Lei Federal nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC); Lei Federal nº 9.795/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental; Lei Federal nº 12.305/2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei Federal nº 9.605/1998, que dispõe sobre punições para crimes ambientais; diversas regulamentações feitas pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), além de adequações de normativos internacionais.

¹⁶ A II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Rio-92 ou Cúpula da Terra, foi realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 e reuniu 108 chefes de Estado dos países-membros da ONU. Os participantes buscavam meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e a proteção dos ecossistemas da Terra. A conferência do Rio consagrou o conceito de desenvolvimento sustentável e discutiu um modelo de crescimento econômico menos consumista e mais adequado ao equilíbrio ecológico. Contribuiu, ainda, para ampliar a conscientização de que os danos ao meio ambiente eram majoritariamente de responsabilidade dos países desenvolvidos. Reconheceu-se, ao mesmo tempo, a necessidade de os países em desenvolvimento receberem apoio financeiro e tecnológico para avançar na direção do desenvolvimento sustentável (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2022).

O Distrito Federal, alinhando-se à esfera federal, também constituiu suas legislações locais: Lei Complementar distrital nº 827, que institui o Sistema Distrital de Unidades de Conservação da Natureza (SDUC); Lei Distrital nº 3.833/2006, que institui a Política de Educação Ambiental do Distrito Federal e cria o Programa de Educação Ambiental; Decreto Distrital nº 31.129/2009, que regulamenta a Lei Distrital nº 3.833/2006.

Entre os anos de 2020 e de 2022, o IBRAM promoveu a recategorização dos parques sob sua gestão. Esse processo redefiniu os usos ecológicos e socioambientais dados a esses espaços, de acordo com suas qualidades, e redesenhou a modalidade parque urbano¹⁷, em substituição a de uso múltiplo, revogando a legislação anterior e transferindo a gestão dos parques urbanos assim categorizados às administrações regionais do Distrito Federal.

Hoje, existem 106 unidades de conservação no Distrito Federal, das quais 13 são federais, sob a gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e 93 são distritais, sob a gestão do IBRAM. Entre as UCs distritais, encontramos 76 parques, dos quais 36 estão abertos à visitação pública. E entre os parques com condições adequadas para a visitação pública, 10 encontram-se na Região Administrativa do Plano Piloto.

Esta investigação teve como foco os parques ecológicos, que a Lei Complementar nº 827/2010 definiu como parte do grupo de unidades de conservação de uso sustentável: “§ 2º O objetivo das Unidades de Uso Sustentável é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais”. A definição de parque ecológico está no art. 18 e segue transcrita a seguir.

Art. 18. O Parque Ecológico tem como objetivo conservar amostras dos ecossistemas naturais, da vegetação exótica e paisagens de grande beleza cênica; propiciar a recuperação dos recursos hídricos, edáficos e genéticos; recuperar áreas degradadas, promovendo sua revegetação com espécies nativas; incentivar atividades de pesquisa e monitoramento ambiental e estimular a educação ambiental e as atividades de lazer e recreação em contato harmônico com a natureza.

§ 1º O Parque Ecológico é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 2º O Parque Ecológico deve possuir, no mínimo, em trinta por cento da área total da unidade, áreas de preservação permanente, veredas, campos de murundus ou mancha representativa de qualquer fitofisionomia do Cerrado.

¹⁷ Lei Distrital nº 961/2019.

§ 3º A visitação pública é permitida e incentivada e está sujeita às normas e restrições estabelecidas no plano de manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua supervisão e administração e àquelas previstas em regulamento.

§ 4º A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento. (DISTRITO FEDERAL, 2010).

O que ocorre no DF, como em diversos contextos urbanos, é que o crescimento das cidades vem provocando a integração das áreas protegidas às zonas urbanas, tornando-as espaços híbridos entre o tradicional parque urbano e a área protegida para conservação que, por definição, estaria fora dos limites das cidades. Assim, espaços naturais contendo vasta diversidade biológica, elementos naturais e paisagens protegidas encontram-se nas cidades.

O processo de recategorização dos parques do DF foi realizado com base nos conceitos tradicionais de área protegida e de parque urbano. Essa hibridização do urbano com as áreas protegidas exige ações dialógicas muito mais sofisticadas para lidar com o uso público. Um dos objetivos do parque ecológico é o estímulo ao lazer e à Educação Ambiental, estabelecidos conforme um plano de manejo orientado para suas finalidades públicas.

No DF, as ações de Educação Ambiental nos parques estão reduzidas a um programa governamental executado no IBRAM. O programa Parque Educador é voltado a fortalecer a integração dos parques com a comunidade escolar, ampliando o espaço educativo das escolas aos parques, a fim de fortalecer a Educação Ambiental junto ao público estudantil (IBRAM, 2022). O programa atende os estudantes em sete parques ecológicos e uma estação ecológica.

Os parques ecológicos do Distrito Federal não possuem programas de Educação Ambiental voltados à visitação espontânea¹⁸. O público espontâneo é o perfil clássico dos frequentadores de parques, sejam regulares ou eventuais. Essa ausência de ações permanentes dificulta o entendimento público sobre sua importância como modalidade de área protegida, suas peculiaridades e limitações legais.

Inserimos a seguir uma tabela contendo informações básicas sobre os parques do Distrito Federal que passaram pela análise pública destinada ao processo de recategorização, entre os anos de 2019 e 2022, e sua condição, atualizada a partir de informações obtidas no *site* do Instituto Brasília Ambiental (IBRAM).

¹⁸ Frequentadores que se deslocam aos parques sem agendamento prévio.

Tabela 1 – Recategorização das unidades de conservação do Distrito Federal

Parque	Recategorização	RA	Modalidade	Ano de criação	Lei de criação	Implantado	Plano de manejo	Equipamentos
Parque Ambiental Colégio Agrícola de Brasília – Parque Ecológico e Vivencial da Lagoa Joaquim de Medeiros	Refúgio da Vida Silvestre Lagoa Joaquim de Medeiros	Planaltina	Refúgio da vida silvestre	1998	Lei Distrital nº 2.247/1998	Não		Não
Parque Bosque dos Constituintes	Parque Urbano Bosque dos Constituintes	Plano Piloto	Uso Múltiplo	2008	Decreto Distrital nº 29.641/2008	Não		Não
Parque Bosque dos Tribunais	Parque Urbano Bosque dos Tribunais	Plano Piloto	Uso Múltiplo	2009	Decreto Distrital nº 30.720/2009	Não	Instrução nº 243, 17/10/2018	Não
Parque Burle Marx	Parque Ecológico Burle Marx	Plano Piloto	Ecológico	1990	Decreto Distrital nº 12.249/1990	Não	em revisão	Não
Parque das Aves	Parque Urbano dos Pássaros	Candangolândia	Parque urbano	1996	Decreto Distrital nº 30.720/2009	Sim		
Parque das Corujas	Parque de Uso Múltiplo das Corujas	Ceilândia	Uso Múltiplo			Não		Não
Parque de Uso Múltiplo Centro de Lazer e Cultura Viva	Refúgio da Vida Silvestre Canela da Ema	Sobradinho	Refúgio da vida silvestre	2007	Lei Complementar nº 743/2007	Não		Não
Parque de Uso Múltiplo da Asa Sul	Parque Ecológico da Asa Sul	Plano Piloto	Ecológico	2003	Decreto Distrital nº 24.036/2003	Sim	Instrução nº 481, 17/12/2018	Circuito de malhação; parque infantil; ponto de encontro comunitário (PEC); banheiro; sede administrativa; lagoa; avistamento de aves.
Parque de Uso Múltiplo da Enseada Norte	Parque Ecológico da Enseada Norte	Plano Piloto	Ecológico	2006	Decreto Distrital nº 27.472/2006	Não	TR	Não
Parque de Uso Múltiplo das Esculturas	Parque de Uso Múltiplo das Esculturas	Paranoá (Altiplano)	Uso Múltiplo	2007	Decreto Distrital nº 28.516/2007	Não		Não
Parque de Uso Múltiplo Metropolitano	Parque de Uso Múltiplo Metropolitano	Ceilândia	Uso Múltiplo	2015		Não		Não
Parque de Uso Múltiplo Sucupira	Parque Ecológico das Sucupiras	Planaltina	Ecológico	1996	Decreto Distrital nº 25.926/2005	Sim		
Parque de Uso Múltiplo Vale do Amanhecer	Refúgio da Vida Silvestre Vale do Amanhecer	Planaltina	Refúgio da vida silvestre		Decreto Distrital nº 25.928/2005	Não		Não
Parque Distrital Boca da Mata	Parque Distrital Boca da Mata	Taguatinga	Distrital	1991	Decreto Distrital nº 13.244/1991	Não	Instrução nº 6, 22/1/2021	Não
Parque Distrital Salto do Tororó	Parque Distrital Salto do Tororó	Jardim Botânico	Distrital	2015	Decreto Distrital nº 36.472/2015	Não	Em andamento	Não
Parque do Cortado – Parque Ecológico Saburo Onoyama	Parque Ecológico do Cortado	Taguatinga	Ecológico	1996	Decreto Distrital nº 29.118/2008	Sim	Em andamento	Trilha; parque infantil; avistamento de aves; coopervia; cachoeira; chuveiro; lagoa; vista panorâmica; quadra poliesportiva; deck; banheiro; lanchonete; piscina; sede administrativa.

Parque	Recategorização	RA	Modalidade	Ano de criação	Lei de criação	Implantado	Plano de manejo	Equipamentos
Parque Ecológico Cachoeirinha	Parque Ecológico da Cachoeirinha	Paranoá	Ecológico	2002	Lei Complementar nº 614/2002	Não		Não
Parque Ecológico Ezequias Paulo Heringer	Parque Distrital Ezequias Paulo Heringer	Guará	Distrital	1998	Decreto Federal nº 3.597/1977 – Lei Distrital nº 1.826/1998	Sim	Sim	Circuito de malhação; trilha; ciclovia; parque infantil; coopervia; chuveiro; avistamento de aves; quadra poliesportiva; ponto de encontro comunitário (PEC); banheiro; sede administrativa.
Parque Ecológico Garça Branca	Refúgio da Vida Silvestre Garça Branca	Lago Sul	Refúgio da Vida Silvestre	1997	Lei Distrital nº 1.594/1997	Não	TR	Não
Parque Ecológico Irmão Afonso Hauss	Parque Ecológico Irmãos Afonso Hauss	Vicente Pires	Ecologico		Não encontrado	Não		Não
Parque Ecológico Lauro Müller – Parque Ecológico Luiz Cruls	Parque Ecológico do Catetinho	Park Way	Ecológico	2003	Decreto Distrital nº 23.730/2003 - Decreto Distrital nº 23.731/2003	Não		Não
Parque Ecológico Olhos D'água	Parque Ecológico Olhos D'água	Plano Piloto	Ecológico	1994	Decreto Distrital nº 556/1993 Decreto Distrital nº 15.900/1994	Sim		Circuito de malhação; trilha; coopervia; chuveiro; lagoa; avistamento de aves; ponto de encontro comunitário (PEC); banheiro; sede administrativa.
Parque Ecológico Península Sul	Parque Ecológico Península Sul	Lago Sul	Ecológico	2003	Decreto Distrital nº 24.214/2003	Sim	TR	ciclovia; vista panorâmica; pesca; coopervia; avistamento de aves; esportes aquáticos; beira-lago; deck.
Parque Ecológico Ponte Alta do Gama	Refúgio da Vida Silvestre Ponte Alta do Gama	Gama	Refúgio da Vida Silvestre	1996	Lei Distrital nº 1.202/1996	Não	Decreto nº 2.747, 6/12/2006	Não
Parque Ecológico Sementes do Itapoã	Parque Ecológico Sementes do Itapoã	Itapoã	Ecológico	2014	Decreto Distrital nº 35.508/2014	Não		Não
Parque Ecológico Taquari	Parque Ecológico Varjão-Taquari	Lago Norte	Ecológico	2003	Decreto Distrital nº 23.911/2003	Não	Sim	Não
Parque Ecológico Veredinha	Parque Ecológico Veredinha	Brazlândia	Ecológico	1992	Lei Distrital nº 302/1992 – Decreto Distrital nº 16.052/1994	Sim	Sim	Trilha; parque infantil; coopervia; campo de futebol; quadra de areia; chuveiro; avistamento de aves; quadra poliesportiva; banheiro; sede administrativa.
Parque Ecológico Vivencial Estância	Refúgio de Vida Silvestre Mestre d'Armas	Planaltina	Refúgio da Vida Silvestre	2002	Lei Complementar nº 623/2002	Não		Não
Parque Ecológico Vivencial Gatumé	Refúgio da Vida Silvestre Gatumé	Samambaia	Refúgio da Vida Silvestre	2005	Decreto Distrital nº 26.437/2005	Não	TR	Não
Parque Ecológico Bernardo Sayão	Parque Distrital Bernardo Sayão	Lago Sul	Distrital	2002	Decreto Distrital nº 23.276/2002	Não	Instrução nº 282, 17/7/2018	Não
Parque Lagoinha	Parque Lagoinha	Ceilândia	URB 16/02, folha 12/20	Não		Não		Não
Parque Recreativo de Santa Maria	Parque Ecológico Santa Maria	Santa Maria	Ecológico	1998	Lei Distrital nº 2.044/1998	Não	TR	Não
Parque Recreativo de Taguatinga	Parque de Uso Múltiplo de Taguatinga	Taguatinga	Uso Múltiplo	2002	Lei Complementar nº 637/2002	Não		Não
Parque Recreativo do Gama (Prainha)	Parque Distrital do Gama	Gama	Distrital	1982	Decreto Distrital nº 6.953/1982	Sim	Decreto nº 2.747, de 6/12/2006	cachoeira; avistamento de aves.

Parque	Recategorização	RA	Modalidade	Ano de criação	Lei de criação	Implantado	Plano de manejo	Equipamentos
Parque Recreativo do Núcleo Bandeirante	Parque Urbano do Núcleo Bandeirante	Núcleo Bandeirante	Uso Múltiplo	1997	Lei Distrital nº 1446/1997	Não		Não
Parque Recreativo do Setor O	Parque Urbano do Setor O	Ceilandia	Uso Múltiplo	1995	Lei Distrital nº 871/1995	Sim		
Parque Recreativo e Ecológico Canela de Ema	Refúgio da Vida Silvestre Canela de Ema	Sobradinho II	Refúgio da vida silvestre	2007	Lei Distrital nº 1.400/2007	Sim		Vista panorâmica; avistamento de aves; lagoa.
Parque Recreativo Sucupira	Parque Ecológico Sucupira	Planaltina	Ecológico	1996	Lei Distrital nº 1.318/1996			
Parque Três Meninas	Parque Ecológico Três Meninas	Samambaia	Ecológico	1993	Lei Distrital nº 576/1993	Sim	Em andamento	ciclovía; parque infantil; vista panorâmica; quadra poliesportiva; avistamento de aves.
Parque Urbano da Vila Estrutural	Parque de Uso Múltiplo da Vila Estrutural	SCIA	Uso Múltiplo	2007	Decreto Distrital nº 28.080/2007	Não	Sim	Não
Parque Urbano do Paranoá e ARIE Paranoá Sul	Parque Ecológico do Paranoá	Paranoá	Ecológico	1997	Decreto Distrital nº 15.899/1994 - Lei Distrital nº 1.438/1997	Sim	TR	Ciclovía; parque infantil; vista panorâmica; quadra poliesportiva; avistamento de aves; banheiro; quadra de areia; coopervia; sede administrativa.
Parque Urbano do Sudoeste	Parque de Uso Múltiplo Bosque do Sudoeste	Sudoeste/Octogonal	Uso Múltiplo	1999	Lei Distrital nº 2.360/1999	Sim		Circuito de malhação; ciclovía; parque infantil; avistamento de aves; quadra poliesportiva.
Parque Urbano e Vivencial do Gama	Parque Ecológico do Gama	Gama	Ecológico	1996	Lei Distrital nº 1.959/1996	Sim	Decreto nº 2.747, de 6/12/2006	
Parque Urbano e Vivencial Vila Planalto	Parque de Uso Múltiplo da Vila Planalto	Plano Piloto	Uso Múltiplo	2003	Decreto Distrital nº 24.213/2003	Não		Não
Parque de Uso Múltiplo do Lago Norte	Parque Ecológico Lago Norte	Plano Piloto	Ecológico	1999	Decreto Distrital nº 23.315/2002	Sim	TR	Trilha; pista de skate; ciclovía; parque infantil; pesca; chuveiro; avistamento de aves; esportes aquáticos; beira-lago; deck; banheiro; sede administrativa.
Parque Vivencial Denner	Parque de Uso Múltiplo Denner	Guará	Uso Múltiplo	1998	Lei Distrital nº 2.014/1998	Não		Não
Parque Vivencial do Anfiteatro Natural do Lago Sul	Parque Ecológico Anfiteatro Natural	Lago Sul	Ecológico	1998	Lei Complementar nº 57/1998	Sim	TR	Trilha; vista panorâmica; avistamento de aves; esportes aquáticos.
Parque Vivencial do Morro do Careca	Refúgio da Vida Silvestre Morro do Careca	Lago Norte	Refúgio da Vida Silvestre	2002	Lei Complementar nº 641/2002	Não	TR	Não
Parque Vivencial e Ecológico Canjerana	Refúgio da Vida Silvestre Canjerana	Lago Sul	Refúgio da Vida Silvestre	1996	Lei Distrital nº 4.506/2010	Não	TR	Não

3.2 A cidade modernista e os espaços públicos de lazer

É a cidade que vai avançar
E não o mar
Você não vê
Mas da próxima vez que eu for a Brasília
eu trago uma flor do Cerrado pra você
(VELOSO, 1974)

Brasília foi uma cidade sonhada para um Brasil que se pretendia moderno, mas trazia uma bagagem de desigualdades e de contradições não resolvidas. Sua criação está diretamente relacionada a um projeto de país interrompido, que deixou marcas profundas em sua dinâmica, nos projetos nunca tornados realidade e que já não fazem mais sentido no Brasil do século XXI.

A proposta de interiorização da capital vem dos tempos do Brasil Colônia, em que se discutia a apropriação do território, o aprofundamento da exploração de riquezas e a garantia da segurança contra invasões. A partir da Independência, outros fatores, como a mudança das elites políticas e do vetor de desenvolvimento nacional, entraram em cena como elementos impulsionadores para a mudança da capital brasileira.

A cidade modernista, gerada no meio de um país que não conheceu o medievo, ingressou numa modernidade típica das periferias do sistema colonial – com os princípios basilares do pensamento liberal convenientemente inacabados – sonhada na constituição pós-Independência e executada como o último suspiro de um movimento estético-arquitetônico. A Brasília real produz e reproduz as dinâmicas do Brasil real.

A cidade mítica, embebida no mito fundador de cidade planejada para um Brasil do futuro, tem na sua arquitetura monumental a expressão simbólica de rituais e de crenças desenhados no traçado urbano, entranhada nos corações e nas mentes dos que aqui habitam. “O traço fundamental assenta a cidade na estrutura da paisagem, conectando-a tanto ao céu quanto à terra” (COSTA, 1995, p. 284).

A construção de Brasília faz parte dos mitos fundadores da sociedade brasileira, ao evocar a “heroica” luta de ocupação e de controle do território que se tornaria Brasil. Derntl (2020) aponta que os discursos sobre a produção das três capitais brasileiras estão interligados por esse mito de fundação da

civilização em um “espaço vazio e hostil”. “Brasília apresenta-se como continuidade, mas também ruptura com o passado, num processo contínuo de construção do território, tendo as capitais como marcos” (DERNTL, 2020, p. 96).

Apesar de o modernismo urbanista ter sido profundamente influenciado pelo ideário socialista na concepção de acesso universal, de funcionalidade e de setorização, os traços autoritários e elitistas da sociedade brasileira se fizeram presentes, ao impedir que os trabalhadores que ergueram a cidade pudessem nela habitar (ARAÚJO, 2006). A cidade-experimento produziria a civilização do futuro em seus croquis, mas esse futuro não se destinava a todos.

Brasília foi construída contendo elementos de diferentes paradigmas urbanísticos modernos. Os espaços livres destinados ao ajardinamento, a separação entre pedestre e meios de transporte, a linearidade como referência de ocupação do espaço, a monumentalidade, o *pilotis* como estratégia de salubridade, o uso de concreto armado e ferro nas estruturas, a superquadra como unidade básica do tecido urbano, a ideia de cidade-satélite como área de expansão conectada ao núcleo central (FICHER; PALAZZO, 2005).

Lúcio Costa, o arquiteto modernista, foi influenciado pelos urbanistas do século XIX. Soria y Mata planejou uma cidade produzida a partir de uma linha que a corta e delimita, desenvolvendo-a ao longo dessa “rodovia”. Olmsted propôs o ajardinamento dos vazios urbanos. Ebenezer Howard criou o modelo de cidade-jardim, aplicado à superquadra. Lúcio Costa foi influenciado por Le Corbusier, que propunha a produção da cidade focada em uma arquitetura limpa, funcional e setorizada.

Machado (2007) aponta ser Brasília o projeto que aplicou com mais unidade os princípios da Carta de Atenas na produção de uma cidade. Lúcio Costa foi influenciado por Le Corbusier, que trazia dos urbanistas clássicos a forte influência das concepções de Ebenezer Howard e sua proposta de cidade-jardim. Esse modelo urbano propunha uma união da vida urbana com a rural por meio de pequenos conglomerados comunitários, em uma síntese cidade-campo.

As cidades-jardins integravam a zona rural à urbana em torno de um centro que convergia na adaptação da cidade ao seu meio natural, possibilitando que as pessoas se fixassem em um núcleo urbano, com as áreas rurais em seu entorno. Esse modelo permite a integração de comunidades pequenas, ligadas

aos dois ambientes (campo e cidade) sem que precisem migrar de uma a outra, mas usufruindo dos serviços oferecidos por ambos.

No centro da área urbana, haveria um jardim, reunindo em seu entorno toda a rede de equipamentos públicos. Do jardim, sairiam alamedas residenciais arborizadas. A fronteira entre cidade e campo seria demarcada por um anel concêntrico de serviços. Toda cidade-jardim teria um limite de população. Ao findar o limite, novas cidades – as satélites – seriam criadas, preservando a área verde ao redor da cidade original, conectando o centro e seus arredores. Todas essas ideias foram utilizadas em Brasília.

A influência do pensamento de Le Corbusier sobre a produção de Brasília é a predominante. Ele propunha que o papel da arquitetura era o de atender as necessidades humanas no espaço. As escalas humana, bucólica e monumental devem estar harmonizadas no espaço produzido. Adota várias ideias dos urbanistas do século XIX, hibridizadas na produção da cidade. Le Corbusier, em conjunto com os arquitetos da Bauhaus¹⁹, formam as mais influentes correntes do pensamento urbanista moderno.

Le Corbusier fundou a corrente modernista de arquitetura denominada por seus pares de *estilo internacional*, cujo propósito era criar uma arquitetura funcional, limpa de ornamentação, usando materiais de construção não convencionais à época, como concreto, aço e vidro (novos no mercado), desvinculados dos padrões arquitetônicos anteriores e passíveis de replicação em qualquer lugar do mundo (ARAÚJO, 2006).

Le Corbusier também atuou na disseminação dessas ideias ao participar da criação do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), em 1928, a mais importante instância internacional de discussão sobre arquitetura e urbanismo em vigência. Os CIAMs tinham como propósito instrumentalizar o poder público com propostas para a arquitetura e o urbanismo voltadas ao desenvolvimento das sociedades.

¹⁹ A Bauhaus foi uma importante escola de artes e arquitetura criada por Walter Gropius, na Alemanha, em 1919, que congregou boa parte da vanguarda modernista de sua época, fixando diretrizes estéticas que prevaleceriam no mundo durante o século XX. A Bauhaus criou modelos de residências desornamentadas, funcionais e econômicas, cujos protótipos saíam das oficinas para a execução em série na indústria, atendendo as necessidades de moradia da população alemã, que teve suas cidades destruídas durante a Primeira Guerra Mundial.

As principais contribuições de Le Corbusier estão compiladas no texto conhecido como Carta de Atenas, publicada no IV CIAM, em 1933, na qual são traçadas as diretrizes do urbanismo moderno. Assim, a cidade moderna deve ser desenhada sob uma perspectiva funcionalista, na qual todos os órgãos são interdependentes e estão ligados a um centro de planejamento, em que cabe ao poder público a propriedade e a gestão do solo urbano para o atendimento das finalidades sociais de sua população.

A Carta de Atenas expressa o espírito da época em que foi escrita: um momento histórico em que a arquitetura e o urbanismo modernos ressignificam a produção de modelos urbanos, saindo da tradição das cidades ideais (utópicas) para as cidades vividas e significadas – história, personagens, usos sociais do espaço, administração, relações de poder – sob forte influência de ciências como a Sociologia, a Geografia e a Psicologia (ARAÚJO, 2006).

O urbanismo modernista, que se propôs romper com as tradições anteriores (mas não o fez na prática), pensa a produção da cidade de modo abrangente, seguindo concepções do século XIX, como organicidade, arborização, higienismo, setorização e interdependência espacial. Le Corbusier mantém a divisão das funções basilares em habitação, lazer, trabalho e circulação.

Le Corbusier e sua Carta de Atenas incorporaram as visões de natureza do período anterior (natureza funcional – estética, higiene e circulação), mas ressaltou o que se entende por natureza na cidade neste período: além da arborização urbana/verde urbano, Le Corbusier fala de insolação nas habitações, poluentes, superfícies livres, e, talvez o mais relevante, aponta que rios, florestas, morros, montanhas, vales lagos etc., que porventura existam dentro ou próximo de cidades, devem ser considerados áreas de lazer – e preservados! Com isso, Le Corbusier aponta mais uma função da natureza na cidade – a recreativa (ARAÚJO, 2006, p. 109).

Le Corbusier ainda discute a questão da proteção ao patrimônio arquitetônico de uma cidade, com base no valor histórico e artístico, reconhecendo que, como testemunho de uma época, deve ser resguardado, propondo a importância de sua salvaguarda como interesse público. Ele afirma que uma nova cidade para uma nova sociedade deve ter como pressuposto arquitetônico a escala humana no pilar de seu planejamento e de sua gestão.

Os urbanistas modernistas desenvolveram suas ideias sobre a relação das pessoas com a vida urbana em diferentes escalas de produção do espaço, na Europa e na América Latina: bairros, vilas, entornos de cidades, cidades. Considerada um laboratório do pensamento urbanista, Brasília possibilitou testar o diálogo entre diferentes pensadores e a vinculação entre suas propostas. Brasília é, de fato, um experimento.

A lógica da definição de funções urbanas e sua setorização são pilares do pensamento urbanista moderno, inaugurado no século XIX e continuado no século XX. A função social do lazer urbano é inserida nas discussões sobre a vida nas cidades, sintonizada com as questões de seu tempo. Os urbanistas produzem modelos que se propõem atender às necessidades expressadas em diferentes segmentos sociais para os ambientes de tomada de decisão.

Na Europa, origem do pensamento urbanista que influenciou a construção de Brasília, a ideia de que a cidade tem funções de lazer está ligada às mudanças sociais proporcionadas pela industrialização nos centros europeus do século XIX. Na América Latina, cujos países passaram por industrialização tardia, a urbanização atendia a outras finalidades que não as necessidades relacionadas aos processos industriais urbanos.

O direito ao lazer, em todas as formas em que se apresenta – diversão, desenvolvimento ou descanso – é uma conquista social dos trabalhadores (DUMAZEDIER, 1994). O lazer pode ser lido também como um elemento funcional a uma sociedade que estava redesenhando suas razões de ser, em busca da produção de uma identidade urbana. Em Brasília, o lazer público é expresso no conceito de superquadra.

O projeto urbanístico-arquitetônico de Brasília estava dividido em projeção dos espaços públicos em geral (Lúcio Costa) e projeção dos edifícios (Oscar Niemeyer projetou os mais significativos). A proposta era de uma cidade organizada por dois eixos: um de escala monumental, que abrigaria todos os edifícios governamentais, e outro de escala humana, que abrigaria “duas asas” que se subdividem em quarteirões denominados “superquadras”.

A superquadra foi projetada para ser o mínimo comum da unidade habitacional brasiliense. Todas as superquadras são de mesmo tamanho, a fim de garantir o modo igualitário de organização e de ocupação do espaço

habitacional. Têm sempre edifícios de seis andares, para que todos os moradores tenham uma perspectiva comum de visão, de amplitude e de espacialidade.

Os edifícios são suspensos por *pilotis*²⁰, como estratégia para garantir elementos de luz natural, correntes de ar e livre circulação de pessoas. Em regra, é proibido colocar grades e/ou cercas no espaço da superquadra, pois ele é definido como espaço público de livre circulação, tanto de moradores, quanto de transeuntes. Como espaço público, pertence a toda a cidade e não apenas aos que ali habitam.

Embora existam edifícios implantados diretamente sobre o solo, a grande maioria dos blocos habitacionais está implantada sobre *pilotis*. A ideia consiste em: 1) privilegiar o espaço público, anunciando que residir nas superquadras implica ter a vida suspensa, elevada do solo, segundo uma proposta de verticalização da habitação que liberta o espaço térreo, tornando-o permeável ao movimento pedonal; e 2) estabelecer uma relação de complementaridade entre a habitação, suspensa sobre *pilotis* e os amplos espaços livres de uso coletivo, equipamentos e serviços, promovendo novas relações espaciais e sociais (RAMOS, 2009).

As superquadras foram elaboradas para serem espaços de convivência entre vizinhos. O habitar é pensado como estímulo de promoção da sociabilidade. A cada quatro superquadras, estava formada uma unidade de vizinhança, definida como o pequeno bairro residencial. Cada unidade deve ter edifícios residenciais, espaços de lazer como áreas ajardinadas, pequenos parques, clube social de vizinhança²¹, comércio, escolas, igrejas e cinemas (FERREIRA e GOROVITZ, 2009).

Entre a Brasília concebida pelos urbanistas modernistas e a Brasília real, na qual vivemos, há um considerável hiato. Edifícios têm sido cercados com o intuito de dificultar/impedir a passagem de pedestres. São queixas recorrentes dos moradores a inexistência de espaços para a cultura e o lazer. Entretanto, os

²⁰ O *pilotis* é um sistema construtivo no qual um edifício é sustentado por colunas em seu pavimento térreo. O uso do *pilotis* é definido por Le Corbusier como uma das cinco características básicas da “nova arquitetura” moderna, também conhecida como *international style*.

²¹ Clube Social Unidade de Vizinhança são clubes sociais, esportivos e recreativos presentes nas unidades de vizinhança, contidas no projeto original do Plano Piloto de Brasília. O projeto original previa clubes nas entre quadras 104/105, 108/109 e 112/113 das asas Sul e Norte. Hoje, existem apenas os clubes de vizinhança nas entrequadras 108/109 Sul e na 604 Norte.

pequenos parques de entrequadra encontram-se lá, abandonados, sem qualquer tipo de uso público.

As unidades escolares públicas localizadas nas superquadras têm sido motivo de grande atrito dos moradores com o equipamento público. Ali estudam os filhos dos trabalhadores das superquadras, que nelas não residem. “Oscar Niemeyer dizia que Brasília deveria ser uma cidade socialista, comunitária” (MACHADO, 2007, p. 127). O que vemos hoje é a produção de um discurso que propõe a privatização do espaço público e a exclusão de classes.

Diariamente, os princípios que nortearam a construção de Brasília e a vida nas superquadras vêm sendo suprimidos.

O intuito era proporcionar uma vida em comum que quebrasse o isolamento burguês das famílias. No entanto, ironicamente, é fácil perceber que, assim como Brasília, as superquadras viraram certamente mais paradigmas de exclusão e privilégio de que propriamente de uma estrutura comunitária (MACHADO, 2007, p. 127).

As cidades contemporâneas vêm passando por um processo de privatização da vida social e dos espaços urbanos. Seu uso multifuncional vem se perdendo, o que empobrece a própria ideia de cidade (ROLNIK, 2000). Algumas funções sociais que eram públicas sob uma concepção moderna e modernista do urbano, vêm se tornando privadas, limitando o espaço público à função de circulação.

O espaço urbano fica reduzido a um simples local de acesso, tornando-se apenas o suporte para a conexão de pontos, de endereços; rotas para se chegar aos locais onde existe o prazer; isso tanto dentro do espaço doméstico – televisão, vídeo e vida familiar – como nos espaços do consumo cultural e esportivo (ROLNIK, 2000, p. 180).

Nos últimos 30 anos, Brasília – e todo o Distrito Federal – vem experimentando um processo de crescimento desordenado, especulação e ocupação ilegal de suas terras. Essa lógica socioespacial visa a atender a interesses de grupos políticos e econômicos com forte influência sob a máquina pública e o Poder Legislativo. Essas demandas setoriais segregam o acesso ao espaço público, distribuindo-o de forma desigual.

“Com isso, a cidade de hoje, polinucleada, é bem diversa da que foi esmeradamente projetada, não mais podendo ser apontada como o modelo brasileiro de “planejamento urbano” (PAVIANI, 2003, p. 64). Essa dispersão desigual e desestruturada dos núcleos urbanos que formam o Distrito Federal caracteriza Brasília como uma cidade polinucleada, na qual os bens e serviços socialmente produzidos destinam-se a atender a grupos privilegiados.

“Em outras palavras, o intenso trabalho de mais de quatro décadas dos construtores urbanos não resultou em uma democrática apropriação social dos bens e serviços socialmente produzidos” (PAVIANI, 2003, p. 64). Essas desigualdades se expressam nas diversas esferas da vida social. Com os espaços públicos destinados ao lazer não seria diferente. A privatização dos espaços públicos e da própria experiência de lazer, além de sua virtualização, é uma realidade. Ainda assim, o lazer público resiste em Brasília.

A apropriação dos espaços públicos de uma cidade para o lazer e a recreação é um movimento que, do ponto de vista urbanístico, deve ser gerido pelas mãos da ação estatal. O uso público que a população faz dos espaços a partir do senso de pertencimento, das memórias e dos vínculos de afeto com o lugar, redefinem sua apropriação, o que gera conflitos com o poder público e com interesses privados, mas também reafirma o quanto as cidades são vivas.

O fenômeno contemporâneo da apropriação dos espaços públicos para atividades de lazer é uma interessante subversão urbanística. No Distrito Federal, ele se apresenta com a ocupação de uma via urbana que entrecorta as asas Sul e Norte, denominada de Eixo Rodoviário-Residencial. Conhecido popularmente como Eixão, é uma via rápida de trânsito, com seis faixas de alta velocidade, que atravessa Brasília e é a porta de entrada da cidade.

A apropriação do Eixão para eventos públicos ocorre desde a inauguração de Brasília, em 1960. Após o golpe de 1964, seu uso passa a ter um conteúdo cívico-militar, monitorado pelo poder público, pois o país vivia um regime autoritário e a possibilidade de reuniões públicas era vista como uma ameaça. Com a redemocratização, o Eixão continuou a ser lugar de expressão de grandes acontecimentos e passou a ser usado como espaço de lazer.

Nos primeiros anos, o Eixão era tomado de corridas automobilísticas, desfiles de samba, *shows*, sendo algumas de natureza peculiar, como os cortejos fúnebres – de JK, Tancredo e Niemeyer, procissões para acompanhar o Papa João Paulo II, a Rainha Elizabeth II ou mesmo protestos (CHINIKL, 2019, p. 9).

Destinado apenas à função de circulação, esse espaço público absorveu práticas sociais, políticas e culturais tão diversificadas quanto são as atividades de lazer. O Eixão foi palco de recepção da seleção brasileira tricampeã do mundo em 1970, das visitas do Papa João Paulo II, em 1980 e em 1991, e da Marcha dos Cem Mil do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), em 1997.

O uso público do Eixão para o lazer e a recreação aos domingos e feriados foi regulamentado em 1991 e é um marco para a criação das ruas do lazer. Eventos esporádicos eram realizados nas regiões administrativas²² do DF. O sucesso desses eventos apontou para uma demanda reprimida. Restrito ao Eixão e à Região Administrativa do Paranoá (RA VII), o programa Rua do Lazer foi implantado por meio do Decreto Distrital nº 43.485, de 27 de junho de 2022, em todas as regiões administrativas do Distrito Federal.

Importante observar que a ideia de rua não faz parte do repertório do urbanismo modernista. Sua ausência na estrutura urbanística de Brasília é criticada por pensadores das cidades como Jan Gehl e Jane Jacobs. Críticas como a de que a cidade é interessante aos olhos, mas não à vida, tampouco o modelo de cidade-jardim é propício à sociabilidade urbana. A escala monumental é criticada por sua imposição em detrimento da escala humana (FECOMÉRCIO/SP, 2017; JACOBS, 2014).

A produção da cidade antes da sociedade tem aproximações com pensadores sociais que apontam para a invenção do estado brasileiro antes da nação. Entre as inúmeras críticas ao modernismo urbanista de Le Corbusier, de Lúcio Costa e de Oscar Niemeyer, encontram-se a homogeneização das paisagens urbanas, a setorização exacerbada, a rodoviarização em detrimento das ruas, a dificuldade de separar espaço público e privado, o que torna a cidade um “espaço de ninguém” (ARAÚJO, 2006).

²² A divisão do Distrito Federal em regiões administrativas foi oficializada através da Lei nº 4.545/1964. Antes dela, as regiões administrativas não estavam oficialmente definidas, mas já existiam as sedes, chamadas de cidades-satélites.

A ocupação da rua para fruição do lazer tem uma finalidade pública de grande valor, que é expandir o direito social ao lazer para grupos pouco beneficiados pelo acesso a equipamentos culturais como teatros, cinemas, *shows*, museus e bibliotecas. As ruas já são equipamentos construídos e por serem próximas às residências, evitam a necessidade de transporte público e outros custos que dificultariam seu acesso. No DF, as ruas do lazer atendem tanto RAs de baixa renda quanto as de classe média.

No que se refere aos espaços públicos historicamente pensados para o lazer no Distrito Federal, temos o Parque Sarah Kubitschek, também conhecido como Parque da Cidade, que tem 420 hectares, caracterizando-o como o maior parque urbano da América Latina e que figura entre os maiores parques urbanos do mundo em extensão e em variedade de uso público.

Inaugurado em 1978, o parque tem planta arquitetônica de Oscar Niemeyer e de Lúcio Costa, com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx e azulejos de Athos Bulcão (TANURE, 2007). O Parque Sarah Kubitschek é o último parque urbano de grandes proporções construído no século XX, e recebe uma média de 14 mil pessoas durante a semana e de 37 mil pessoas aos fins de semana. Em eventos especiais, chega a receber 80 mil pessoas (DISTRITO FEDERAL, 2022).

O parque apresenta uma diversidade de espaços de lazer, como pista de caminhada, de corrida e de ciclismo, quadras poliesportivas, churrasqueiras, área de piquenique, parque infantil, espaços para banhos de sol, trezinho, pedalinho, lanchonetes, restaurantes, centro hípico, cartódromo, centro de eventos, além de eventos espontâneos, atraindo frequentadores de todo o Distrito Federal. A famosa piscina com ondas tem projeto para reativação em andamento.

A malha de áreas protegidas no Distrito Federal é das maiores em zona urbana no Brasil. Uma considerável malha de unidades de conservação na modalidade parque ecológico encontra-se em zona urbana. Os parques ecológicos destacam-se como espaços públicos que coadunam lazer e conservação ambiental. Entre os 76 parques existentes, 36 encontram-se abertos para uso público, sendo 10 deles concentrados em Brasília.

Um movimento mais contínuo que vem ocorrendo em Brasília, mas não somente aqui, é o das ocupações de espaços públicos para eventos culturais, feiras, atos políticos e outras diversas modalidades de apropriação,

caracterizando-se em fenômeno global das cidades contemporâneas. “Para um público socialmente heterogêneo, com predomínio de um contingente jovem, os incríveis espaços de Brasília estão se convertendo em ambientes para novas formas de estar e viver a própria cidade” (ROSSETTI, 2018, p. 308).

O espaço público temporariamente ocupado para eventos de diversas naturezas, mas principalmente lúdico e cultural, é realizado tanto pela ação governamental quanto pela sociedade em geral. O debate sobre a ocupação dos espaços urbanos, para além de uma leitura sobre espetacularização das práticas sociais, aponta para a discussão sobre a resignificação da cidade e a questão do pertencimento ao lugar (ROSSETTI, 2018).

Em Brasília, esse fenômeno nos faz refletir sobre as representações produzidas acerca da cidade como patrimônio tombado em 1987, ou seja, intocável e sem maleabilidade. Faz parte das representações sobre Brasília ser tratada como a cidade que não tem alma: a cidade cantarolada por Renato Russo em seu “tédio com um T bem grande pra você” (RENATO RUSSO, 1987). Outra forte representação sobre Brasília é a da cidade do poder, do dinheiro e da corrupção.

A cidade não se esgota na Esplanada dos Ministérios, mas também é feita nela. Enquanto as decisões políticas, gerenciais e administrativas do país ocupam seu espaço durante o dia, à noite e aos finais de semana, os gramados do Congresso Nacional e a Praça dos Três Poderes são tomados por turistas, estudiosos de astronomia, crianças (muitas crianças), ciclistas, reuniões de grupos musicais, visitas aos espaços e aos monumentos do poder.

E assim, a escala monumental se faz humana, comprovando a afirmação da urbanista Raquel Rolnik (2000) de que o lazer humaniza a cidade, colocando em xeque a rigidez da setorização espacial. “É diante deste processo dinâmico que vale refletir sobre a transformação dos valores patrimoniais e do status do tombamento de Brasília como cidade contemporânea e não apenas como paradigma de modernidade” (ROSSETTI, 2018, p. 308).

Se a função pública do lazer é um componente da cidade moderna, Brasília, a cidade modernista, tem nas experiências públicas de lazer um modo de subverter o urbanismo de papel, reinventando-se a cada geração. Como explana o poeta mato-grossense radicado em Brasília Nicolas Behr (2012, p. 76): “Brasília não envelheceu. Abrasileirou-se!”

3.3 Parque Ecológico Olhos D'água

O Parque Ecológico Olhos D'água é uma unidade de conservação de uso sustentável na modalidade parque ecológico, localizado na Região Administrativa do Plano Piloto, no bairro da Asa Norte, entre as quadras SQN 212/213, SQN 413/414 e SCLN 414/415. O Parque Olhos D'água é de acesso gratuito e aberto ao público todos os dias, das 5h às 21h. O Instituto Brasília Ambiental (IBRAM) estima um público mensal de 30.000 usuários (RODRIGUES, 2022).

O parque tem 28 hectares e contém equipamentos como ponto de encontro comunitário (PEC), um relógio de sol, vias para pedestres, circuito de aparelhos de ginástica, trilhas, hortas, sede administrativa, bebedouros, biblioteca, banheiros, parquinho infantil, gramado para banhos de sol, piqueniques e eventos culturais, chuveiros, lagoa e área para avistamento de aves, além de espaços criados pela comunidade.

Figura 2: Entrada principal do Parque Olhos D'água



Formado por pequenos bosques de vegetação nativa do Cerrado, matas de galeria e muitos cursos d'água, o parque foi criado em 1994 pela então Secretaria de Meio Ambiente e Tecnologia (SEMATEC), com a finalidade de proteger nascentes da região, recuperar e preservar a Lagoa do Sapo e seu entorno, desenvolver pesquisa sobre flora e fauna nativas, criar espaços de lazer e Educação Ambiental para a população circunvizinha.

Figura 3: Circuito de malhação



O parque foi instituído pela Lei Distrital nº 556/1993 e regulamentado pelo Decreto nº 15.900/1994. A partir da Lei Complementar Distrital nº 265/1999 (revogada pela Lei Complementar nº 961/2019) foi classificado à época como Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'água.

De acordo com o artigo 2º da Lei Distrital nº 15.900/1994, são objetivos do Parque Olhos D'água:

I – preservação das nascentes, olhos d'água, córrego e da lagoa existente; II – preservação da mata de galeria e da fauna associada a esse tipo de vegetação, bem como sua recuperação nas áreas em que se encontra degradada; III – proporcionar o desenvolvimento de programas de observação e educação ambiental, além de pesquisas sobre os ecossistemas locais; IV – proporcionar à população lazer cultural que vise principalmente o desenvolvimento de atividades que levem em conta a conservação do meio ambiente. (DISTRITO FEDERAL, 1994).

Originário de antigas fazendas da região, anteriores à construção de Brasília, sobreviveu à ocupação urbana do Plano Piloto. As características ambientais preponderantes como a abundância em água para captação, eram forte atrativo para invasões (GOMES, 2004). Como espaço vazio de destinação, descaracterizado de uma finalidade urbana e de uso social, também provocava muita insegurança na região.

A sociedade civil atuou de forma intensa na criação do Parque Olhos D'água, que foi planejado para ser um laboratório de gestão copartícipe, envolvendo a comunidade local e a administração pública (GOMES, 2004). Essa participação perdeu-se com o tempo, mas já foi uma característica marcante da comunidade local, atuante em momentos decisivos de sua história.

A unidade nasceu da iniciativa da comunidade local, que para chamar a atenção da sociedade e do governo para sua importância, fizeram diversas ações como passeatas pelo Eixão do Lazer e a construção, em 1993, de uma árvore de Natal feita com o lixo jogado no parque, pelo artista plástico Normando Rodrigues (IBRAM, 2020).

Em 1993, foi fundada a Sociedade de Amigos do Parque Olhos D'Água (SAPO), formada por moradores da Superquadra Norte (SQN) 415, que tinha como finalidade organizar a comunidade circunvizinha para atuar na criação do Parque Olhos D'água (GOMES, 2004). A associação fazia constantes mutirões de limpeza no local, tentando atrair o interesse da comunidade enquanto se articulava junto a deputados distritais e a secretários de estado no intuito de criar o parque.

Figura 4: Lagoa do Sapo

Gomes (2004) afirma que a articulação da SAPO junto à comunidade local e ao poder público foi fundamental para a criação do Parque Olhos D'água. Apesar de sua breve vida (1993-1997), a estratégia da SAPO de que só seria possível manter os parques com envolvimento dos moradores, mostrou-se assertiva e bem-sucedida. Após a criação do Olhos D'água, a SAPO ainda atuou em parceria com o GDF, promovendo eventos no parque, até dissolver-se, em 1997.



O Parque Olhos D'água foi implantado também para ser um espaço de parceria entre a rede de órgãos públicos que atuam na área ambiental. Assim, foi instalada infraestrutura para apoio à Polícia Militar Florestal, à Polícia Ambiental e ao Corpo de Bombeiros, que usavam o parque como ponto de apoio às ações de treinamento, de patrulhamento e de controle de incêndios em perímetro urbano (HIRATA, 2004).

Em 1998, foi instituído o Plano de Zoneamento e Manejo, contendo como orientações a construção de edificações em eucalipto e com, no máximo, dois pavimentos, criação de barreiras acústicas feitas com copaíba, cercamento do espaço, implantação de trilhas naturais, sinalização interna, duchas, um centro de Educação Ambiental (PARQUE OLHOS D'ÁGUA, 1998; HIRATA, 2004).

Entre 1999 e 2001, o parque começou a receber infraestrutura para uso público, como roçagem, limpeza urbana, cercamento da área limítrofe,

construção do centro de visitantes, instalação de duchas para os frequentadores, construção das pontes, pavimentação asfáltica e implantação de pista de corrida, de trilhas de diferentes formatos e níveis para acesso a andantes e pessoas em cadeiras de rodas (GOMES, 2004).

Figura 5: Ponte sobre o talvegue



Como a maior parte dos parques do Distrito Federal, o Olhos D'água teve uma série de problemas referentes à situação fundiária. Órgãos distritais como o Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (IDHAB/DF) e empresas públicas como a Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRAS) e a Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal (TERRACAP) reivindicavam partes da área do parque para finalidades públicas tão distintas quanto a construção de quadras residenciais e a instalação de postos de gasolina (GOMES, 2004).

A comunidade de moradores posicionou-se contrária a esses empreendimentos por compreender que a perda considerável dos limites do parque colocaria em risco sua finalidade socioambiental. Intensas movimentações foram realizadas junto à Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMARH) e à imprensa local para frear esses processos. A pressão da opinião pública fez com que o Governo do Distrito Federal (GDF) recuasse e mantivesse a delimitação e a finalidade do parque.

Em 2010, a legislação ambiental distrital sobre unidades de conservação foi alinhada à federal. Por meio da Lei Complementar nº 827/2010, foi instituído o Sistema Distrital de Unidades de Conservação da Natureza (SDUC), estabelecendo, assim, os critérios e as normas para criação, implantação, categorização e gestão das unidades de conservação no território distrital, em alinhamento à Lei Federal nº 9.985/2000 (Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC).

Figura 6: Canteiro de ervas



Em 2012, outro momento de importante participação social na defesa do Parque Olhos D'água gerou a expansão de seus limites territoriais. O GDF autorizou a construção de um *shopping center* nas entrequadras SQN 212/213, pois o terreno pertencia à TERRACAP e havia sido vendido a particular. As nascentes dos principais cursos d'água que abastecem o parque estão localizadas nessas entrequadras, que foram deixadas fora dos limites da unidade de conservação.

A movimentação social em torno da preservação e da integração dessas áreas ao Parque Olhos D'água foi bem-sucedida, permitindo sua expansão dos originais 21 hectares para 28 hectares. À época, foram realizadas obras para tratar o esgoto, proteger as nascentes e eliminar erosões. Propunha-se a ligação dos espaços das entrequadras por meio de uma via subterrânea, criação de ciclovias e de um ponto de encontro comunitário (PEC), que até hoje não foram realizadas.

Por conta da ampliação territorial e da inclusão de novos elementos a serem protegidos, o Parque Olhos D'água foi recategorizado como de uso sustentável na modalidade parque ecológico, por meio do Decreto Distrital nº 33.588/2012, em alinhamento com a Lei Complementar Distrital nº 827/2010. Em 2022, por meio da Instrução Normativa IBRAM/DF nº 15/2022, o plano de manejo²³ foi atualizado.

O plano de manejo tem o papel fundamental de estabelecer as diretrizes para uso da unidade de conservação. Como espaço de conservação e lazer, o Parque Olhos D'água recebe diversos eventos de natureza socioambiental, cultural e científica. Em seu cotidiano, ocorrem atividades como aulas de ioga,

²³ Plano de manejo é um documento técnico que estabelece o zoneamento de uma unidade de conservação, definindo as normas para uso e proteção dos recursos naturais e para a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade (SNUC, art. 2º).

tai chi chuan, ginástica, meditação, serviços de massagem, rodas de choro, encontro de gestantes, visitas escolares, feira agroecológica.

A convivência nos espaços do parque pode ser bastante conflituosa. Interesses tão diversos quanto o lazer infantil, grupos de corrida, práticas meditativas e eventos culturais entram em conflito no cotidiano da partilha de seu espaço interno e em suas imediações (PEREIRA, 2013). Além disso, algumas proibições como a presença de animais domésticos, proibição de churrascos e do uso de bicicleta não são compreendidas pelos frequentadores.

Apesar de ser uma unidade de conservação, o Parque Olhos D'água não dispõe de um programa regular de Educação Ambiental que atenda seu público, seja ele eventual ou permanente. Não existe nada que apresente o parque como uma unidade de conservação, com suas peculiaridades e limitações legais. Nesta investigação, encontramos eventos esporádicos, pontuais e quase sempre de iniciativa da sociedade civil.

Se entendemos a Educação Ambiental como uma leitura moderna e urbana da relação entre sociedade e natureza, é por meio dela que o espaço de um parque dialoga com seu público, sob uma perspectiva socioambiental. Uma estrutura permanente de Educação Ambiental no Parque Olhos D'água teria papel mediador das relações dos frequentadores com o parque e entre os próprios frequentadores, contribuindo para dirimir conflitos.

4 NA PISTA DE CAMINHADA

O capítulo é dedicado a descrever o método com suas subseções: as estratégias, os instrumentos, os procedimentos de coleta de dados, além do perfil dos participantes da pesquisa, como caminho percorrido para chegar à análise dos dados desta investigação.

4.1 Método

Esta investigação teve como objetivo compreender a experiência afetiva dos usuários com o parque que frequentam e analisar como se deu o diálogo entre lazer e afetividade no Parque Olhos D'água no contexto da pandemia de COVID-19. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa possibilita uma pluralidade de construções de sentidos, pois foca nas particularidades socioculturais dos atores. A preocupação com o processo é o foco. O interesse por um determinado problema é verificar como se manifesta nas interações cotidianas.

A perspectiva dos participantes é o interesse. “Pelas questões que ela aponta, a pesquisa qualitativa introduz um novo sentido dos problemas; ela substitui a pesquisa dos fatores e determinantes pela compreensão dos significados” (GROULX, 2008, p. 98).

Uma das características da pesquisa qualitativa é sua ocorrência no ambiente em que os fenômenos se manifestam, adaptável às contingências do campo de investigação. “Nessa situação, o pesquisador procura estabelecer o significado de um fenômeno a partir dos pontos de vista dos participantes” (CRESWELL, 2010, p. 42).

Em busca dos significados da experiência para quem as vive, adotamos o estudo de caso como estratégia investigativa qualitativa. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, valendo-se de diferentes técnicas de pesquisa, que visam a apreender uma determinada situação e a descrever a complexidade de um fato (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Nos estudos de caso, o uso de múltiplas fontes de evidência permite que os pesquisadores abordem uma variação maior de aspectos, desenvolvendo linhas convergentes de investigação que apontam para a mesma realidade (YIN,

2015). Qualquer conclusão do estudo de caso é mais bem fundamentada na combinação entre diferentes fontes de informação, caso da triangulação.

A triangulação é a alternativa mais precisa para os protocolos de estudos de caso, adotada quando se utilizam diferentes abordagens e/ou fontes de informação na coleta e na análise dos dados. É uma alternativa segura para a validação de pesquisa, pois garante riqueza de visões, rigor e complexidade de análise (STAKE, 1994; DENZIN; LINCOLN, 2006).

4.2 Participantes

Os participantes desta pesquisa são frequentadores do Parque Olhos D'água que, em sua maioria, moram na Asa Norte e frequentam o local semanalmente, sozinhos ou na companhia de familiares e amigos, abordados em diferentes setores do parque.

Um quantitativo de 146 participantes, sendo 84 mulheres e 54 homens (8 não declarados) responderam ao questionário, e desses, 11 foram entrevistados. Como critério para seleção, foram definidos: idade a partir de 18 anos, presença nas dependências do parque, disponibilidade e interesse em responder o instrumento de pesquisa.

Os participantes foram abordados nas dependências do parque, em pontos definidos previamente por meio de observação direta. A escolha ocorreu com base na quantidade e na diversidade de público nesses espaços e também pelo conforto para preencher o questionário.

As observações diretas para mapear os caminhos dos frequentadores permitiram que pudéssemos observar a variabilidade de público em diferentes dias e horários. Assim, nossa estratégia foi a de aplicar o IGMA de segunda a sexta-feira, entre as 9 horas e as 17 horas, no gramadão, na Lagoa, na entrada da Administração, no parque infantil e no espaço de educação ambiental.

Tabela 2 – Perfil geral dos participantes da pesquisa

Dado sociodemográfico		Quantidade	Percentual
Gênero	Feminino	84	57,5
	Masculino	54	36,9
	Outro/Não respondeu	7	4,7
Idade	De 18 a 25 anos	41	28,3
	De 26 a 30 anos	24	16,4
	De 31 a 35 anos	18	12,3
	De 36 a 40 anos	12	8,2
	De 41 a 45 anos	17	11,6
	De 46 a 50 anos	11	7,5
	Mais de 50 anos	23	15,7
Escolaridade	Ensino Fundamental completo	2	1,3
	Ensino Médio completo	43	29,4
	Ensino Superior completo	37	25,3
	Especialização/MBA	34	23,5
	Mestrado	18	12,3
	Doutorado	12	8,2
Frequência	Todo dia	11	7,5
	De duas a três vezes por semana	39	26,7
	De quatro a seis vezes por semana	10	6,8
	A cada quinze dias	23	15,7
	Uma vez ao mês	30	20,5
	Primeira vez	33	22,6

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

4.3 Estratégias

Observação direta – consiste em ver no campo os possíveis dados sobre problemas e objetivos definidos. A observação direta pressupõe o planejamento prévio para a coleta de dados. Um roteiro de observação foi elaborado e utilizado, de setembro de 2019 até março de 2020 (início das medidas restritivas de circulação de pessoas e de acesso a espaços públicos). Entre os meses de maio e agosto de 2022, novas observações de campo foram realizadas no parque.

Mapa afetivo – método de investigação dos afetos dos sujeitos por um espaço, físico ou simbólico, que expressa as representações da afetividade dos frequentadores pelo espaço. À medida que os afetos dos sujeitos pelos espaços vão se tornando tangíveis, por meio de categorização dos sentimentos e das qualidades identificados, produzem-se mapas que representam os afetos dos sujeitos pelo espaço.

Entrevista móvel semiestruturada – *walking interview*, traduzida como entrevista em movimento, ambulante ou móvel, consiste em entrevistar os pesquisados durante uma caminhada. É uma técnica de entrevista que possibilita maior aproximação com os entrevistados, pois descaracteriza o modelo formal de interação entrevistador(a)-entrevistado(a) e possibilita também maior interação com o espaço físico onde ocorre.

4.4 Instrumentos

Para esta investigação, optamos por elaborar dois instrumentos e utilizar um terceiro, vinculado ao método adotado. Assim, foram utilizados os seguintes instrumentos: roteiro de observação socioespacial, Instrumento Gerador de Mapa Afetivo (IGMA) e roteiro de entrevista móvel semiestruturada.

O roteiro de observação socioespacial foi elaborado com o intuito de definir os critérios para observação em campo: o que, quando, por quanto tempo, para quê, a fim de sistematizar as observações feitas para, a partir delas, definir como usar as demais estratégias. O roteiro foi utilizado nas duas etapas de observação direta.

Tabela 3 – Roteiro de observação de campo

Local	Dia	Horário	Anotações

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

O IGMA é um questionário elaborado com questões abertas, de livre preenchimento e com questões fechadas, com opções de respostas pré-definidas²⁴, cuja finalidade é subsidiar a construção dos mapas afetivos (BOMFIM, 2008; 2010; 2014).

O IGMA possui a escala de estima de lugar como um de seus componentes. Nesta investigação, optamos por não utilizar por conta das particularidades dos espaços de lazer que não estavam contempladas na escala original. As imagens foram obtidas por meio de análise de conteúdo categorial.

A tabela a seguir apresenta o IGMA, adaptado a esta investigação, seus itens e orientações para aplicação junto aos participantes.

Tabela 4 – Instrumento Gerador de Mapa Afetivo (IGMA) adaptado para uso nesta pesquisa

Instrumento gerador de mapa afetivo	
Desenho	Elaborar um desenho para representar o lugar em questão, do modo como lhe convier. Não há regra quanto à qualidade ou a fidedignidade do desenho.
Significado	Explicar o significado do desenho.
Sentimentos	Expressar quais sentimentos o desenho evoca no(a) participante. Após, resumi-los em seis palavras.
Qualidades	Manifestar o que pensa do lugar.
Comparação	Comparar o lugar com o que desejar, sem restrições.
Percursos espaciais	Descrever dois caminhos que costuma percorrer no lugar, listando as coordenadas do percurso.
Envolvimento sociopolítico	Informar se participa de grupos comunitários e, em caso afirmativo, descrever o grupo.
Perfil dos participantes	Dados socioeconômicos dos participantes

Fonte: Bomfim, 2014; adaptada pela autora, 2022.

²⁴ O IGMA apresenta a escala de estima de lugar como um de seus componentes. Nesta investigação, optamos por não a utilizar. As imagens foram obtidas por meio de análise de conteúdo categorial.

O roteiro de entrevista móvel semiestruturada foi elaborado para orientar a condução das entrevistas, mantendo o foco nos diálogos necessários a atender os objetivos estabelecidos nesta investigação.

Tabela 5 – Roteiro de entrevista móvel semiestruturada

Roteiro de entrevista móvel semiestruturada	
1.	O que esse parque significa para você?
2.	Na sua opinião, qual a importância do Parque Olhos D'água para Brasília?
3.	A pandemia alterou sua relação com o Parque Olhos D'água? O que mudou? Por quê?

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

4.5 Procedimentos

O espaço público de lazer onde a investigação foi realizada é o Parque Ecológico Olhos D'água, localizado na cidade de Brasília (DF), no bairro da Asa Norte. Para tanto, foi necessário solicitar autorização ao IBRAM/DF, autarquia responsável pela gestão dos parques no DF. A autorização foi dada de outubro de 2018 a agosto de 2022.

Com a autorização em mãos, iniciamos a observação direta, que ocorreu no campo de pesquisa, em dois momentos. O primeiro momento ocorreu entre setembro de 2019 e março de 2020, quando foi suspensa devido ao início das medidas de isolamento provocadas pela pandemia de COVID-19. Nesse período, não havia qualquer tipo de restrição e as observações seguiram sem grandes problemas.

Em agosto de 2021, as restrições começaram a ser amenizadas em espaços públicos, mantendo-se as medidas de segurança. Optamos por aguardar mais tempo. Apesar de as restrições de isolamento terem sido amenizadas, a presença de público no parque era bastante limitada. O retorno foi lento e gradual.

Dado o longo tempo entre as imersões de campo de um período a outro e o contexto da pandemia de COVID-19, consideramos conveniente voltar às observações de campo entre junho e agosto de 2022. As observações, tanto na

primeira etapa quanto na segunda etapa, ocorreram sempre aos sábados e domingos, durante o período da manhã e início da tarde.

Os setores do parque definidos para observação foram o gramado central, administração, espaço de Educação Ambiental, Lagoa do Sapo e trilha próxima ao gramado central. A cada dia, três setores eram observados, em períodos de duas horas para cada um. Esse processo de observação naturalista foi fundamental para conhecer os setores e observar como ocorrem as movimentações neles e em seu entorno.

As observações diretas dos diferentes períodos foram utilizadas para conhecer as dinâmicas de uso do parque, tipos de público, espaços mais procurados, a fim de definir os locais mais adequados para aplicação do IGMA, que compõe a coleta dos dados desta investigação.

Para aplicar o IGMA, contratamos a Empresa Júnior de Sociologia (SOCIUS). Os estudantes que foram a campo passaram por três encontros conosco, para conhecer, testar e aplicar o IGMA, além de uma visita prévia ao parque, para conhecer os espaços mapeados nas observações diretas.

Para melhor entender a estruturação do instrumento e seu uso no campo, realizamos uma aplicação do IGMA no Jardim Botânico de Brasília (JBB), entre os dias 19 e 29 de abril de 2021. Um total de 16 frequentadores foram apresentados à pesquisa e convidados a responder o instrumento. Concluímos que o instrumento possibilita a apreensão dos afetos e poderia ser adaptado a um parque público.

Um quantitativo de 146 participantes, sendo 84 mulheres e 54 homens (8 não declarados) responderam o questionário, e desses, 11 foram entrevistados. Como critério para seleção, foram definidos: idade a partir de 18 anos, presença nas dependências do parque, disponibilidade e interesse em responder o instrumento de pesquisa.

Optamos por aplicar o instrumento gerador de mapa afetivo (IGMA) em diferentes espaços do parque, em razão das observações de campo, que apontaram os caminhos realizados pelos frequentadores e seus deslocamentos entre os diferentes espaços. Optamos por fazer as abordagens em diferentes espaços para ter diversidade de perfil dos participantes em diferentes dias e horários da semana.

A estratégia de fazer observações diretas para mapear os caminhos dos frequentadores permitiu que pudéssemos observar a variabilidade de público em diferentes dias e horários. Assim, nossa estratégia foi a de aplicar o IGMA de segunda a sexta-feira, entre às 9 e às 17 horas no gramadão, na lagoa, na entrada da Administração, no parque infantil e no espaço de educação ambiental.

Entre os meses de maio e julho de 2022, os estudantes foram a campo aplicar o IGMA. Todos os participantes desta investigação têm idade mínima de 18 anos. Ao serem abordados e convidados a participar da pesquisa, foram informados sobre os procedimentos e devidamente orientados à leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a fim de garantir o anonimato e os aspectos éticos da pesquisa.

Os aplicadores apresentavam-se, explicavam acerca da pesquisa e da finalidade do questionário. Ao aceitar, os participantes recebiam prancheta contendo o IGMA, caneta, lápis e *kit* de higienização de mãos. Houve grande variação entre o tempo de resposta dos participantes, devido à elaboração do desenho, e os respondentes levavam o tempo de 10 a 15 minutos para responder o questionário.

O procedimento de identificação foi realizado, voluntariamente, apenas pelos participantes que se colocaram à disposição para realizar a entrevista móvel semiestruturada. Encerramos a coleta de dados para o IGMA quando consideramos que as respostas obtidas não acrescentavam uma quantidade de informações inéditas que justificasse a continuação da sua aplicação.

Tabela 6 – Dados sobre aplicação do IGMA aos frequentadores do Parque Olhos D'água

IGMAs aplicados	IGMAs validados	IGMAs invalidados	Disponíveis para entrevista semiestruturada	Entrevistados
149	146	3	53	11

Fonte: IGMA, 2022.

As entrevistas móveis semiestruturadas foram realizadas entre os meses de julho e agosto de 2022. Um quantitativo de 53 respondentes do IGMA se voluntariou a realizar a entrevista. Ao contatá-los, apenas 11 mantiveram-se

dispostos. As entrevistas ocorreram entre os meses de julho e agosto de 2022, no Parque Olhos D'água, entre as 17h30 e as 20h e duraram entre 10 e 15 minutos cada, sendo realizadas no percurso da pista de caminhada.

Em todos os procedimentos de coleta de dados, usamos máscaras de proteção e *kits* de higienização de mãos. Ao fazer as incursões para observação direta no segundo período (2022), usamos máscaras e *kits* de higienização. E todos os aplicadores do IGMA usaram máscaras de proteção e *kits* de higienização de mãos durante as abordagens aos participantes.

Para realizar as entrevistas móveis semiestruturadas, mantivemos o uso de máscara, pois consideramos mais adequado manter as condutas de proteção, já que a vacinação permanecia inconclusa para todos os segmentos etários à época em que estivemos em campo.

4.6 Análise dos dados

Para validar os questionários, adotamos três critérios: elaboração do desenho, letra legível e 80% das questões abertas respondidas. Assim, os questionários de nº 36, 64 e 143 foram invalidados por falta de preenchimento do perfil socioeconômico, letra ilegível e ausência do desenho, respectivamente. Dos 149 questionários preenchidos, 146 foram validados para a sistematização e análise.

Após validação, os dados coletados no IGMA foram tratados de acordo com o método adotado para esta investigação. As respostas referentes ao desenho, seu significado, sentimentos, qualidades e elaboração metafórica foram organizadas para análise de conteúdo categorial. Bardin (1977) afirma que a finalidade da análise de conteúdo é produzir inferências sobre o texto, a fim de construir seus sentidos no contexto em que os dados foram coletados.

Assim, em conformidade com os preceitos da análise de conteúdo, o tratamento dos dados foi feito por meio de leitura prévia detalhada das informações obtidas, codificação por meio de fragmentação dos textos, e categorização. Para a construção dos mapas afetivos do Parque Olhos D'água, adotamos o quadro elaborado por Bomfim (2014).

Tabela 7 – Modelo de mapa afetivo

Gênero – Idade	Escolaridade	Residência	Frequência no parque
Desenho	Sentimento	Qualidade	Metáfora
			Imagem afetiva
Significado do desenho			
Sentido			

Fonte: Bomfim (2011), adaptada pela autora, 2022.

As entrevistas foram transcritas manualmente e tratadas a partir da análise de conteúdo. As entrevistas, nesta investigação, são tratadas como uma extensão, uma complementação das informações obtidas por meio do IGMA. Ao serem concatenadas ao IGMA, dão unidade à visão dos entrevistados sobre sua experiência no parque.

Tabela 8 – Perfil dos entrevistados (E)

E	Gênero	Escolaridade	Visitação	Imagem
1	Feminino	Especialização	Primeira vez	Agradabilidade
2	Masculino	Especialização	De 4 a 6 seis por semana	Agradabilidade
3	Masculino	Ensino Médio	Uma vez ao mês	Agradabilidade
4	Feminino	Especialização	A cada 15 dias	Agradabilidade
5	Masculino	Ensino Superior	De duas a 3 vezes por semana	Agradabilidade
6	Feminino	Especialização	De 4 a 6 seis por semana	Pertencimento
7	Masculino	Mestrado	A cada 15 dias	Pertencimento
8	Masculino	Ensino Superior	Todo dia	Agradabilidade
9	Feminino	Ensino Médio	Uma vez ao mês	Agradabilidade
10	Feminino	Mestrado	De 4 a 6 seis por semana	Agradabilidade
11	Masculino	Mestrado	Todo dia	Agradabilidade

Fonte: IGMA, 2022.

Para a análise e a interpretação dos dados, optamos pela triangulação, que propicia visão mais ampla, por diferentes ângulos e dimensões, acerca do estudo, dando unidade aos aspectos teóricos e empíricos que perpassam o fenômeno. Nesta investigação, a triangulação está alicerçada em três elementos: tratamento dos dados coletados em campo, diálogo com os autores e a dimensão conjuntura/estrutura do fenômeno investigado.

5 RESULTADOS

O capítulo destina-se à descrição e às análises dos dados, com base nos objetivos da pesquisa e no percurso metodológico proposto.

5.1 Observando o ambiente

A observação direta ocorreu no campo de pesquisa em dois momentos. O primeiro momento ocorreu entre setembro de 2019 e março de 2020, quando foi suspensa por conta do início das medidas de isolamento provocadas pela pandemia de COVID-19. Nesse período, não havia qualquer tipo de restrição e as observações seguiram sem grandes problemas.

Dado o longo tempo entre as imersões de campo de um período a outro e o contexto da pandemia de COVID-19, consideramos conveniente voltar às observações de campo entre junho e agosto de 2022. As observações diretas de ambos os períodos foram utilizadas para compor a coleta dos dados desta investigação.

O Parque Olhos D'água não dispõe de um plano de comunicação para visitação. Os mapas disponíveis são de natureza técnica, como os referentes ao zoneamento. Encontramos um mapa com linguagem destinada a visitantes em uma monografia de graduação²⁵. A arte é atribuída a André Araújo, e sua publicação, ao *Jornal Correio Braziliense*, entre 2002 e 2003.

Apesar de antigo, nele encontram-se os equipamentos básicos existentes, a maioria implantada no início dos anos 2000 e em funcionamento até hoje. A antiga sede da Polícia Florestal hoje corresponde à Administração e à biblioteca do parque. Com base em visitas e em pesquisas acadêmicas anteriores e no mapa, definimos os locais para fixar pontos de observação do espaço e de seus frequentadores.

²⁵ MACEDO, Liana David. Estudo sobre perfil do público visitante do Parque Ecológico Olhos D'água. Monografia (Graduação). Faculdade de Ciências e Saúde, UniCEUB, 2003.

Figura 7: Mapa ilustrado do Parque Olhos D'água.



Arte: Anderson Araújo

Fonte: Correio Braziliense

Fonte: MACEDO, 2003.

Os setores do parque definidos para observação foram gramado central, administração, espaço de Educação Ambiental, Lagoa do Sapo e trilha próxima ao gramado central. A cada dia, três setores eram observados em períodos de duas horas para cada um. Esse processo de observação naturalista foi fundamental para conhecer os setores e observar como ocorrem as movimentações neles e em seu entorno.

O gramado central, também chamado de gramadão, é o setor mais procurado do parque e com a maior variedade de público e de usos. Nele, é possível encontrar frequentadores de todas as idades, sozinhos ou acompanhados com diferentes formatos sociais de grupo (famílias, amigos, namorados, religiosos, leitores, jogadores). É um típico espaço de encontros sociais.

Banhos de sol matinais e piqueniques são frequentes no gramadão do parque, que tem uma ducha em uma de suas laterais. Os grupos que ali se instalam não costumam transitar por outros setores, a não ser como apoio às atividades lúdicas, como ida ao parquinho infantil e à trilha lateral ao gramadão. É o lugar que reúne o maior número de pessoas ao mesmo tempo por suas múltiplas funções de lazer.

O espaço de Educação Ambiental costuma ser utilizado para eventos previamente combinados. No local, foi possível observar reuniões entre mulheres grávidas, grupos de meditação, grupos de piquenique, encontro antes de atividades coletivas e apresentações de rodas de choro. Não observamos nenhum tipo de atividade destinada à Educação Ambiental.

A Lagoa do Sapo é cercada por mata ciliar, cercada, para que os frequentadores não possam chegar às águas e funciona como um tipo de mirante no parque. Ao longo das observações, notamos que é um dos locais mais procurados no Olhos D'água. Há concentração de pessoas, mas de forma diferente do gramadão, pois é um local de passagem.

Os frequentadores costumam se reunir para apreciar a paisagem por um tempo e seguir a caminhada pela trilha que leva ao gramadão. A permanência no local é fortuita. Observamos um pequeno número de pessoas que se sentam para meditar e praticar ioga em suas proximidades. Nas situações que pudemos observar, estavam sozinhos.

Entre a Lagoa do Sapo e o gramadão existe uma trilha de árvores do Cerrado contendo placas com dados sobre as espécies. A trilha é um marcador paisagístico entre a parte natural e a parte urbanizada do parque. O fluxo de pessoas é pequeno, porém constante. As pessoas que passam pela Lagoa do Sapo costumam passar pela trilha para chegar ao gramadão, mesmo havendo outros caminhos.

O espaço de Educação Ambiental, o gramadão, a Lagoa do Sapo e a trilha ecológica próxima ao gramadão formam um minicircuito dentro do parque. O espaço é bem maior e pode ser todo explorado por meio da pista de caminhada que circunda o parque, o que possibilita acessar o circuito em sua completude. A pista de caminhada dá unidade ao espaço.

Durante cinco dias, entre as 18h e as 20h, foram realizadas observações do espaço e de seus frequentadores em diferentes pontos ao longo da pista de caminhada. No percurso da pista, conforme mostra o mapa, há duas pontes sobre o talvegue²⁶, que são utilizadas como passagem e também como pequenos mirantes para contemplação da paisagem.

²⁶ Curso subterrâneo de água que sobe à superfície em alguns pontos do rio em uma região.

Ao longo da pista de caminhada, novos espaços se apresentam aos olhos. As ocupações formalmente destinadas aos espaços do Olhos D'água são facilmente percebidas e identificadas. Os usos e ocupações informais só são percebidos ao adentrar outros caminhos no parque. Há pequenas hortas comunitárias, espaços para meditação e um memorial a crianças mortas.

A observação direta permitiu-nos conhecer o parque e os usos internos do espaço, sejam formais ou informais, observar a movimentação dos frequentadores e suas dinâmicas individuais e sociais. Permitiu definir quais seriam os pontos estratégicos para aplicação do IGMA e quais seriam os elementos que influenciariam na aplicação da entrevista semiestruturada.

5.2 Perfil dos participantes

A partir do tratamento das informações socioeconômicas dos participantes, os dados são apresentados na seguinte ordem: idade, gênero, profissão, escolaridade, renda familiar e frequência de visita ao Parque Ecológico Olhos D'água.

Tabela 9 – Participantes por idade

Perfil dos participantes por idade		
Intervalo	Número de entrevistados	Percentual (%)
De 18 a 25 anos	41	27,7
De 26 a 30 anos	23	15,5
De 31 a 35 anos	19	12,8
De 36 a 40 anos	12	8
De 41 a 45 anos	17	11,4
De 46 a 50 anos	11	7,4
Mais de 50 anos	23	15,5

Fonte: IGMA, 2022.

O perfil dos frequentadores do Parque Olhos D'água, no que se refere à faixa etária, é diversificado. Há uma predominância do público jovem, cujo percentual entre 18 e 25 anos é de 27,7%. A observação dos intervalos de 26 a

30 anos, de 31 a 35 anos, de 41 a 45 anos e mais de 50 anos, cujos percentuais giram entre 12% e 15%, sugere atratividade do parque entre diferentes públicos por recorte etário.

Tabela 10 – Participantes por gênero

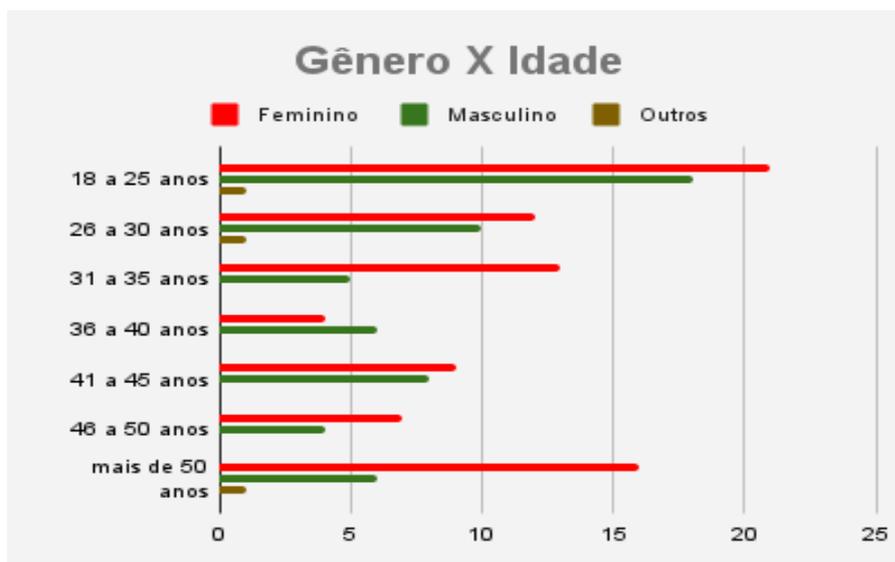
Perfil dos participantes por gênero		
Identidade	Número de entrevistados	Percentual (%)
Feminina	84	56
Masculina	54	37,8
Outra	3	2
Não respondeu	4	2,7

Fonte: IGMA, 2022.

A presença feminina é predominante entre os participantes da pesquisa, com 56,08% pessoas identificadas com o gênero feminino, em relação a 37,8% dos participantes que se identificam com o gênero masculino. No gênero feminino, temos 25,3% na faixa dos 18 aos 25 anos, 14,4% na faixa dos 26 aos 30 anos, 15,6% na faixa dos 31 aos 35 anos e 19,2% com mais de 50 anos.

Quanto ao gênero masculino, a maior presença está em 32% na faixa dos 18 aos 25 anos, 17,8% na faixa dos 26 aos 31 anos e 14,3% na faixa dos 41 aos 45 anos.

Gráfico 1 – Gênero X Idade



Fonte: IGMA, 2022.

Em relação à escolaridade, os frequentadores apresentam alto grau de escolaridade. Ao reunir as categorias que envolvem a formação em nível superior, chegamos ao percentual de 68,9% de entrevistados nessa faixa, o que envolve graduados (25,68%), pós-graduação *Lato Sensu* (22,97%) e pós-graduação *stricto sensu* (20,27%).

Entretanto, o maior percentual por faixa individual é o de Ensino Médio completo (27,03%). Neste grupo, estão envolvidos estudantes de Ensino Médio completo, estudantes em formação universitária, estagiários de curso de nível superior, estudantes fazendo pesquisa e trabalhadores do comércio da região onde o parque está localizado.

Encontramos variados perfis de ocupação/profissão entre os participantes. Entre as de maior frequência, destacam-se estudantes (17,2%), professores (9,4%), servidores públicos (11%), artistas (4%), psicólogos e comerciantes/comerciários (ambos com 5%), administradores e enfermeiros (ambos com 4%), biólogos, empresários, médicos, pedagogos, arquitetos, jornalistas (entre 2% e 4%) e uma gama de outras ocupações (35%).

O alto percentual de estudantes e de professores e a presença de comerciantes e comerciários deve-se ao fato de o parque estar em área central, próxima a residências, escolas, comércio, equipamentos públicos de educação e de saúde, atraindo público variado, que faz diferentes usos do parque durante a semana e aos finais de semana.

No que se refere à renda, os frequentadores têm alta renda familiar, contemplando 51% dos entrevistados na faixa entre quatro e doze salários-mínimos, assim apresentados: 20,9%, de quatro a seis salários-mínimos; 14,86%, de sete a nove salários-mínimos; e 15,54%, de dez a doze salários-mínimos.

Nas extremidades das faixas, onde estão os percentuais menor e maior ou mais significativo de salário-mínimo, encontramos entre os frequentadores que participaram desta amostra os percentuais de 16,22%, de um a três salários-mínimos, e 13,51%, para renda acima de quinze salários-mínimos. A renda aponta para um público de alto perfil socioeconômico.

Os dados sobre o local de residência informam que o Parque Olhos D'água é um típico parque de bairro, eventualmente visitado por outros cidadãos. Há predominância da presença dos moradores da Asa Norte no parque, com 59,4% entre os frequentadores. A presença dos visitantes de outras localidades não chega a 5% por localidade.

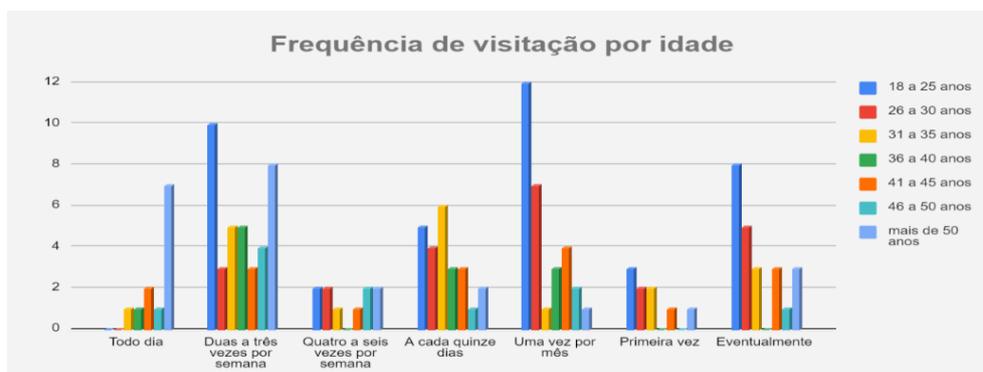
No que concerne à frequência de visitação, 25,6% do público frequenta o parque de duas a três vezes por semana, enquanto 20,2% costumam ir ao parque uma vez por mês, de 16,2% para visita a cada quinze dias e 16,2% para visitas eventuais. Moradores da Asa Norte predominam, chegando a 33% nas faixas de frequência para todo dia e duas a três vezes por semana.

Ao cruzarmos os dados de frequência de visitação por idade, observamos os jovens de 18 a 25 anos como o maior e mais assíduo público visitante, concentrando sua frequência de visita de duas a três vezes por semana (26,3%), uma vez por mês (40%) e em ocasiões eventuais com um percentual de 13% de registro de visitas ao parque.

Em seguida, temos os frequentadores na faixa etária de mais de 50 anos, que se comportam com alta assiduidade como público de visitantes. O percentual de frequência diária nesse grupo é de 58,3%, seguido por 21% na frequência de duas a três vezes por semana e de 13% para frequência ocasional de visitas.

Entre o público de 26 a 30 anos, a frequência concentra-se em visitas mensais, com um percentual de 23,3% de frequentadores, juntamente com a faixa de 41 a 45 anos, cuja frequência de visitação mensal é de 13,3%, seguidos por 6,6% referentes à faixa etária de 46 a 50 anos. Já o público de 36 a 40 anos apresenta um percentual de 25% de visitas quinzenais ao parque.

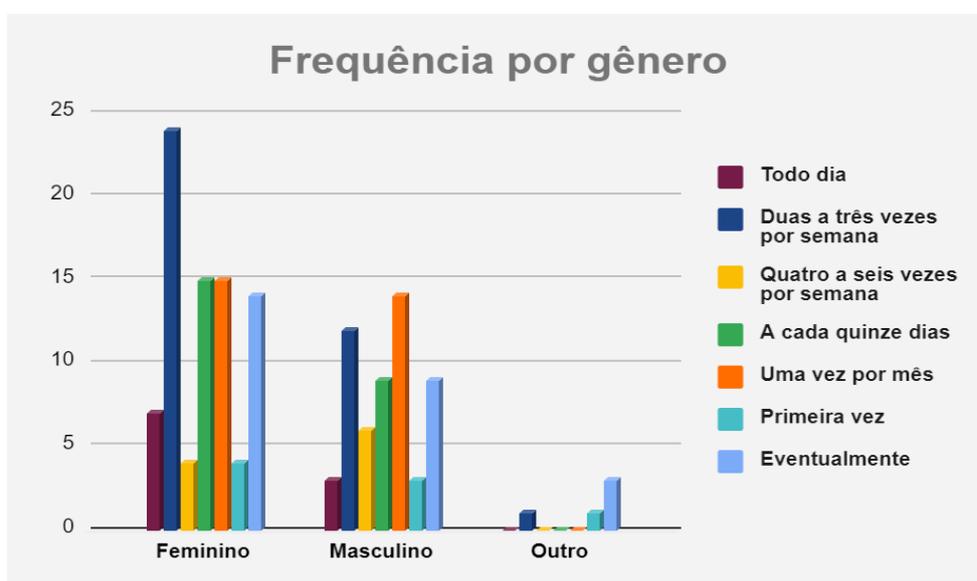
Gráfico 2 – Frequência de visitação por idade



Fonte: IGMA, 2022.

Na visitação, há predominância do gênero feminino de duas a três vezes por semana (64,8%), enquanto no gênero masculino, a visitação mais frequente é a de uma visita por mês (51,7%). Ao comparar a frequência de visitação, a predominância feminina não se resume ao quantitativo, mas também à frequência. Enquanto 70% do gênero feminino frequentam o parque todo dia, apenas 30% do gênero masculino fazem visitas diárias.

Gráfico 3 – Frequência de visitação por gênero



Fonte: IGMA, 2022.

As demais frequências nas quais o gênero feminino mais se destacou pela assiduidade foram: 62,5% de visitas quinzenais por 37,5% de frequência masculina, 50% registraram sua primeira visita ao parque por 37,5% do gênero masculino, e eventualmente no percentual de 53,8% para o gênero feminino e 34,6% para o masculino.

O percentual de frequência no qual os gêneros mais se aproximam encontra-se no intervalo de tempo de visitas de quatro a seis dias por semana, sendo 40% de visitas do gênero feminino e 55,5% do gênero masculino, e de uma vez por mês, com 51,7% de frequência do gênero feminino e 48,2% do gênero masculino.

Para compreender a maior frequência masculina na faixa de quatro a seis dias por semana, uma situação atípica e curiosa, cruzamos os dados de gênero, ocupação e frequência. Entre os cinco respondentes, três trabalham na região e usam o parque para descanso nos horários de almoço. Os outros dois são aposentados que moram na região.

5.3 Os mapas afetivos e a estima de lugar

A perspectiva de que o espaço é um território das emoções possibilita o uso da metodologia de mapas afetivos em contextos tão variados quanto cidades, bairros, universidades, assentamentos, equipamentos de assistência social. Nesta investigação, os mapas afetivos são utilizados para pensar os vínculos entre sujeitos do lazer e os espaços públicos de lazer que frequentam.

Os sujeitos se localizam no espaço por meio de “mapas afetivos”, pois são marcas que permitem a leitura do ambiente. A estima de lugar é uma categoria de leitura da relação sujeito-espaço que orienta as representações afetivas, simbólicas e cognitivas das rotinas dos sujeitos nos seus ambientes, e que pode potencializar comportamentos de engajamento.

As imagens afetivas dos frequentadores pelo Parque Olhos D’água foram levantadas com base na análise do significado e do sentido que os sujeitos deram ao desenho, reunidos às qualidades e aos sentimentos relacionados a eles, conforme o procedimento metodológico de elaboração das imagens.

Os dados coletados remetem à classificação da imageabilidade do lugar. As imagens afetivas da agradabilidade ocorreram entre 114 frequentadores, as de pertencimento, entre 31 frequentadores, as de contraste, com apenas 1 frequentador(a). Não houve imagem de insegurança e destruição em relação ao parque.

Tabela 11 – Imageabilidade do Parque Olhos D’água

Imagem afetiva	Número de respondentes	Percentual
Agradabilidade	114	78%
Pertencimento	31	21%
Contraste	1	1%
Destruição	–	–

Insegurança	–	–
Total	146	100%

Fonte: IGMA, 2022.

A tabela abaixo apresenta as qualidades e os sentimentos identificados que resultaram na identificação das categorias de imageabilidade do Parque Olhos D'água.

Tabela 12 – Imagens do Parque Olhos D'água

	Qualidades	Sentimentos
Agradabilidade	Família, encontrar amigos, quebra da rotina, paraíso, atividades de lazer, limpo, oásis, maravilhoso, contato com a natureza, arborização, exercícios, preservação da natureza, caminhar, correr, tomar sol, natureza, água, plantas, lazer, calor, conforto, refúgio, sol, ar puro, terra, luz, fauna e flora, verde, animais, contato com a natureza.	Paz, tranquilidade, alegria, amor, felicidade, harmonia, descanso, bem-estar, relaxamento, calma, equilíbrio, contemplação, satisfação, simplicidade, intimidade, cuidado, conforto, liberdade.
Pertencimento	Contato consigo, acolhimento, renovação de energia, autocuidado, conexão, segunda casa, amor, místico, relação com o lugar, quintal.	Alegria, bem-estar, paz, tranquilidade, descanso, cuidado, intimidade, gratidão, conectividade, felicidade, meditação, contemplação, afeto.
Contraste	Tempo de qualidade, prazer, contato com a natureza, felicidade, leveza.	Alegria, tédio, incômodo.

Fonte: IGMA, 2022.

A agradabilidade refere-se aos sentimentos, aos pensamentos e às ações que vinculam a pessoa ao lugar; pertencimento refere-se à identificação pessoal com o lugar; destruição revela o desconforto com a percepção de abandono e de degradação do lugar; insegurança aponta para os sentimentos de instabilidade, medo e inconstância em relação ao lugar; contraste é a exposição de sentimentos contraditórios sobre o lugar.

A ausência dos marcadores de insegurança e medo entre os frequentadores pode ter se dado por distintas questões. Enunciamos algumas: o Parque Olhos D'água encontra-se localizado em um bairro de alta renda, possuindo infraestrutura qualificada, ao contrário de outros parques do DF, que

se encontram consideravelmente degradados. Em um espaço de lazer preservado, os aspectos referentes a essas categorias não se destacaram para os pesquisados.

Dado esse contexto, os conflitos que emergiram na investigação referem-se ao desconhecimento dos frequentadores sobre as particularidades das unidades de conservação tais como proibição de uso de bicicleta, patins e acesso de animais domésticos. Conflitos quanto a possíveis usos não convencionais do parque não foram registrados nem no IGMA nem nas entrevistas.

Para fins de entendimento, as citações dos participantes da pesquisa serão identificadas de acordo com seguintes os códigos: IGMA nº do questionário preenchido – “IGMA 7” – e E nº do(a) entrevistado(a) – “E 12”.

5.3.1 Agradabilidade

A transformação do espaço em lugar a partir dos usos sociais que orientam a produção de sentido e geram significados sociais aos grupos que os frequentam tem origem nas apropriações do espaço. A relação entre os parques e seus frequentadores é mediada pelas experiências de lazer, que fazem o elo entre sujeito e espaço (MOESCH, 2015).

Bonito, bom pra corrida e para tomar sol sem pressa, ao ar livre e ler um livro (IGMA 7). Local de sossego e paz, que demonstra uma diversidade necessária; local de agrupar pessoas; viver com saúde (IGMA 18). Encontramos muitas coisas que nos trazem bem-estar. a natureza por si só nos traz saúde e bem-estar (IGMA 19). O parque permite diversos usos. normalmente venho para tomar sol, fazer um piquenique, reencontrar algum amigo, praticar alguma atividade ao ar livre (IGMA 25). Me sinto muito leve quando venho aqui, como se realmente pudesse voar com os passarinhos e borboletas. Também sinto que volto a ser criança, quando venho com minha família escorregar no morrinho (IGMA 47). A calma e tranquilidade que o parque nos traz por meio das árvores, pássaros e água (IGMA 83).

Os diversos usos sociais a que se destina um parque público e a diversidade de atividades que podem ser realizadas em seu espaço encontram-se descritas entre os entrevistados. Como o Parque Olhos D'água é uma unidade de conservação em zona urbana, contendo características ambientais bem

definidas, os aspectos naturais são um forte atrativo, recorrentemente citado entre seus frequentadores.

Os sujeitos elaboram as imagens do ambiente a partir de sua experiência sensível, permeada por memórias individuais e coletivas que são organizadas em sua interação com o espaço físico. As pessoas se localizam na cidade por meio de “mapas”, de marcas físicas e emocionais que permitem a legibilidade do ambiente (LYNCH, 2010).

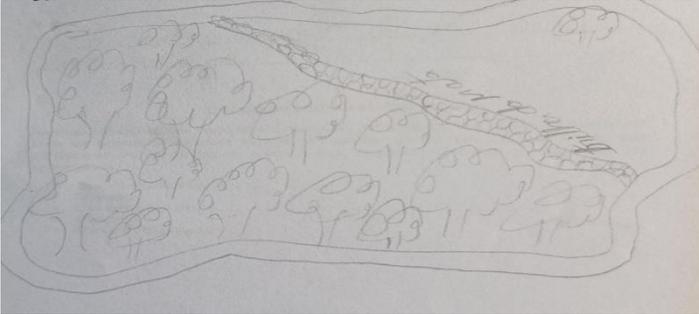
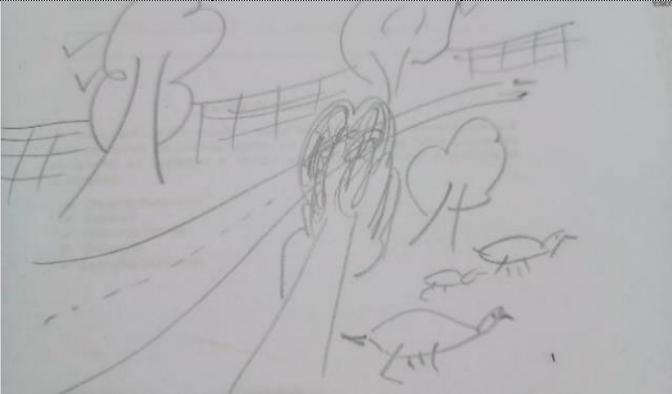
A imagem de agradabilidade corresponde ao sentimento de encantamento e às sensações de prazer e de satisfação que o encontro com o lugar propicia aos sujeitos, em função de suas qualidades ambientais, sejam naturais ou construídas (BOMFIM, 2010). Essa é a imagem mais recorrente entre os frequentadores do Parque Olhos D’água.

Quando cheguei falavam desse parque e como moro relativamente perto, os colegas indicavam... aí um dia eu vim... e me surpreendi muito! Não consigo estar aqui como gostaria, mas sempre dou um jeito de aparecer (E 9).

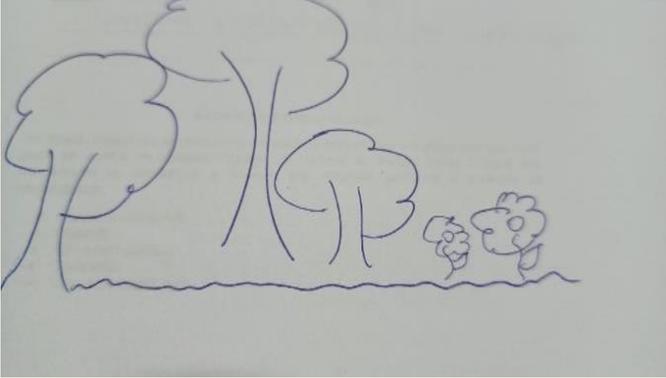
O público frequenta o parque de modo heterogêneo. Encontramos desde frequentadores assíduos até os que vêm pela primeira vez. A média das visitas é de duas a três vezes por semana. É nesse grupo que se encontra a maior parte dos que chegam ao parque pela primeira vez: 16 entre os 23 participantes da pesquisa.

A imagem da agradabilidade é predominante. Do total de 146 entrevistados, o Parque Olhos D’água foi classificado como agradável por 114 respondentes, que expressam sua interação com o parque por meio do encantamento pelos elementos naturais, da sociabilidade e do autocuidado.

Tabela 13 – Mapas afetivos 53, 82, 88, 112 e 136

Mapa afetivo 53	Gênero – Idade Feminino – de 31 a 35 anos	Escolaridade Especialização	Residência Asa Norte	Frequência visita A cada 15 dias	
					Sentimentos Satisfação, paz, tranquilidade, prazer, alegria, calma.
					Qualidades Agradável, arborizado, com uma boa estrutura, limpo e seguro.
Significado do desenho Um dos parques mais arborizados.					
Metáfora Aos parques de Belo Horizonte, no que se refere a infraestrutura, arborização e preservação.			Imagem afetiva Agradabilidade		
Sentido Resgate de memória de experiências anteriores em outros parques.					
Mapa afetivo 88	Gênero – Idade Masculino – mais de 50 anos	Escolaridade Mestrado	Residência Asa Norte	Frequência visita De 4 a 6 vezes por semana	
					Sentimentos Contemplação, placidez, paz, gratidão, harmonia, equilíbrio.
					Qualidades Refrigério em meio urbano.
Significado do desenho Uma unidade de conservação urbana, onde há conjugação equilibrada entre os aparelhos urbanos, comunidade e natureza.					
Metáfora Parque da Cidade, porque os dois parques são semelhantes em termos de equipamentos e usufruto.			Imagem afetiva Agradabilidade		
Sentido Harmonia entre diferentes mundos: a cidade, a natureza na cidade e as pessoas na natureza.					

Mapa afetivo 136	Gênero – Idade Masculino – de 18 a 25 anos	Escolaridade Ensino fundamental	Residência Vila Planalto	Frequência visita A cada 15 dias	
					<p>Sentimentos Amor, unidade, calma, paz, tranquilidade, respeito.</p>
					<p>Qualidades Ambiente muito bom, que traz boas lembranças, com muita paz e unidade com a natureza, sendo muito belo e seguro.</p>
<p>Significado do desenho Lugar de paz e harmonia, que une o ser com a “casa comum”, a natureza.</p>					
<p>Metáfora Uma cachoeira, pois o sentimento e a forma natural são a mesma para mim nesses dois ambientes.</p>			<p>Imagem afetiva Agradabilidade</p>		
<p>Sentido Casa, intimidade, lar.</p>					
Mapa afetivo 82	Gênero – Idade Masculino – de 18 a 25 anos	Escolaridade Ensino Médio	Residência Asa Norte	Frequência visita De duas a três vezes por semana	
					<p>Sentimentos Paz, natureza, tranquilidade, sol, exercício, aproximação.</p>
					<p>Qualidades Um achado dentro de Brasília. Nem parece que se encontra em área urbana.</p>
<p>Significado do desenho Forma que mais uso o parque.</p>					
<p>Metáfora Central Park, em Nova York, pela proposta de preservação em área urbana.</p>			<p>Imagem afetiva Agradabilidade</p>		
<p>Sentido Estar fora da cidade, da vida urbana, do tempo urbano.</p>					

Mapa afetivo 112	Gênero – Idade Feminino – de 26 a 30 anos	Escolaridade Mestrado	Residência Asa Norte	Frequência visita De 4 a 6 vezes por semana
			Sentimentos Felicidade, tranquilidade, serenidade.	
			Qualidades Melhor e mais aconchegante parque de Brasília.	
Significado do desenho Ar puro, vegetação, qualidade de vida, calma, saúde.				
Metáfora Central Park			Imagem afetiva Agradabilidade	
Sentido Estar em casa.				

Fonte: IGMA, 2022.

Observamos que o sentimento de agradabilidade do parque está ligado ao contato com a natureza. Os elementos naturais que constituem o parque atraem a atenção dos frequentadores. Referências diretas a água, plantas, lazer, calor, conforto, refúgio, sol, ar puro, terra, luz, fauna e flora, verde e animais são encontradas nas respostas do IGMA e nas entrevistas móveis semiestruturadas.

Algumas similaridades entre os mapas também foram observadas: os desenhos apresentam uma dimensão física, em que os elementos naturais estão bem definidos, são concretos; as comparações seguem um padrão que varia de outros espaços, como quintais, outros parques, a outros elementos naturais, como a água. A dimensão simbólica está muito ligada às experiências pessoais vividas em locais semelhantes.

Os parques fazem parte de um projeto de paisagem que tem suas representações já consolidadas nas cidades. As várias referências a outros parques vêm de toda uma bagagem de experiências vivenciadas por segmentos sociais abastados, perfil desses participantes. É nos bairros de classe média onde se encontra a maior parte dos parques abertos à visitação no Distrito Federal.

A recorrente comparação do Olhos D'água a outros parques nos indica que seus frequentadores têm o hábito de visitar diferentes parques. Outras comparações feitas como a um *spa*, um oásis, uma cidade de interior, um hotel-fazenda, um rio, uma cachoeira, um jardim, um pássaro, um bosque, remetem ao sentimento de conforto, acolhimento e a um convívio com a dimensão física da natureza.

O tempo do parque é observado como um tempo próprio, desvinculado do tempo da cidade. “Um oásis no meio da cidade” (IGMA 110). É um tempo de tranquilidade, de leveza, de ritmo lento, livre e relaxado. “Um excelente lugar para relaxar” (IGMA 43); “Lugar que vale a pena ir; Vc cria quase uma relação com o lugar” (IGMA 104); “Adoro o parque e o que ele me oferece: estar em contato com a natureza” (IGMA 33).

Outra constante representação da imagem afetiva da agradabilidade são as relações de sociabilidade desenvolvidas por seus frequentadores no ambiente do parque. Historicamente os parques são espaços de encontros sociais. Fazem parte de um projeto de produção da cidade moderna e da concepção de espaço público. O uso social dos espaços públicos destinados ao lazer está ligado aos parques.

Gosto do gramado e das interações sociais que temos nele (IGMA 84). O parque é um ótimo lugar para relaxar e trazer os amigos (IGMA 97). Acho maravilhoso, principalmente pela forma como a comunidade usufrui do espaço (IGMA 114). Sempre que vou ao parque faço piquenique com a minha família (IGMA 121).

Os encontros sociais reúnem os mais diversificados grupos em torno de locais como o gramadão, o parquinho infantil e o espaço de Educação Ambiental. Reuniões com amigos, piqueniques, festas de aniversário, passeios com familiares, encontros com grupos de interesse e atividades comuns são recorrentes e fazem parte da paisagem local. “Muito bom pra se distrair em família” (IGMA 78).

Os encontros sociais fazem parte da paisagem do Olhos D'água. O parque permite às pessoas se “desconectarem” de relações sociais mediadas para se “conectarem” diretamente. A metáfora do parque como música (IGMA 38) evidencia que há um novo tempo e um novo ritmo para a sociabilidade entre pares e também para a abertura de comunicação com a natureza.

Tabela 14 – Mapas afetivos 27, 57, 77, 108 e 121

Mapa afetivo 57	Gênero – Idade Masculino – de 18 a 25 anos	Escolaridade Especialização	Residência Asa Norte	Frequência visita Uma vez por mês	
					<p>Sentimentos Conforto, criação de vínculos, amizades, natureza, comunidade, amor.</p>
					<p>Qualidade Parque muito bonito.</p>
Significado do desenho Significa família.					
Metáfora Floresta.			Imagem afetiva Agradabilidade		
Sentido Fortalecer vínculos de afeto e convivência.					
Mapa afetivo 27	Gênero – Idade Outro – de 18 a 25 anos	Escolaridade Ensino Médio completo	Residência Asa Norte	Frequência visita Primeira vez	
					<p>Sentimentos Refúgio, preservação, sossego, paz, saúde, reflexão.</p>
					<p>Qualidades Lugar maravilhoso! bom para sair um pouco da correria urbana. Seria ótimo ter mais lugares assim na cidade e no DF.</p>
Significado do desenho Representação do bucolismo do parque.					
Metáfora O parque é como uma música, que tem tempo e ritmo só dele.			Imagem afetiva Agradabilidade		
Sentido Há uma busca por tranquilidade, aconchego e equilíbrio, mas também por parcerias.					

Mapa afetivo 77	Gênero – Idade Masculino – de 26 a 30 anos	Escolaridade Especialização	Residência Sobradinho	Frequência visita De duas a três vezes por semana
			Sentimentos Paz, amor, harmonia.	
			Qualidades Local aconchegante, onde se pode descansar, praticar atividades individuais e coletivas.	
Significado do desenho Algo familiar. Um ambiente de paz.				
Metáfora Quintal			Imagem afetiva Agradabilidade	
Sentido Família e fortalecimento de vínculos sociais.				
Mapa afetivo 108	Gênero – Idade Feminino – de 41 a 45 anos	Escolaridade Especialização	Residência Asa Norte	Frequência visita De duas a três vezes por semana
			Sentimentos Beleza, segurança, harmonia, tranquilidade, liberdade, paz, amigos.	
			Qualidades Acho ótimo! Um refúgio verde na Asa Norte para curtir com os amigos.	
Significado do desenho Natureza, áreas verdes, liberdade, conviver de forma harmônica com a natureza e com as pessoas.				
Metáfora Uma praia sem mar, mas cheia de gente na areia.			Imagem afetiva Agradabilidade	
Sentido Estar em paz, em harmonia é buscar esse equilíbrio entre as pessoas no lugar.				

Mapa afetivo 121	Gênero – Idade Feminino – de 26 a 30 anos	Escolaridade Superior completo	Residência Setor Sudoeste	Frequência visita Uma vez por mês
			<p>Sentimentos Afeto, união, amizade, alegria, carinho, respeito.</p>	
			<p>Qualidades Um parque muito bom e tranquilo.</p>	
<p>Significado do desenho Sempre que vou ao parque, faço piquenique com a minha família.</p>				
<p>Metáfora Eventos íntimos com família e amigos, pois a disposição dos elementos e o tamanho do parque fazem com que ele seja perfeito para isso.</p>			<p>Imagem afetiva Agradabilidade</p>	
<p>Sentido Unir, reunir e fortalecer vínculos.</p>				

Fonte: IGMA, 2022.

Uma outra faceta identificada por meio das respostas do IGMA é o autocuidado. Esses frequentadores destacaram o parque como um espaço-jardim, um ambiente de observação de si, com tempo destinado a atividades com foco no autocuidado, como cuidados corporais, atividades físicas, descanso, sem a preocupação de atender a demandas coletivas ou de outrem.

Tabela 15 – Mapas afetivos 5, 125, 133 e 146

Mapa afetivo 5	Gênero – Idade Feminino – de 26 a 30 anos	Escolaridade Ensino Superior completo	Residência Asa Norte	Frequência visita De duas a três vezes por semana
			Sentimentos Tranquilidade, segurança, felicidade, alegria, calma, paz.	
			Qualidades lugar tranquilo, gostoso e que vale muito a visita.	
Significado do desenho Refúgio da correria e do trabalho do dia a dia.				
Metáfora Uma floresta.			Imagem afetiva Agradabilidade	
Sentido Tempo e disponibilidade para si.				
Mapa afetivo 125	Gênero – Idade Feminino – de 36 a 40 anos	Escolaridade Ensino Superior completo	Residência Paranoá	Frequência visita A cada 15 dias
			Sentimentos Amor, nirvana, verão, calor.	
			Qualidades Muito bom. várias atividades.	
Significado do desenho loga no chalé				
Metáfora Um verdadeiro parque.			Imagem afetiva Agradabilidade	
Sentido Entrar em si. Estar em si. Autocuidado.				

Mapa afetivo 133	Gênero – Idade Feminino – de 18 a 25 anos	Escolaridade Ensino Médio completo	Residência Asa Norte	Frequência visita Uma vez por semana
			Sentimentos Sentimento de silêncio bom e acolhedor.	
			Qualidades Aqui é o refúgio dos moradores durante a rotina corrida. Ótima localização e espaços de lazer.	
Significado do desenho Pessoa sentindo a natureza de forma tranquila antes de ir se exercitar.				
Metáfora Compararia ao Parque da Cidade. Apesar de ambos terem bastante espaço verde, o Olhos D'água proporciona lazer igual.			Imagem afetiva Agradabilidade	
Sentido Refúgio do cotidiano. Mudança do tempo e do ritmo.				
Mapa afetivo 146	Gênero – Idade Masculino – de 18 a 25 anos	Escolaridade Ensino Médio completo	Residência Asa Norte	Frequência visita Uma vez por semana
			Sentimentos Reflexões, autocuidado, autoestima, silêncio, sentimentos, contato com a natureza.	
			Qualidades É um parque bem localizado e com bastante espaço verde. Bom para praticar exercícios ou marcar com um amigo.	
Significado do desenho Eu tomando sol e descansando depois de uma semana cheia de emoções.				
Metáfora Um quintal, pois ele é o quintal dos moradores das 400 Norte.			Imagem afetiva Agradabilidade	
Sentido Descanso e relaxamento. Sentido de autocuidado.				

Fonte: IGMA, 2022.

5.3.2 Pertencimento

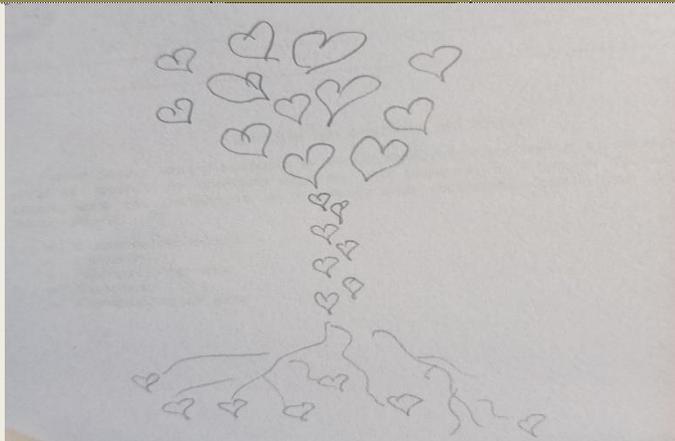
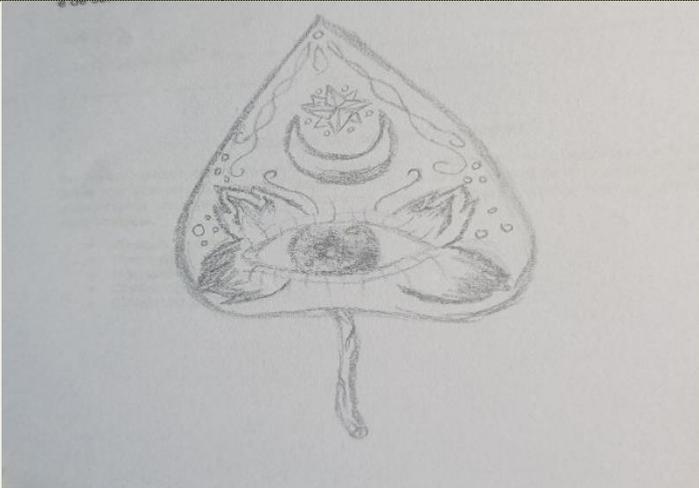
O senso de pertencimento em relação ao Parque Olhos D'água se manifesta por meio da forte relação de identidade e de apego dos sujeitos com o lugar.

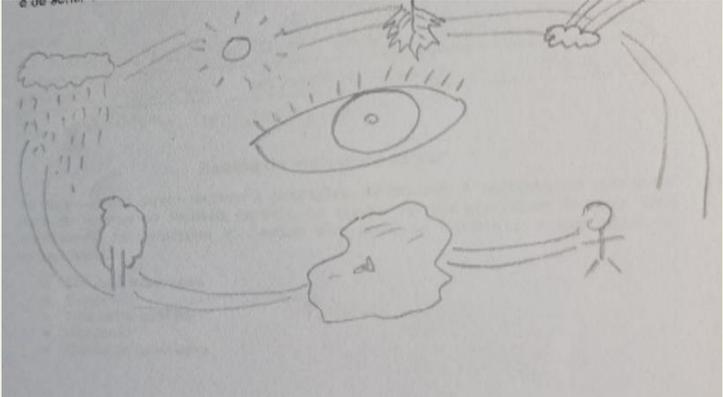
O parque para mim é algo que acalma meu coração. É um lugar onde consigo me conectar comigo mesma (IGMA 8); Me sinto muito leve quando venho aqui, como se pudesse voar com passarinhos e borboletas (IGMA 47); Interação com a vida. Exalação de amor (IGMA 65); Significa expansão e dimensionamento. As coisas tomam novas proporções em contato com a natureza. Algo grande torna-se pequeno. O que não via vem à luz (IGMA 81); Necessidade de conexão com a natureza para acalmar a mente e o corpo (IGMA 111); O desenho representa um lugar de calma, onde o tempo para para a gente respirar, escutar, se nutrir e estar presente (IGMA 139). Conexão de amor entre a natureza que é parte de mim e a natureza que é parte do todo (IGMA 72).

Os desenhos, em sua maioria, são de base imaginativa. Há uma simbiose entre sujeitos e lugar, na qual os sujeitos se posicionam como elementos da paisagem, como sua parte constituinte. O sentimento de implicação com o lugar é predominante.

Tabela 16 – Mapas afetivos 9, 21, 28, 48, 109

Mapa afetivo 9	Gênero – Idade Feminino – mais de 50 anos	Escolaridade Ensino Médio completo	Residência Não respondeu	Frequência visita Todo dia
		Sentimentos Felicidade, ar puro, natureza, diversão, saudável, fauna e flora.		
		Qualidades Um excelente lugar para visitação e lazer.		
Significado do desenho Poder ver a natureza do jeito que imaginamos e sentir de perto como elas são.				
Metáfora Um lugar de se viver bem com a natureza.			Imagem afetiva Pertencimento	
Sentido Intimidade.				

Mapa afetivo 21	Gênero – Idade Feminino – de 45 a 50 anos	Escolaridade Doutorado	Residência Asa Norte	Frequência visita De duas a três vezes por semana
		Sentimentos Amor, paixão, cuidado, responsabilidade, permanência, enraizamento.		
		Qualidades importância da preservação da natureza, sobretudo no que se relaciona ao cuidado com a água e a manutenção da vida a partir disso.		
Significado do desenho Expressão da natureza enquanto paixão.				
Metáfora Minha casa, porque é tão importante para meu bem-estar quanto minha casa.			Imagem afetiva Pertencimento	
Sentido Estar na essência de algo, no âmago, ser um.				
Mapa afetivo 28	Gênero – Idade Feminino – de 18 a 25 anos	Escolaridade Ensino Fundamental	Residência Asa Norte	Frequência visita De duas a três vezes por semana
		Sentimentos Natureza, misticismo, questionamentos, expansão, liberdade, contemplação.		
		Qualidades Lugar perfeito para ir sozinho em um momento focado em descobrir coisas sobre si ou buscar refúgio.		
Significado do desenho Agrupando elementos que representam tanto a esfera natural quanto mística de nossa organização, o desenho remete-me ao mundo de possibilidades que o ato da contemplação pode nos dar caso nosso corpo e mente sejam expandidos.				
Metáfora Refúgio, pois me traz sentimentos e lembranças boas.			Imagem afetiva Pertencimento	
Sentido Integração entre os elementos, as forças e as energias.				

Mapa afetivo 48	Gênero – Idade Feminino – de 31 a 35 anos	Escolaridade Mestrado	Residência Asa Norte	Frequência visita De duas a três vezes por semana
			Sentimentos Corporificação, ciclos, acolhimento, tempo, calma, segurança.	
			Qualidades Meu lugar de acolhimento em Brasília.	
Significado do desenho O parque me permite experienciar as mudanças naturais e climáticas do Cerrado.				
Metáfora Refúgio urbano.			Imagem afetiva Pertencimento	
Sentido Ser humano completamente integrado à natureza e participe de seus ciclos.				
Mapa afetivo 109	Gênero – Idade Feminino – de 45 a 50 anos	Escolaridade Especialização	Residência Asa Norte	Frequência visita De 4 a 6 vezes por semana
			Sentimentos Amor, carinho, solidariedade, acolhimento, compreensão.	
			Qualidades Gosto do parque, acho muito tranquilo, me traz paz.	
Significado do desenho Minha árvore predileta; conversei com ela sempre.				
Metáfora Com o Parcão, em Porto Alegre.			Imagem afetiva Pertencimento	
Sentido Estar entre amigos.				

5.3.3 Contraste

Entende-se por contraste a imagem afetiva modelada na exposição de sentimentos contraditórios sobre o lugar. Assim, o contraste apresentado refere-se aos aspectos agradáveis, alegres e potencializadores da experiência no parque – um rico envolvimento com o lugar e com as relações sociais contidas nele, como os encontros com as amigas – ao mesmo tempo em que revela as insatisfações decorrentes das restrições normativas de uso público.

Tabela 17 – Mapa afetivo 25

Mapa afetivo 25	Gênero – Idade Feminino – de 18 a 25 anos	Escolaridade Ensino Superior (em curso)	Residência Asa Norte	Frequência visita A cada quinze dias
			<p>Sentimentos</p> <p>Nostalgia, tranquilidade, conexão.</p>	
			<p>Qualidades</p> <p>Gosto bastante do parque, mas acredito que falta maior diversificação dos usos, criação de outras faixas para acesso via patins, bicicleta. Falta adaptar o parque para animais de estimação.</p>	
<p>Significado do desenho</p> <p>O parque permite diversos usos, normalmente venho para tomar sol, fazer um piquenique, reencontrar algum amigo, praticar alguma atividade ao ar livre.</p>				
<p>Metáfora</p> <p>O Parque Olhos D'água, com tantas restrições como a entrada proibida de cachorros, a proibição do uso de <i>skates</i>, patins, bicicleta, entre outros, se torna entediante. É uma pena, pois tem muito potencial.</p>				<p>Imagem afetiva</p> <p>Contraste</p>
<p>Sentido</p> <p>Não há conhecimento e compreensão do que é uma unidade de conservação, daí a confusão conceitual com um típico parque urbano.</p>				

Fonte: IGMA, 2022.

6 DISCUSSÃO

O parque para mim é algo que acalma meu coração. É um lugar onde consigo me conectar comigo (IGMA 8).

Natureza, piquenique, brincar ao ar livre, tomar sol, descansar, conviver (IGMA 20).

Vejo a natureza como uma forma de canalização de energia. Quando estou estressado ou preocupado com algo, descarrego energia ruim, desequilibrada e carrego com energia boa (IGMA 128).

A produção do espaço é carregada de significados. Quando atribuímos sentidos sociais, psicológicos e míticos a essa relação, o transformamos em lugar (TUAN, 1983). A experiência afetiva faz parte do repertório de componentes de qualificação dos espaços públicos. Os espaços de lazer em uma cidade são dotados de *anima*.

Assim, construímos a categoria afetividade no intuito de conhecer e de compreender as emoções e os sentimentos dos frequentadores do Parque Olhos D'água nas suas experiências de lazer. A dimensão afetiva permite sentir o espaço por meio dos códigos físicos e simbólicos com os quais os marcamos, formando uma imagem deles.

O Parque Olhos D'água é um típico parque de bairro, eventualmente visitado por moradores de outras regiões do Distrito Federal. Os dados da amostra apresentam uma maioria de público jovem, na faixa de 18 a 25 anos, com alto grau de escolaridade, predominância do gênero feminino, que frequenta o parque de duas a três vezes por semana e mora na região da Asa Norte.

A imageabilidade ambiental do Parque Olhos D'água é manifestada pelos frequentadores por meio das categorias de agradabilidade, pertencimento e contraste, expressões da estima de lugar que envolvem as interações da afetividade sujeito-espaço. Como se deu o diálogo entre afetividade e lazer no Parque Olhos D'água no contexto da pandemia de COVID-19?

Em nível individual e coletivo, tanto como experiência psicológica quanto coletiva, os benefícios do lazer geram bem-estar e promovem qualidade de vida (MONTEAGUDO, 2008). Como expressão autônoma do sujeito diante da estrutura social, as experiências de lazer são escolhas em repertórios possíveis

(MARCELLINO, 1986). Os sujeitos se apropriam das possibilidades de lazer dentro das opções à disposição.

Estar no parque é dispor para si de momentos essencialmente ligados à percepção de liberdade (CUENCA, 2014). “O parque representa um momento de lazer, descanso, momento para relaxar” (IGMA 67). É a liberdade de escolha em um tempo disponível, de busca por satisfação, por felicidade e por prazer pessoal, de expressar a subjetividade (CAMARGO, 1986; MARCELLINO, 1995; 2006).

Olha... eu venho aqui pra correr ou caminhar. Não gosto de vir pra deitar, sentar na grama, ficar observando os outros. Quando eu tô na pista, tem dias que penso em tudo que você puder imaginar. Eu organizo a cabeça... organizo a vida. Tem dia que não penso em nada. Absolutamente nada. É um grande vazio mental (risos). Você tá vendo que é quase noite, né? Quando venho é nesse horário. Depois do trabalho. Não é pra tomar sol (risos)... Então... o parque pra mim tem esse significado de me encher e me esvaziar. Aqui eu venho pra encher e pra esvaziar a mente (E 4).

Os equipamentos públicos e privados encontram-se nas imediações do parque. Em seu entorno, há residências, escolas, postos de saúde, comércio que oferece várias modalidades de serviços. Alguns respondentes são trabalhadores da região, o que mostra o parque atendendo não apenas aos residentes, mas ao público que transita na unidade de vizinhança.

Como afirma Gomes (2008, 2014), o campo do lazer se relaciona com diversas esferas da vida, mas em especial com o trabalho. A dimensão dialética dessa relação se dá no embate entre prazeres pessoais e obrigações sociais. “Lugar de lazer, saúde e relaxamento. Uma possibilidade de respiro em meio à loucura da rotina” (IGMA 2). Assim, mesmo que limitado a pequenos recortes diários, o lazer cumpre uma “função social”.

Trabalho bem ali na comercial. No horário de almoço eu como e venho pra cá. Às vezes trago a comida e como por aqui mesmo. Fico relaxando... Esqueço dos clientes. Cliente é complicado. Tem de tudo: gente muito estúpida! Gente que não olha pra você. Gente simpática. Gente estressada. Aí a gente acaba ficando estressado também. Aqui eu descanso da pressão (E 3).

As pessoas se vinculam aos lugares por meio das experiências vividas, dando-lhes significados. Maffesoli (2004) aponta que o lugar faz o elo entre sujeito e espaço. Moesch (2015) aponta que o lazer faz o elo entre os sujeitos e os espaços públicos. Nesta investigação, apontamos a afetividade como elo entre o Parque Olhos D'água e seus frequentadores.

A imagem da agradabilidade é predominante entre as representações de estima de lugar dos frequentadores do Parque Olhos D'água. Sentir-se bem no parque se manifesta no contato com elementos naturais, nas relações de sociabilidade vivenciadas e na motivação pelo cuidado de si como fatores de vinculação dos sujeitos com o espaço de lazer.

As experiências de lazer no parque fortalecem o *conatus* dos sujeitos que as vivenciam. Como potência, o *conatus* manifesta a permanente ação no sentido de autopreservação, sempre em movimento, sempre em expansão. É no encontro entre os corpos que nos fazemos potência, afetando e sendo afetados, ampliamos ou reduzimos nossa capacidade de agir, nosso sentido de fortalecimento pessoal.

Esses sujeitos encontram no lazer os afetos positivos, aqueles que ampliam a capacidade de agir, de se fortalecer, influenciando e sendo influenciados pelas trocas que os bons encontros proporcionam. Assim, o contato com os elementos naturais e as relações sociais reforçadas ou construídas no parque e o cuidado de si reforçam a potência de ação dos sujeitos do lazer.

Os bons encontros, aqueles pautados pelos afetos positivos, que ampliam nossa potência de agir, fortalecendo nossa existência, originam-se nas relações entre os corpos, em um contínuo afetar, afetando e sendo afetados por outros corpos e mentes, são vivenciados e expressados na estima de lugar pelo parque e pelo “repertório de pequenas alegrias” desse encontro.

Esse parque é muito importante pra mim! Trazia meus filhos pra brincar e hoje costumo trazer a neta. Ela é bem pequena, mas já gosta daqui. Para mim é um quintal. Moro aqui na 16. É meu quintal mesmo! Se tivesse que te dizer um significado... é um significado diferente cada vez que estou aqui. É como se juntasse meu repertório de pequenas alegrias. Sempre é uma alegria diferente! Nunca é igual... mas é sempre uma alegria! (E 7).

Questionados sobre o sentimento mais recorrente em relação ao Parque Olhos D'água, os respondentes informaram paz (78%), tranquilidade (35%), natureza (26%), alegria (22%), amor (19%), felicidade (17%) e saúde (15%). Se pensarmos nos sentidos adquiridos pelo lazer ao longo de sua trajetória histórica de formação, no contexto do parque contemporâneo, paz e tranquilidade equivalem à contemplação, ao relaxamento e ao descanso.

Por ser um parque de bairro, frequentado majoritariamente pela comunidade local, o parque se mistura à cidade, como sua parte constituinte. “Aqui é tipo Brasília: é calmo, é limpo, organizado, bem arrumado. Tem setores” (risos). “É o melhor e o mais aconchegante parque dos que eu conheço. Parece até que foi planejado com a cidade” (E 10).

Alguns aspectos da história e da paisagem da cidade são expressos nos significados do parque, que se confundem com a cidade. Sociedade e paisagem são uma unidade integrada, em que os sentidos se encontram nas influências recíprocas dessas interações (BERQUE, 1998). “Você sabe que Brasília é a cidade-parque? As quadras têm miniparques. Na Asa Sul tem vários. Aqui (Asa Norte), os de quadra não têm. Mas tem esse... que é uma joia!” (E 9).

A paisagem está nas mentes dos sujeitos, compondo, assim, a sua subjetividade (SCHAMA, 1996). O sentido estético de uma paisagem é produzido nos pensamentos e nos sentimentos despertados. “Pode observar que quando você caminha na pista, a paisagem vai mudando. Agora tá barulhento, né? A gente tá do lado da L2. É bem Brasília isso. Um setor bem bucólico. De repente, você faz uma tesourinha e cai num tráfego louco!” (E 5).

As representações da natureza encontram-se com as representações da cidade, fundindo a arquitetura modernista à mancha remanescente de Cerrado. “A cidade foi planejada para ser muito verde. Trouxeram as plantas de fora. Morreram todas! Tiveram que plantar tudo de novo. Só vingou as do Cerrado. Sabia disso? Pra viver em Brasília tem que ser forte. Tem que ser planta do Cerrado” (E 6).

Nosso *conatus* manifesta nossos afetos. Quanto mais afetos positivos, maior é nosso potencial de autopreservação. E também nosso potencial para ação (ESPINOSA, 2010). Assim, no contexto do parque, a experiência de lazer, cujo sentido está na liberdade de escolha e na realização pessoal, afirma a

identidade do sujeito, suas escolhas pessoais, seu sentido de estar no mundo (CUENCA, 2014; RHODEN, 2009).

Uma outra dimensão do diálogo entre afetividade e lazer nos parques públicos, sobre a qual nos debruçamos, diz respeito às potencialidades dessa experiência – e dos vínculos afetivos nela produzidos – serem impulsionadores da ação coletiva. Alguns dados e suas ausências nos informam sobre as possibilidades de análise dessa experiência entre os participantes desta investigação.

O IGMA apresenta uma questão aberta, contendo o seguinte enunciado: “Você participa de algum movimento comunitário ligado ao parque? Se sim, qual e há quanto tempo?” Entre os 146 respondentes, 139 informaram que não participavam de qualquer movimento comunitário relacionado ao parque e 6 informaram participar de atividades de cunho comunitário no espaço do parque.

Para compreender os significados dessas respostas, retomamos Espinosa (2010). A potência de ação é uma possibilidade, e como tal, pode ou não vir a se tornar ação. As entrevistas desvelaram-nos aspectos acerca dessas possibilidades para a ação que contribuíram para a compreensão do contexto investigado.

A despeito de os dados coletados apresentarem uma alta estima de lugar dos frequentadores em relação ao Parque Olhos D’água, e no contexto desta investigação, podemos afirmar que o potencial para ação, individual e coletiva, apresenta-se como relação afetiva com o lugar, com as pessoas e com as interações sociais estabelecidas.

Os dados revelam que o parque é uma paisagem afetiva presente na vida de seus frequentadores, manifestada pela alta estima de lugar. Os dados também revelam pouco entendimento acerca da função socioambiental do parque e de sua relevância para a conservação ambiental. Nenhum(a) entrevistado(a) fez menção à pandemia por uma perspectiva coletiva, apenas pelo seu olhar pessoal.

Não sei bem como. Não tinha pensado sobre isso. A pandemia foi tão... Eu venho aqui sempre que posso. Eu tento aproveitar tudo ao máximo. Ficar isolado foi horrível! Trabalhei toda a pandemia de casa. Corremos risco o tempo todo. Então, cada momento é aproveitado intensamente. Inclusive os que tô no

parque. Acho que mudou foi isso. Percebi que é preciso estar presente sempre (E 4).

Eu vinha ao parque umas três vezes por semana antes da pandemia. Gosto muito daqui! É um lugar de paz. Eu valorizo ainda mais estar aqui. O parque ficou fechado uns 8 meses. Quando reabriu, eu não voltei imediatamente. Demorei. Fiquei com medo de me contaminar ou alguém lá em casa. Tinha receio de lugares com gente. Demorei pra voltar. Hoje me cuido muito mais. E sei que esse lugar é muito mais importante do que parece (E 5).

Eu hoje gosto muito mais de vir aqui. Já gostava antes. Hoje gosto mais. Presto atenção em tudo... gosto de meditar aqui. Antes eu não observava tanto as coisas que têm no parque. Agora eu olho tudo. Muita coisa eu não percebia antes. Agora fico mais observando, sabe? Vejo que tem um mundo dentro desse lugar. Tem um mundo que passa quase invisível. Vinha andar aqui todo dia antes do isolamento. Continuo vindo todo dia. Sei muito mais do parque hoje. Vejo muito mais. As pessoas chegam, andam, tomam água de côco e vão embora sem notar o parque. Todos frenéticos. Mas é assim com tudo. Ninguém nota as pequenezas, se não parar. Eu mesmo não olhava. Você precisa parar pra ver (E 8).

A ausência de um elemento de mediação, que leve seus frequentadores a estabelecer relações entre o parque e as macroquestões socioambientais, dificulta diálogos que o estar no parque possibilitaria. Pensar o lazer como um tempo privilegiado para aprendizagens sociais, para a vivência de valores que contribuam a mudanças socioculturais, torna-o um processo educativo com duplo sentido: é veículo e objeto de educação (MARCELLINO, 1995).

A Carta Internacional de Educação para o Lazer (2020) o trata com *status* de direito humano, como um tempo livre dedicado ao descanso e à busca de atividades que propiciem satisfação e bem-estar. Uma educação voltada ao lazer é definida pela World Leisure and Recreation Association (WLRA) como “um processo de aprendizado contínuo que incorpora o desenvolvimento de atitudes, valores, conhecimentos, aptidões e recursos de lazer” (WLRA, 2000, p. 2, subitem 4.3).

As unidades de conservação, em nível federal, estadual e distrital, são autorizadas a manter programas de Educação Ambiental. O Parque Olhos D'água dispõe de um espaço destinado à Educação Ambiental, que é utilizado pelos frequentadores para diversas atividades socioculturais, mas não para

Educação Ambiental. O parque é um espaço público de lazer com potência para formação e para informação.

Os parques ecológicos são espaços formadores e, como tal, espaços educativos, estratégicos na construção de sociedades sustentáveis. No diálogo entre afetividade e lazer nos parques, a Educação Ambiental é elemento mediador do letramento socioambiental, que possibilita a seus frequentadores compreender as relações conjuntura/estrutura, ou seja, do local ao global.

O conceito de sociedades sustentáveis incorpora as dimensões da vida cotidiana sem desvinculá-las das questões ambientais globais. Aqui, propomos a Educação Ambiental como um conjunto de princípios, de metas e de planos de ação que orientam uma ética ambiental global, voltada à participação cidadã local e planetária (TEASS, 1992).

A consciência histórica das práticas em que os sujeitos estão envolvidos move seu desenvolvimento. Faz-se necessária a orquestração entre pensamentos, sentimentos e comportamentos voltados à transformação de uma realidade. Como processo formativo, a Educação Ambiental para sociedades sustentáveis exige comprometimento individual e coletivo dos sujeitos envolvidos.

Programas de Educação Ambiental devem fazer parte do processo de gestão dos parques públicos, em diálogo com a realidade das unidades de conservação localizadas em zona urbana, caso do Parque Olhos D'água, que precisam ser pensadas, geridas e adequadas ao contexto urbano de seu uso público.

As unidades distritais de conservação têm o Cerrado como foco de sua proteção. E, assim, no local, fazemo-nos globais. É na proteção e no cuidado ao bioma Cerrado que estabelecemos vínculos com as redes internacionais de proteção ambiental. Como um dos *hotspots* mais fragilizados do planeta, conhecer, compreender, amar e agir pelo Cerrado faz-se necessário para sua permanência.

As emoções e os sentimentos exercem papel fundamental para a construção da realidade, pois são as mediadoras no processo de significação dos sujeitos com seu contexto. As experiências pessoais e coletivas que propiciam o fortalecimento do *conatus* são passíveis de gerar ação, mas não necessárias para gerar ação. Outros fatores precisam ser levados em conta.

Como afirma Vygotsky (2001), é a qualidade da inserção dos sujeitos nas relações sociais de seu tempo e de seu lugar, de seu acesso a repertórios culturais, que fundamenta a produção da consciência e de todos os seus comportamentos culturalmente instituídos. Por meio das experiências de lazer, fortalecedoras do *conatus*, os sujeitos produzem significados plenos de implicação com o espaço público de lazer.

A Educação Ambiental crítica, como processo formativo, intenta promover reflexão sobre as questões ambientais e suas correlações em nível conjuntural/estrutural. É nos espaços públicos, que propiciam encontros entre pessoas, ideias, visões de mundo e de sociedade, que a práxis educativa pode orientar o desenvolvimento de consciência crítica, de participação e de ação.

CONSIDERAÇÕES

Nossos afetos com a cidade e os usos sociais que dela fazemos qualificam nossa experiência com os lugares onde existimos, que despertam emoções e sentimentos. As características dos espaços, em interação com nossas experiências neles, produzem significados sociais e culturais, e podem orientar nossas ações individuais e coletivas.

Nossa investigação sobre a relação pessoa-ambiente em espaços públicos de lazer, cujo lócus é o Parque Ecológico Olhos D'água, tem como objetivos compreender a experiência afetiva dos usuários com o parque que frequentam e analisar como se deu o diálogo entre lazer e afetividade no Parque Olhos D'água no contexto da pandemia de COVID-19.

No contexto do lazer urbano, os parques são espaços públicos reconhecidos como locais de vivências lúdicas contemplativas e recreativas. Criados com finalidade de apreciação, de recreação e de conservação de recursos naturais nos centros urbanos, têm forte caráter socializador e de contato com a natureza.

A coleta de dados da amostra foi realizada por meio de observação direta, de construção do mapa afetivo do Parque Olhos D'água e de entrevistas móveis semiestruturadas, costuradas à pesquisa bibliográfica e documental, que indicaram os pontos de convergência entre os frequentadores na sua experiência afetiva com o Parque Olhos D'água.

As pessoas se vinculam aos lugares por meio das experiências vividas, dando-lhes significados. A imageabilidade ambiental do Parque Olhos D'água é manifestada pelos frequentadores por meio das tipologias de agradabilidade, de pertencimento e de contraste, como expressões da estima de lugar que envolve as interações da afetividade sujeito-espaço.

A imagem da agradabilidade é predominante entre as representações de estima de lugar dos frequentadores do Parque Olhos D'água. O alto índice de estima de lugar apresentado nesta investigação indica uma estima potencializadora em relação ao Parque Olhos D'água. Os sujeitos encontram-se implicados com o lugar.

Os resultados mostram que, na dimensão individual, os frequentadores vivenciam uma rica e prazerosa experiência de lazer no parque, manifestada pela estima de lugar potencializadora, representada na imagem afetiva da agradabilidade, expressa no encantamento pelos elementos naturais, das relações de sociabilidade e de autocuidado.

Do ponto de vista coletivo, os frequentadores demonstram não estar inseridos em atuações coletivas que envolvam questões relacionadas ao parque, que nasceu de uma organização da vizinhança em torno de sua existência. Entretanto, esse movimento mostrou-se localizado a um momento e a um grupo, não se tendo tornado uma prática na gestão do parque.

O parque é compreendido sob a perspectiva individual e do pequeno entorno dos frequentadores. Mesmo a experiência de passar por uma pandemia não parece ter possibilitado uma visão sistêmica da relação do parque com processos de impacto maiores e mais abrangentes, como a relação entre desmatamento, desequilíbrio, gestão urbana, pandemias e mudanças climáticas.

As consistentes relações de afetividade dos frequentadores com o parque restringem-se ao olhar individual. Bomfim (2010) afirma que a afetividade é uma categoria ético-política de implicação das pessoas em suas coletividades. Nesse contexto, a afetividade é um elemento potencializador, mas não suficiente, para tomar forma de ação coletiva.

As questões ambientais parecem abstratas aos frequentadores do Parque Olhos D'água. No contexto desta investigação, apontamos a ausência de estratégias institucionais mediadoras dessa aproximação entre frequentadores e o parque que proponham experiências para além de suas subjetividades. Defendemos, nesta investigação, que o elemento mediador é a Educação Ambiental.

As unidades de conservação assumem funções públicas de natureza ambiental: microclima, proteção da água, do solo, da biodiversidade. Em tese, toda unidade de conservação tem em seu plano de manejo projetos de Educação Ambiental. Na prática, poucas UCs apresentam sólidos programas de Educação Ambiental, estejam elas em áreas urbanas ou não.

Há pouco entendimento de todas as facetas que uma área protegida assume nos processos socioambientais de uma cidade. A afetividade pelo lugar é um elemento potencializador para a ação, mas não definidor da ação. Faz-se

necessário discutir a particularidade da unidade de conservação em zona urbana, pois ela assume outras funções para além da proteção dos recursos naturais.

O lazer como elemento de integração com o parque é uma rica experiência, que se mostra sólida na expressão da afetividade dos sujeitos pelo lugar. Mas é preciso gerar reflexão que extrapole o individual e que contribua para a ação coletiva. Entre a visão mítica, a cenográfica e a técnico-científica das nossas relações com a natureza existe uma lacuna formativa-informativa a ser preenchida.

É preciso trazer as comunidades circunvizinhas para a gestão das unidades de conservação. Não é preciso inventar novos modelos. Eles já existem. O fortalecimento dos instrumentos de gestão e de participação social, presentes no Plano de Manejo do Parque Ecológico Olhos D'água, precisam se materializar em ações cotidianas.

Nesse contexto, a Educação Ambiental tem papel mediador das funções públicas de lazer e de conservação nas áreas protegidas. Assim, o modelo de Educação Ambiental adotado no processo de gestão precisa estar coerente com a realidade das unidades de conservação em zona urbana, que precisam ser pensadas, geridas e adequadas ao contexto da vida em uma cidade.

As áreas protegidas, e em especial as unidades de conservação, que, junto com os parques urbanos, os jardins e os passeios públicos, são o lócus das experiências urbanas com espaços naturais, precisam ter suas funções compreendidas nas diversas dimensões que assumem: locais, regionais, nacionais e internacionais.

Essa vinculação entre uma experiência pessoal e a ação coletiva é o que possibilita aos frequentadores de um parque ecológico fazer associações entre mudanças climáticas, surgimento de pandemias, existência de áreas protegidas, gestão dos recursos naturais, modelos de produção alimentar e compreender como a sociedade pode atuar nesses processos que parecem tão distantes, mas nos afetam cotidianamente.

Os conflitos que emergiram na investigação referem-se ao desconhecimento dos frequentadores sobre as particularidades das unidades de conservação tais como proibição de uso de bicicleta, patins e acesso de animais domésticos. Conflitos quanto a possíveis usos não convencionais do parque não foram registrados nem no IGMA nem nas entrevistas.

A limitação da emergência de conflitos às condicionantes ecológicas do Parque Olhos D'água é algo que merece uma investigação mais aprofundada. O IGMA e as entrevistas não captaram essas particularidades, que talvez só possam ser visibilizadas em métodos de imersão de longo prazo, como a observação participante.

Pesquisar a relação pessoa-ambiente em espaços públicos de lazer é um campo aberto de possibilidades que está muito longe de ser esgotado nesta investigação. Aqui, ressaltamos que produzir conhecimento é fundamental. Mas esse conhecimento precisa sair dos espaços acadêmicos para dialogar com a sociedade civil e a Administração Pública, em especial.

Como agenda para futuras investigações, sugerimos pesquisas sobre a relação pessoa-ambiente, com foco nas aproximações entre lazer e conservação em áreas protegidas localizadas nas cidades, observando os seguintes aspectos:

- O papel dos parques na discussão sobre mudança climática;
- Educomunicação aplicada à Educação Ambiental;
- Comunicação ambiental em unidades de conservação;
- Participação social na gestão de áreas protegidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. O impacto da Covid-19 na dinâmica demográfica brasileira. **EcoDebate**: Plataforma de informação e debate sobre temas socioambientais. Disponível em <https://www.ecodebate.com.br/2022/01/10/o-impacto-da-covid-19-na-dinamica-demografica-brasileira/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

ANDREOTTI, Giuliana. Paisagens do espírito: a encenação da alma. Tradução de Kelton Gabriel. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 4, p. 264-280, 2010.

ANTIGA, Ricardo Peralta. Reseña libro "The psychology of leisure". Research approaches to the study of leisure. **Revista Latinoamericana de Recreacion**, n. 2, enero-junio, 2012.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n. 2, set. 2007.

ARAGONÉS, Juan-Ignacio; SEVILLANO, Verónica. An environmental psychology perspective on the confinement caused by COVID-19 (Un enfoque psicoambiental del confinamiento a causa del COVID-19). **International Journal of Social Psychology**, v. 35, n. 3, p. 656-663, 2020.

ARAÚJO, Rosana Matos de. **Natureza na cidade**: reflexões de visões de natureza sobre modelos urbanos. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2006.

AUGUSTO, Diego Menezes; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. A utilização dos mapas afetivos como possibilidade de leitura do território no CRAS. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 1, jun. 2016.

BAHIA, Mirleide Chaar. **O lazer e as relações socioambientais em Belém, Pará**. Belém: NAEA, 2014.

BANDEIRA, Brennand de Sousa; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; SALES, José Albio Moreira de. Reabilitação de espaço urbano e afetividade: estudo de Psicologia Ambiental com moradores de área contemplada pelo Plano de Reabilitação Habitacional do centro histórico de Fortaleza-CE. **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 212-232, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20040>. Acesso em: 27 fev. 2021.

BARBOSA, Altair Sales. **Professor da PUC Goiás diz que destruição do bioma é irreversível e que isso compromete o abastecimento potável em todo o País**. Entrevista a Elder Dias para o Jornal Opção, Edição 2048, 2015. Disponível em: <https://agronomos.ning.com/profiles/blogs/professor-da-puc-goias-diz-que-destruicao-do-bioma-cerrado-e-irre>. Acesso em: 18 ago. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARREIRA, César Mortari; FONSECA, Júlia Albergaria Guedes da. Violência doméstica na pandemia: dados pandêmicos. **Politize!**, 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BEHR, Nicolas. **Braxília revisitada**, v. I. 2. ed., 2012. Disponível em: http://www.nicolasbehr.com.br/arquivos/livros/braxilia_miolo.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 84-91.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz et al. Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In: MIRA, Ricardo García; DUMITRU, Adina. (Ed.). **Urban sustainability: innovative spaces, vulnerabilities and opportunities**. La Coruña, ESP: Deputación da Coruña & Instituto de Investigación Xoan Vicente Viqueira, 2014.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Org.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. Casa do Psicólogo, 2008.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: EDUFC, 2010.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; DELABRIDA, Zenith Nara Costa; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Emoções e afetividade ambiental. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.) **Psicologia Ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, 1998.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 27 set. 2022.

BRASIL. **Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)**, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/>. Acesso em: 22 maio 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em: 7 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 22 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm. Acesso em: 30 maio 2020.

BREVES, Livia. Gentileza: na crise, vizinhos se ajudam para enfrentar o isolamento social, 2020. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/gentileza-na-crise-vizinhos-se-ajudam-para-enfrentar-isolamento-social-1-24342873>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Lazer e ciências sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

BRUHNS, Heloisa Turini; MARINHO, Alcyane (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

BUTTNER, Anne. Campo de Movimiento y sentido del lugar. In: GARCÍA RAMÓN, María Dolores (Org.). **Teoria y método em la Geografía anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985.

CAMARGO, Luiz Otavio de Lima. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara Inez; CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara. Ambiente. In: **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). Petrópolis: Vozes, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf. Acesso em: 22 jan. 2021.

CARTA Internacional de Educação para o Lazer. **World Leisure and Recreation Association (WLRA)**, 1993.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008.

CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. **Brazilian Journal of Public Administration**, v. 55, n. 1, p. 197-214, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CASTELNOU NETO, Antonio Manoel Nunes. **Ecotopias urbanas**: imagem e consumo dos parques curitibanos. 2005. 470 p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná. Curitiba/PR, 2005.

CASTILHO, César Teixeira; RIBEIRO, Sheylazarth Presciliana; UNGHERI, Bruno Ocelli. Distanciamento social e tempo livre: paradoxos vivenciados por estudantes da Universidade Estadual de Minas Gerais no âmbito do lazer. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 93-125, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25216>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAVALHEIRO, Felisberto; DEL PICCHIA, Paulo Celso Dornelles. Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. In: Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana, I, Vitória/ES. **Anais I e II**. 1992. p. 29-35.

CENPEC. **Painel das desigualdades educacionais no Brasil**. Disponível em: <https://desigualdadeseducacionais.cenpec.org.br/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CERRADO. **CERRADO**. Disponível em: <https://cerrado.org.br/>. Acesso em: 12 out. 2022.

CESARINO, Letícia. Tratamento precoce: negacionismo ou alt-science? **Blog do Labemus**, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2021/07/27/tratamento-precoce-negacionismo-ou-alt-science-por-leticia-cesarino/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

CHAUÍ, Marilena. Espinosa, uma subversão filosófica. **Revista Cult**. Edição 109, 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/baruch-espinosa/>. Acesso em: 8 jul. 2020.

CHIESURA, Anna. The role of urban parks for the sustainable city. **Landscape and Urban Planning**, v. 68, n. 1, p. 129-138, 2004.

CHINIKL, Vanessa Schnabel Fragoso. **Eixão do Lazer**: o eixo rodoviário-residencial e seu uso como espaço público. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2019.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA (CDB). Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/convencao-sobre-diversidade-biologica>. Acesso em: 12 set. 2022.

CORDOVA, Alejandro Escotto. Reseña Lev Vigotsky (2004), Teoría de las emociones. Estudio histórico-psicológico. Tradução de Judith Viaplana, Madrid, Akal. **Signos Lingüísticos**, n. 4, p. 179-193, jul./dec. 2006. Disponível em: <https://marxismocritico.files.wordpress.com/2013/04/sl-2009-42.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

COSTA, Lúcio. Memória descritiva do Plano, 1957. In: COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COSTA, Renata Geniany Silva et al. Uso, afetividade e percepção: um estudo da satisfação dos frequentadores do Parque do Sabiá em Uberlândia-MG. **Revista de Geografia**, UFPE, v. 28, n. 1, 2011.

COSTA, Renata Geniany Silva; COLESANTI, Marlene Munro. A contribuição da percepção ambiental no estudo das áreas verdes. **RA'EGA**, n. 22, 2011, p. 238-251.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública** v. 54, n. 4, 2020, p. 969-978. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200170>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUENCA, Manuel. O ócio autotélico. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, SESC, n. 2, maio 2016.

CUENCA, Manuel. Ocio humanista: dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. **Documentos de Estudios de Ocio** n. 16. Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ócio/Universidad de Deusto, 2003.

CUENCA, Manuel. **Ocio valioso**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2014.

DE PAULA, Daniela. **Usos e desusos dos parques urbanos**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DERNTL, Maria Fernanda. Alegorias de Brasília: narrativas históricas sobre as capitais brasileiras. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo | Paranoá Dossiê Especial Teoria, História e Crítica**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/29248/25485>. Acesso em: 18 ago. 2022.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **História do lazer na natureza no Rio de Janeiro entre 1779 e 1838: um estudo de caso**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. In: DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Ecologia Humana e planejamento em águas costeiras**. São Paulo: NUPAUB, 1996.

DIETHELM, Pascal; MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond? **European Journal of Public Health**, v. 19, n. 1, p. 2-4, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckn139>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DING, Kele et al. Mental health among adults during the COVID-19 pandemic lockdown: a cross-sectional multi-country comparison. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 5, 2021.

DISTRITO FEDERAL. **Decreto nº 15.900, de 12 de setembro de 1994**. Cria o Parque Olhos D'água e dá outras providências. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/26611/Decreto_15900_12_09_1994.html. Acesso em: 12 maio 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Decreto nº 31.129, de 4 de dezembro de 2009**. Regulamenta a Lei nº 3.833, de 27 de março de 2006, que dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política de Educação Ambiental do Distrito Federal, cria o Programa de Educação Ambiental do Distrito Federal, complementa a Lei Federal nº 9.795/1999, no âmbito do Distrito Federal, e dá outras providências. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/61925/Decreto_31129_04_12_2009.html. Acesso em: 5 maio 2022.

DISTRITO FEDERAL. **Decreto nº 33.588, de 22 de março de 2012**. Dispõe sobre a ampliação e recategorização do Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'água, situado na Região Administrativa de Brasília – RA-I. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/70938/Decreto_33588_22_03_2012.html. Acesso em: 21 maio 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Decreto nº 43.485, de 27 de junho de 2022**. Institui o Programa Rua de Lazer nas Administrações Regionais do Distrito Federal. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/06/Rua-do-Lazer.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2022.

DISTRITO FEDERAL. **Instituto Brasília Ambiental**. Disponível em: www.ibram.df.gov.br. Acesso em: 2018, 2019, 2020, 2021, 2022.

DISTRITO FEDERAL. Instituto Brasília Ambiental. **Instrução normativa nº 15, de 6 de julho de 2022**. Aprova o Plano de Manejo do Parque Ecológico Olhos D'água. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/3502919c1e794b64ab56723185c105eb/Instru_o_Normativa_15_06_07_2022.html. Acesso em: 7 out. 2022.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Complementar Distrital nº 265, de 14 de dezembro de 1999** (revogada). Dispõe sobre a criação de Parques Ecológicos e de Uso Múltiplo no Distrito Federal. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/52094/Lei_Complementar_265_14_12_1999.html. Acesso em: 22 maio 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Complementar nº 827, de 22 de julho de 2010**. Regulamenta o art. 279, I, III, IV, XIV, XVI, XIX, XXI, XXII, e o art. 281 da Lei Orgânica do Distrito Federal, instituindo o Sistema Distrital de Unidades de Conservação da Natureza – SDUC, e dá outras providências. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/67284/Lei_Complementar_827_22_07_2010.html. Acesso em: 22 maio 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Complementar nº 961, de 26 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a criação, implantação e gestão de parques urbanos no Distrito Federal e dá outras providências. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/7d2ebc105ad04d3aa8c83989ab6b389a/L_C_961_2019.html#art15. Acesso em: 22 maio 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Lei nº 3.833, de 27 de março de 2006**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política de Educação Ambiental do Distrito Federal, cria o Programa de Educação Ambiental do Distrito Federal, complementa a Lei Federal nº 9.795/1999 no âmbito do Distrito Federal, e dá outras providências. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/54488/Lei_3833_2006.html. Acesso em: 5 maio 2022.

DISTRITO FEDERAL. **Lei nº 556, de 7 de outubro de 1993**. Dispõe sobre a autorização de criação do Parque Olhos D'água, em área que menciona e dá outras providências. Distrito Federal (Câmara Legislativa). Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/48515/Lei_556_07_10_1993.html. Acesso em: 12 maio 2020.

DISTRITO FEDERAL. **Secretaria de Estado de Turismo**, 2022. Disponível em: <https://www.turismo.df.gov.br/>. Acesso em: 12 set. 2022.

DUARTE, Daniel Edler; BENETTI, Pedro Rolo. Pela ciência, contra os cientistas? Negacionismo e as disputas em torno das políticas de saúde durante a pandemia. **Sociologias – DOSSIÊ: Covid-19 e Sociedade**, v. 24, n. 60, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/issue/view/4648/1146>. Acesso em: 17 out. 2022.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. Tradução de Luiz Octávio de Lima Camargo e Marília Ansarah. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ELIZALDE, Rodrigo; GOMES, Christianne. Ocio y recreación en América Latina: conceptos, abordajes y posibilidades de resignificación. **Revista Polis**. Santiago, v. 9, n. 26. Disponível em: <http://estudiosterritoriales.org/articulo.oa?id=30515373002>. Acesso em: 12 jan. 2014.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Cerrado**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/contando-ciencia/bioma-cerrado>. Acesso em: 12 ago. 2022.

EPICURO. **Carta a Meneceu**, 2008. Tradução de Desidério Murcho. Disponível em: <https://criticanarede.com/meneceu.html>. Acesso em: 26 set. 2022.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESTADÃO. **Reclamações de vizinhos em condomínios crescem 300% durante a pandemia**, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/radar-imobiliario/reclamacoes-de-vizinhos-em-condominios-crescem-300-na-quarentena/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

EVANS, James; JONES, Phil. The walking interview: methodology, mobility and place. **Applied Geography**, v. 31, n. 2, p. 849-858, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0143622810001141>. Acesso em: 4 maio 2021.

FECOMÉRCIO/SP. **Arquitetura era feita priorizando prédios, não pessoas** (Entrevista de Jan Gehl a Denis Rosso Burgierman), 2017. Disponível em: <https://www.fecomercio.com.br/noticia/arquitetura-era-feita-priorizando-predios-nao-as-pessoas-diz-jan-gehl>. Acesso em: 8 nov. 2021.

FEITOSA, Maria Zelfa de Souza; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Cultura e saúde: histórias de vida de lideranças indígenas. **Revista Encontros Universitários da UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2016.

FERREIRA, Leila da Costa.; VIOLA, Eduardo (Org.). **Incertezas de sustentabilidade na globalização**. Campinas: Unicamp, 1996.

FERREIRA, Marcílio Mendes; GOROVITZ, Matheus. **A invenção da superquadra**: o conceito da Unidade de Vizinhança em Brasília. Brasília: IPHAN/Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, 2009.

FICHER, Sylvia; PALAZZO, Pedro Paulo. Os paradigmas urbanísticos de Brasília. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, ano 3, edição especial. Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Salvador, 2005.

FOLHA DE S. PAULO. **Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 4 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FUREGATO, Maria Cecília Henrique. Parque Urbano Orquidário Municipal de Santos/SP: equipamento de lazer e turismo. **Patrimônio: Lazer & Turismo – Revista eletrônica**, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigosb30f.html?cod=36>. Acesso em: 16 abr. 2020.

GARMATTER, Bruna Bednarczuk; CARNEIRO, João Vítor Vieira; CORTIANO, Marcelle. Virtualização da cultura e a pandemia de Covid-19. **Grupo de Estudos de Direito Autoral e Industrial da Universidade Federal do Paraná**, 2020. Disponível em: <https://www.gedai.com.br/virtualizacao-da-cultura-e-a-pandemia-da-covid-19/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2004.

GAVRAS, Douglas. Covid-19 mascara dados de desemprego no Brasil. **Uol – Economia**, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2020/06/09/covid-19-mascara-dados-de-desemprego.htm>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GOMES, Christiane Luce; ISAYAMA, Helder Ferreira (Org). Campinas: Autores Associados, 2015.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430/279>. Acesso em: 12 ago. 2020.

GOMES, Christianne Luce. Relações históricas – o processo de constituição do lazer no mundo ocidental. In: **Lazer, trabalho e educação**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

GOMES, Gustavo Henrique. **Parque ecológico e de uso múltiplo Olhos D'água**: situação atual e importância para o lazer da comunidade. 2004. Monografia (Especialização) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, 2004.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. Parques urbanos, políticas públicas e sustentabilidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 79-90, maio/ago. 2014.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Coleção Sociologia. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUIMARÃES, Elian. Coronavírus: música para acalmar e unir vizinhos confinados, 2020. **Estado de Minas**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/03/30/interna_gerais,1133866/coronavirus-musica-para-acalmar-e-unir-vizinhos-confinados.shtml. Acesso em: 12 dez. 2022.

HALLAL, Pedro Curi; HARTWIG, Fernando Pires. Estrutura etária e mortalidade por Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva** (Cartas), v. 25, n. 9, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.21182020>. Acesso em: 27 dez. 2022.

HARVEY, David. **Justice, nature and the geography of difference**. Blackwell Publisher, 1996. Disponível em: <http://pinguet.free.fr/harvey96.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2021.

HELLER, Agnes. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona, Espanha: Editorial Fontamara, 2004.

HIRATA, Renata Bizzo. **Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'água: análise documental e situacional**. 2004. Monografia (Especialização) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, 2004.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na Geografia cultural humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. **GEOgraphia**, ano 5, v. 10, 2003.

HOOFNAGLE, Cris; HOOFNAGLE, Mark. O que é negacionismo. **Denialism blog**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070602173017/https://scienceblogs.com/denialism/about.php>. Acesso em: 22 mar. 2022.

INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (INESC). Um em cada cinco alunos ficou sem aula na pandemia, 2021. **INESC**. Disponível em: <https://www.inesc.org.br/um-em-cada-5-alunos-do-ensino-medio-na-rede-publica-ficou-sem-aulas-na-pandemia/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Comportamento do mercado de trabalho brasileiro em duas recessões: análise do período 2015-2017 e da pandemia de Covid-19. **Nota Técnica**, n. 92, fev. 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/210210_nt_dissoc_n_92.pdf. Acesso em: 9 mar. 2021.

INSTITUTO SEMEIA. **Pesquisa de perfil dos frequentadores de parques no Brasil**. 2019, 2020, 2021. Disponível em: <https://www.semeia.org.br/publicacoes.php#dialogt19>. Acesso em: 4 jan. 2022.

JACOBI, Pedro. Meio ambiente e educação para a cidadania: o que está em jogo nas grandes cidades? In: SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michèle (Org.) **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos, RiMa, 2001, p. 423-437.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades americanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JONES, Phil et al. Exploring space and place with walking interviews. **Journal of Research Practice**, v. 4, n. 2, jan. 2008. Disponível em: <http://jrp.icaap.org/index.php/jrp/article/view/150>. Acesso em: 4 maio 2021.

KLIASS, Rosa Glenda. **Parques urbanos de São Paulo**. São Paulo: PINI, 1993.

KORPELA, Kalevi M. et al. Favorite green, waterside and urban environments, restorative experiences and perceived health in Finland. **Health Promotion International**, v. 25, n. 2, p. 200-209, 2010.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 108-109.

KUMM, Brian E.; PATE, Joseph A.; SCHULTZ, Callie S. O futuro não está escrito: ouvindo os ritmos da Covid-19. **Leisure Sciences**, v. 43, n. 1/2, p. 85-89, 2021.

LE CORBUSIER (Charles-Edouard Jeanneret-Gris). **A Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec, 1993.

LIMA, Ana Maria Liner Pereira et al. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. II Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana. **Anais...** São Luiz/MA, 1994, p. 539-550.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2009.

LÖWY, Michael. Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro. In: FARIA, Fabiano Godinho; MARQUES, Mauro Luiz Barbosa (Org.). **Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador**. Sobral-CE: SertãoCult, 2020, p. 13-19.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MACEDO, Liana David. **Estudo sobre perfil do público visitante do Parque Ecológico Olhos D'água**. Monografia (Graduação). Faculdade de Ciências e Saúde, UniCEUB, 2003.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

MACHADO, Letícia Vier; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sonia Mari Shima. Teoria das emoções em Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 4, dez. 2011.

MACHADO, Marília Pacheco. **Superquadra**: pensamento e prática urbanística. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântida, 2004.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. **O desenho da história no traço da paisagem**: patrimônio paisagístico e jardins históricos no Brasil – memória, inventário e salvaguarda. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2015.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre: objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente** – Ensaio, São Paulo, n. 21, p. 175-198, 2006.

MAGRINI, Leandro; BORRMANN, Luciane. Povos indígenas precisam de atendimento local para a Covid-19 antes de a doença chegar a estado grave, diz pesquisadora, 2020. **Com ciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em: <https://www.comciencia.br/povos-indigenas-precisam-de-atendimento-local-para-covid-19-antes-de-a-doenca-chegar-a-estado-grave-diz-pesquisadora/>. Acesso em: 17 set. 2021.

MANSQUE, William. Em quarentena, vizinhos fazem shows nas janelas em condomínio de Porto Alegre, 2020. **GZH** – Música. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2020/03/em-quarentena-vizinhos-fazem-shows-nas-janelas-em-condominio-de-porto-alegre-ck83ocufa06ug01pqb7vm2ach.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MARASCIULO, Marília. Como (e porque) a pandemia afetou de forma desproporcional as mulheres, 2021. **Revista Galileu**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/03/como-e-por-que-pandemia-afetou-de-forma-desproporcional-mulheres.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MARCASSA, Luciana. **A invenção do lazer**: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINEZ, Edson Zangiacomi et al. Physical activity in periods of social distancing due to COVID-19: a cross-sectional survey. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 2, p. 4157-4168, oct. 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.27242020>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio**: tese acerca da anatomia do lazer. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2005.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SILVA, Marcília de Sousa; LOPES, Carolina Gontijo. Perspectivas sobre o lazer das mulheres com a pandemia do novo coronavírus: reflexões a partir dos dados da pesquisa “O lazer no Brasil – representações e concretizações das vivências cotidianas”. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 163-189, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25363>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MENEZES, Suzy Kamylla de Oliveira. Lazer e saúde mental em tempos de Covid-19. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 408-446, 2021.

MOESCH, Marutschka Martini. O lazer faz o elo: reinventar as políticas públicas para o lazer e o turismo humanizadores. In: **O direito social ao lazer no Brasil**.

MOLES, Abraham André; ROHMER, Elisabeth. **Psychologie de l'espace**. Paris: L'Harmattan, 1998.

MONTEAGUDO, Maria Jesus. Consecuciones satisfatorias de la experiencia psicologica del ocio. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 3, n. 2, jun. 2008.

MONTENEGRO, Gustavo Maneschy; QUEIROZ, Bruno da Silva; DIAS, Mairna Costa. Lazer em tempos de distanciamento social: impactos da pandemia de Covid-19 nas atividades de lazer de universitários na cidade de Macapá (AP). **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 1-26, 2020.

MORENO, Emilia; POL, Enric. **Nociones psicosociales para la intervención y la gestión ambiental**. (Monografies socio/ambientals, 14). Barcelona: Universitat de Barcelona, 1999.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Porto Alegre: Sulinas, 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2006.

MOSER, Gabriel. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina – comentários a partir das contribuições. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 279-294, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/BSCpdYyJJ7kRPzZL4wHywgJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2019.

MUSEU VIRTUAL DO CERRADO. **Cerrado: patrimônio dos brasileiros**. Disponível em: <http://cerrado.museuvirtual.unb.br/>. Acesso em: 18 set. 2022.

NEULINGER, John. Key questions evoked by a state of conceptualization of leisure. **Society and Leisure**, v. 7, n. 1, p. 25-36, 1984.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Análise de saúde por gênero: COVID-19 nas Américas**, 2021. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55432>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ORNELL, Felipe et al. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista Debates em Psiquiatria**, p. 2-7, 2020. Disponível em: <https://www.abp.org.br/rdp2020>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PACHECO, Fábio Pinheiro. **Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, 2018.

PACHECO, Reinaldo Tadeu Boscolo; RAIMUNDO, Sidnei. Parques urbanos e o campo de estudos do lazer: proposta para uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 3, p. 43-66, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/462>. Acesso em: 21 dez. 2018.

PARQUE OLHOS D'ÁGUA. **Exercício de um plano de zoneamento e manejo**, 1998. 40 p.

PASSIG, Jeferson. **Tendências nas dissertações e teses em Psicologia Ambiental no Brasil sobre a compreensão da relação pessoa-ambiente.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PATO, Claudia Marcia Lyra; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Crenças e atitudes ambientais. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.) **Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente.** Petrópolis: Vozes, 2018.

PAULÃO/RODRIGUEZ. Águas do Cerrado. In: **Feijão de Bandido – Brasil Século XXI: Feijão para todos.** Brasília: Blue Records, 2001. 1 CD (52 min).

PAVIANI, Aldo. Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise. **Revista Território**, Rio de Janeiro, Ano VII, n. 11, 12 e 13, set./out. 2003. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/11_12_13_5_brasilia.pdf. Acesso em: 13 set. 2017.

PEREIRA, Danielle Abud. **Valores e sentidos atribuídos à paisagem ambiental urbana no Parque Ecológico Olhos D'água, em Brasília – DF.** 2013. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2013.

PERES, Edis Henrique. Meio ambiente: mais de 80% do DF faz parte de unidades de conservação. **Correio Braziliense**, 13/05/2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2022/05/5005993-meio-ambiente-mais-de-80-do-df-faz-parte-de-unidades-de-conservacao.html>. Acesso em: 16 maio 2022.

PINHEIRO, Kátia Flôres; RHODEN, Ieda; MARTINS, José Clerton de Oliveira. A experiência do ócio na sociedade hipermoderna. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 10, n. 4, p. 1131-1146, 2010.

POL, Enric. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ-RUEDA, Lupicínio; POL, Enric (Org.). **Cognición, representación y apropiación del espacio.** Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1996, p. 42-62.

PORTAL UNA-SUS. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/>. Acesso em: 4 dez. 2020.

PROGRAMA JOVENS CONSTRUTORES. **Programa Jovens Construtores e o Ecossistema de Educação**. Porvir, 2022. Disponível em: https://porvir-prod.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2022/05/25210943/publicacao_jovens_construtores_final12nov.pdf. Acesso em: 12 dez. 2022.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. 7 ed. São Paulo: Globo, 1998.

RAMOS, Taís Beisl. Superquadra: vida suspensa. **Arquitextos**, ano 10, set. 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/27>. Acesso em: 1º dez. 2022.

REDE CERRADO. **Tratado dos Cerrados**, 1992. Disponível em: <http://redecerrado.org.br/tratado-dos-cerrados/?preview=true>. Acesso em: 21 ago. 2022.

REGIS, Milena de Moura. **Percepção ambiental e uso de parques urbanos por frequentadores do Parque Jardim da Conquista, São Paulo**. Dissertação (Mestrado). Universidade 9 de Julho, São Paulo, 2016.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RENATO RUSSO. Tédio (com um T bem grande pra você). In: **Que país é este?** São Paulo: EMI, 1987. 1 LP (36 min 10 seg).

RHODEN, Ieda. O ócio como experiência subjetiva: contribuições da Psicologia do Ócio. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 9, n. 4, dez. 2009.

RODRIGUES, Rosualdo. **Parque Olhos D'água recebe 30 mil pessoas por mês**. Agência Brasília, Brasília, 4 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2022/06/04/parque-olhos-dagua-recebe-30-mil-pessoas-por-mes/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/WRLA, 2000.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. Espaços públicos de Brasília: uso, apropriação, valorização e transformação. **Arquimemória**, v. 5, 2018. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/214>. Acesso em: 12 jan. 2023.

RYAN, Richard M. et al. Vitalizing effects of being outdoors and in nature. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, n. 2, p. 159-168, 2010.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 1993.

SAKATA, Francine Mariliz Gramacho. **Parques urbanos no Brasil – 2000 a 2017**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2018.

SANCHOTENE, Maria do Carmo Conceição. Conceitos e composição do índice de áreas verdes. **Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, n. 1, p. 4-9, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, v. 4, n. 6, p. 5-20, jan./jun. 1999.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel (Org.) **Educação ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 17-45.

SAWAIA, Bader Burihan. Da consciência à potência de ação: um movimento possível do sujeito revolucionário na psicologia social laneana. In: MEDRADO, Benedito; GALINDO, Wedna (Org.). **Psicologia Social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO**. Recife: ABRAPSO, Editora Universitária da UFPE, 2011.

SAWAIA, Bader Burihan. Espinosa: o precursor da ética e da educação ambiental com base nas paixões humanas. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org.). **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006. (Coleção Educação para Todos; v. 26, p. 76-91). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

SCALISE, Walnyce. Parques urbanos: evolução, projeto, funções e uso. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília, v. 4, n. 1, p. 17-24, 2002.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARCZ, Lilian Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 23-31, 2003.

SCHWARTZ, Gisele Maria; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. O ambiente virtual e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007, p. 149-170.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. O Parc de la Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade. **Arquitextos**, ano 10, out. 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/10,113/20>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SEGAWA, Hugo Massaki. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, 2022. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

SERPA, Angelo. Os espaços livres de edificação nas periferias urbanas: um diagnóstico preliminar em São Paulo e Salvador. **Paisagem e Ambiente – Ensaios**, São Paulo, n. 10, p. 189-216, dez. 1997.

SILVA, Delmira Santos da Conceição; SANTOS, Marília Barbosa dos; SOARES, Maria José Nascimento. Impactos causados pela COVID-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental – RevBea**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 128-147, 2020.

SILVA, Janaína Barbosa; PASQUALETO, Antônio. Os caminhos dos parques urbanos brasileiros: da origem ao século XXI. **Revista EVS – Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 40, n. 3, 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2919>. Acesso em: 29 out. 2021.

SILVA, Silvia Heleny Gomes da; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; COSTA, Otávio José Lemos. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: um diálogo entre a Geografia Cultural e a Psicologia Ambiental. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 10, n. 21, p. 1-22, maio/ago. 2019.

SILVEIRA, Nise da. **Cartas a Spinosa**. Ribeirão Preto: Holos, 2010.

SIVAN, Atara. Reflexão sobre o lazer durante o Covid-19. **World Leisure Journal**, v. 62, n. 4, p. 296-299, 2020.

SOUZA, Lídia de Jesus; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. **Serviço Social & Sociedade**, n. 144, p. 213-232, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SPELLER, G. M. A importância da vinculação ao lugar. In: SOCZKA, Luís (Org.). **Contextos humanos e Psicologia Ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. p. 133-167.

SPIRN, Anne Whiston. **O jardim de granito: a natureza no desenho das cidades**. São Paulo: EDUSP, 1995.

STAKE, Robert Edward. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994.

SZWARCWALD, Célia Landmann et al. COVID-19 mortality in Brazil, 2020-21: consequences of the pandemic inadequate management. **Archives of Public Health**, v. 80, n. 255, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13690-022-01012-z>. Acesso em: 14 jan. 2023.

TANURE, Joana Dias. **O projeto de paisagismo de Burle Marx para o Parque da Cidade em Brasília/DF**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2007.

THE NATURE CONSERVANCY, 2022. **The Nature Conservancy**. Disponível em: <https://www.tnc.org.br/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

TOLEDO, Fabiane dos Santos; SANTOS, Douglas Gomes dos. Espaços livres de construção. **Revista Sociedade Brasileira de Arquitetura e Urbanismo**, Piracicaba, v. 3, n. 1, mar. 2008.

TRATADO de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (TEASS). **Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Brasil, 1992. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

UJVARI, Stefan Cunha. **História das epidemias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

VALERA, Sergi; POL, Enric. El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. **Anuário de Psicologia**. Barcelona, n. 62, 1994.

VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. **Vygotsky**: uma síntese. São Paulo: Loyola, 1999.

VELOSO, Caetano. Flor do Cerrado. In: **Cantar**. Intérprete: Gal Costa. São Paulo: Philips, 1974. 1 disco vinil. Faixa 6.

VIEGAS, Cíntia Camila Liberalino; SILVA, Eduardo Alexandre Ribeiro da; ELALI, Gleice Azambuja. Um oásis urbano: dois estudos das interações pessoa-ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/RN. **Psico**, v. 45, n. 3, p. 305-315, jul./set. 2014.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>. Acesso em: 14 jan. 2023.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**, 2021. Disponível em: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?gclid=CjwKCAjwulWHBhBDEiwACXQYsbuo8TfV5ILUtylQ96VZOLBLNuN_LVWyn5xtgOgtXDh-BUKWFtvZIBoCRkMQAvD_BwE. Acesso em: 12 jan. 2021.

XAVIER, Vitor Hugo. **Escritor Antonio Candido inaugura biblioteca do MST e fala da força da instrução**, 2006. Disponível em: <https://www.assufrgs.org.br/2006/08/11/escritor-antonio-candido-inaugura-biblioteca-do-mst-e-fala-da-forca-da-instrucao/>. Acesso em: 1º dez. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Tradução de Cristhian Matheus Herrera. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZINGONI, Patrícia. O lugar das famílias nas políticas de lazer. In: **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2008, p. 83-104.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Ofício à Gerência do Parque Olhos D'água

Recebi em 19/05/22
Jean Carlos Vigilante

Gerente: Edeon

Brasília, 18 de maio de 2022.

À Gerência do Parque Olhos D'água

Senhor(a) Gerente,

Iniciei meus estudos no Programa de Doutorado em Educação pela Universidade de Brasília em agosto de 2018. A pesquisa a ser desenvolvida tem como temática as relações afetivas das pessoas com os espaços públicos de lazer que frequentam, tendo como estudo de caso o Parque Olhos D'água.

A pesquisa foi autorizada pela Superintendência de Áreas Protegidas do Instituto Brasília Ambiental (IBRAM-DF), com registro no processo eletrônico SEI nº 00391-00008859/2018-10. Seguem em anexo a este documento:

1. Autorização de pesquisa SEI nº 13499139/2018 - IBRAM/PRESI/SUC/DIRUC-II/PEOA;
2. Modelo do instrumento de pesquisa que será aplicado aos frequentadores do Parque Olhos D'água.

A aplicação do instrumento de pesquisa aos frequentadores será realizada por mim e por equipe de estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (ICS/UnB). Na tabela abaixo, encontram-se os dados dos estudantes que farão a aplicação do instrumento de pesquisa.

Estudante	CPF	Telefone celular
André Mendonça Cândido		
Andressa de Oliveira Feitosa		
Ângela Romana Silva Duarte Moreira		
Daniel Anchieta Guimarães Lobo		
Gabriela da Silva Magalhães		
Hirlan Delfino Lopes de Alcântara		
Isabela Gonçalves de Queiroz		
João Vitor Silva Brito		
Júlia Maria Lopes da Silva		
Khamai Leo Guarino Guerra		
Rodrigo de Oliveira La Torre Mendes		
Sara Nogueira de Araújo		

Apêndice 2 – Mapa afetivo – Perfil dos visitantes

Perfil dos respondentes IGMA

Q	IDADE	GÊNERO	PROFISSÃO	LOCAL DE RESIDÊNCIA	ESCOLARIDADE	RENDA FAMILIAR	FREQÜÊNCIA DE VISITAÇÃO AO PARQUE	IMAGEM AFETIVA			DISPONÍVEL PARA ENTREVISTA
								Agradabilidade	Pertencimento	Contraste	
1	3	2	publicitário	asa norte	3	6	6	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	2	2	psicóloga	asa norte	4	8	4	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
3	3	1	Engenheira civil	asa norte	5	5	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
4	2	1	Designer	asa norte	5	4	6	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
5	2	1	Servidora pública	asa norte	3	8	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
6	1	1	Estudante	asa norte	2	4	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
7	1	1	Servidora pública	asa norte	3	7	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
8	1	1	Personal trainer	asa sul	3	5	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	7	1	Cabeleireira	não preencheu	2	2	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	6	1	Designer	Jardim Botânico	4	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
11	3	2	Enfermeiro	Sobradinho	4	4	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
12	1	1	Enfermeira	asa norte	4	3	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
13	4	2	Gestor comercial	asa sul	2	5	5	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
14	2	2	Biólogo	asa norte	4	3	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
15	4	2	Assessora política	asa norte	5	4	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
16	6	1	Economista	Lago norte	4	8	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
17	1	1	Babá	Planaltina (GO)	3	3	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
18	5	2	Psicólogo	asa norte	6	4	7	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
19	7	1	Gastrológa	asa norte	3	1	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
20	5	1	Diplomata	asa sul	6	8	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	6	1	Professora	asa norte	6	6	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	5	1	Enfermeira	asa norte	3	5	6	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
23	6	2	Servidor público	asa norte	4	5	3	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
24	1	2	Desempregado	Valparaíso	2	1	6	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
25	1	1	Estudante	asa norte	7	4	4	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	3	2	Analista de tecnologia da	asa norte	4	5	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	1	3	Estudante	asa norte	2	5	6	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	1	1	Estudante	asa norte	2	6	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	5	2	Professor	asa norte	6	6	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
30	7	2	Servidor público	asa sul	5	7	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
31	3	1	Estudante	asa norte	3	3	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32	2	2	Psicólogo	asa norte	5	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33	4	1	não preencheu	asa norte	3	8	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34	1	2	Estudante	asa norte	2	8	5	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
35	1	2	Estudante	asa norte	2	5	5	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
36	0	0	Anulação por falta de preenchimento dos dados socioeconômicos	0	0	0	0				
37	2	1	Assistente administrativo	asa norte	3	3	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38	1	1	Estudante	Minas Gerais	2	3	7	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39	1	2	Estudante	Brasília	2	8	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40	4	1	Médica veterinária	Sobradinho	5	6	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
41	2	1	Advogada	asa norte	4	4	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
42	1	1	Psicólogo	Sudoeste	4	6	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43	2	0	Marketing	asa norte	3	3	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
44	3	1	Bancária	Sobradinho	4	6	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
45	6	2	Psicineiro	asa norte	2	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
46	4	1	Professora	asa norte	4	6	5	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47	1	1	Estudante	asa norte	2	8	7	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48	4	1	Trabalhadora humanitária	asa norte	5	6	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49	7	2	Engenheiro	asa norte	5	8	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
50	2	1	Arquiteta	lago norte	4	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
51	3	1	Doula	água claras	3	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52	4	1	Servidora pública	água claras	4	8	5	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53	3	1	Secretária executiva	asa norte	4	4	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
54	7	1	Professora	asa norte	4	8	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
55	7	1	Aposentada	Granja do torto	4	7	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
56	7	1	Professora	asa norte	5	0	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
57	1	2	Psicólogo	asa norte	4	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
58	7	2	Administrador	asa norte	4	8	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
59	6	1	Servidora pública	asa norte	6	4	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
60	2	2	Biomédico	Ricoh fundo	3	5	6	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
61	2	2	Garçon	Sobradinho	2	3	3	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
62	5	1	Analista administrativa	asa norte		3	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
63	1	1	Estudante	asa norte	2	6	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
64	7	1	Aposentada	Vicente Pires	3	6	6	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
65	7	1	Pedagoga	água claras	3	4	6	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
66	1	2	Estudante	asa norte	2	5	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
67	4	2	Professor	asa norte	3	4	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
68	7	1	Servidora pública	asa norte	6	6	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
69	7	1	Bibliotecário	asa norte	4	7	3	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
70	1	1	Estudante	água claras	3	4	6	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
71	1	2	Analista	não preencheu	3	5	3	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
72	6	1	Psicopedagoga	asa norte	4	0	1	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
73	5	1	Professora	asa norte	6	6	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
74	2	1	Assistente social	asa norte	3	4	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Perfil dos respondentes IGMA

75	3	1	Administradora	asa sul	3	8	6	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
76	3	1	Servidora pública	Lago norte	4	8	7	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
77	2	2	Programador	Sobradinho	4	6	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
78	4	2	Empresário	asa norte	2	7	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
79	0	0	Anulado por falta de elaboração do desenho	0	0	0	0	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
80	2	3	Professor	asa norte	3	8	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
81	2	1	Autônoma	asa norte	3	5	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
82	1	2	Estudante	asa norte	2	3	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
83	2	2	Músico	Fercal	2	3	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
84	1	1	Analista técnico	Jardim Botânico	3	8	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
85	1	1	Estudante	asa norte	2	2	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
86	5	2	Militar	asa norte	5	8	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
87	7	2	Aposentado	asa norte	5	6	4	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
88	7	2	Aposentado	asa norte	5	8	3	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
89	1	1	Estudante	Santa Maria	2	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
90	1	2	Estudante	asa norte	2	7	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
91	7	1	Corretora de imóveis	asa norte	3	1	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
92	1	2	Estudante	asa norte	2	7	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
93	7	2	Aposentado	asa norte	3	4	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
94	6	1	Comerciante	asa norte	4	3	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
95	5	2	Biólogo	lago oeste	6	7	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
96	1	1	Estudante	noroeste	2	6	5	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
97	7	1	Enfermeira	asa norte	4	5	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
98	2	1	Geofísica	Brasília	6	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
99	1	1	Estudante	Sobradinho	2	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
100	2	2	Professor	Brasília	3	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
101	2	1	Artista	Sobradinho	5	0	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
102	1	2	Estudante	asa norte	2	4	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
103	1	2	Estudante	Sobradinho	2	3	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
104	5	1	Empresária	asa sul	2	6	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
105	1	2	Artista	asa norte	2	1	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
106	3	1	Advogada	asa norte	3	4	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
107	5	1	Fisioterapeuta	Lago norte	4	4	4	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
108	5	1	Arquiteta	asa norte	4	6	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
109	6	1	Contadora	asa norte	4	6	3	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
110	6	2	Servidora pública	asa sul	4	6	4	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
111	5	1	Professor	Samambaia	4	5	4	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
112	2	1	Tradutora	asa norte	5	7	3	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
113	3	2	Sociólogo	asa norte	6	5	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
114	2	1	Sociólogo	Recife (PE)	6	3	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
115	4	2	Jornalista	asa norte	5	8	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
116	1	1	Modelo	asa norte	2	5	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
117	1	2	Garçon	Planaltina	2	1	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
118	3	1	Professora	asa norte	6	5	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
119	7	1	Assistente social	asa norte	3	6	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
120	1	1	Costureira	Samambaia	2	5	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
121	2	1	Programadora	Sudoeste	3	6	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
122	5	1	Servidora pública	Lago norte	4	8	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
123	3	2	Comerciante	asa sul	3	4	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
124	6	2	Servidor público	asa norte	4	7	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
125	4	1	Professora	paranoá	3	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
126	4	2	Artista	asa norte	3	0	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
127	1	0	Estudante	asa norte	2	4	5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
128	5	2	Professor	Samambaia	4	5	5	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
129	5	2	Comerciante	não preencheu	3	5	5	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
130	3	1	Pedagoga	não preencheu	3	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
131	3	1	não preencheu	lago norte	3	0	3	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
132	7	1	Aposentada	asa norte	2	3	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
133	1	1	Pensionista	asa norte	2	3	7	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
134	7	1	Médica veterinária	Morro Redondo (RS)	5	5	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
135	1	2	Técnico de informática	Vila Planalto	1	3	4	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
136	1	1	Estudante	asa norte	1	3	4	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
137	7	1	Professora	asa norte	3	6	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
138	2	2	não preencheu	não preencheu	2	3	2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
139	1	1	Estudante	asa norte	2	1	2	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
140	5	2	Tradutora	asa norte	2	0	3	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
141	7	1	Artista plástica	asa norte	4	0	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
142	1	2	Atendente	Setor Contagem	2	3	3	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
143	0	0	Anulado por motivo de letra ilegível	0	0	0	0	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
144	5	2	Biólogo	asa norte	5	5	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
145	3	1	Jornalista	asa norte	3	4	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
146	1	2	Estudante	asa norte	2	4	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
147	7	3	Mediadora	asa norte	2	3	2	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
148	2	2	Artista	não preencheu	2	1	7	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
149	3	1	Empresária	lago sul	5	7	1	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Apêndice 3 – Mapa afetivo

Percepções IGMA

Nº	Significado do desenho	Sentimentos	Sentimentos	O que pensa do parque?	Comparação	Caminhos feitos com frequência	Motivo
1	Qualidade de vida, uma fuga do estresse cotidiano	tranquilidade, paz, liberdade e saúde	tranquilidade liberdade infância felicidade paz	lugar para trazer a família ou vir sozinho, um ótimo lugar.	um bosque de estórias antigas.	primeiro vez no parque	
2	lugar de lazer, saúde e relaxamento. Uma possibilidade de respiro em meio à loucura do rotina	conforto, paz	tranquilidade conexão conforto relaxamento descanso saúde	quebra do rotina fundamental e necessário, que promove bem-estar, um parque agradável, limpo e sereno.	outros parques que já vi na Europa, onde as pessoas param para relaxar, tomar sol e se conectar no meio a cidade.	pista de caminhada, tomar sol	preciso a parque para me exercitar quando não tenho tempo de ir à academia, costumo ficar no gramado tomando sol
3	me sinto mais na natureza quando estou no parque	simplicidade, que não é suficiente para representar o parque e como me sinto nele	simplicidade felicidade meditação saúde	natureza preservada em meio à cidade	uma floresta	entrada da comercial da 412 até o chuveirinho, pista de caminhada	ficar no gramado com campesinagem sol, fazer caminhada
4	representa os aspectos e característicos que mais chamam minha atenção no parque: sol, luz, árvores e galinhas d'Angola	desperta paz e tranquilidade, uma sensação de calma e bem-estar	calmaria bem-estar tranquilidade natureza liberdade luz	local agradável, de fácil acesso e muito gostoso de se passear e aproveitar o dia	uma floresta	parão principal ao chuveirinho	mais sombra primeiro vez que venho ao parque e não queria ficar exposto ao sol
5	refúgio da correria e do trabalho do dia-a-dia	paz, tranquilidade	tranquilidade segurança felicidade alegria calma paz	lugar tranquilo, gostoso e que vale muito a visita	uma floresta	entrada principal ao chuveirinho; laguinho	quando tenho pouco tempo, vou direto ler e tomar sol perto do chuveirinho
6	local onde os elementos se encontram e formam uma mistura de sentimentos	tranquilidade, paz, liberdade e saúde	intimidade carinho energia cura paz luz	uma fuga; um paraíso em meio aos prédios	chegada dos vendalinos, pois sinto a mesma energia no parque que sinto lá, a de paz	trilha do nascente do lago das lagoas	ficar em contato com o nascente
7	área de lazer e descanso	paz e tranquilidade	equilíbrio natureza ar livre saúde sol paz	bonito, bom pra corrida e para tomar sol sem pressa, ao ar livre e ser um livrinho	parte do gramado e lembra um pouco a praia, sou doitoral, então, poder tomar sol de laguinho faz parte da minha subjetividade	comida; sol no gramado	exercício físico; tomar sol
8	o parque para mim é algo que acalma meu coração. é um lugar onde consigo me conectar consigo	tenho o parque como refúgio para meus dias ruins e para os dias de bom também	felicidade tranquilidade saúde vel conforto motivação	ótimo lugar pra encontrar os amigos, para correr, relaxar, pensar	um espaço da minha mente, um lugar calmo e agradável	caminho principal	sempre escolho o mesmo caminho pra me sentir mais segura
9	poder ver a natureza do jeito que imaginamos e sentir de perto como está lá	alegria e felicidade em estar no lugar desses que existem entre nós	felicidade ar puro natureza divertido saudável força	um excelente lugar para visitação e lazer	um lugar de se viver bem com a natureza	caminho principal; trilhas	caminho sem obstáculos de trampas; ver a vegetação
10	sol, interação com as pessoas, pássaros, abelhas, sombra, água, som da natureza, var do relaxar, trabalho e curtir o quintal coletivo	paz, sossego, bem-estar, observação social, calor do sol	natureza descanso relacionamento bem estar saúde sol	Linda! Imprescindível! Uma sorte morar numa cidade onde tem parques urbanos	parque da água mineral, cerrado, vegetação nativa, minha infância na cidade, interações, educação, preservação	caminho pela mata, no beira dos riachos, caminho principal	pelo som da água, mata mais alta, observar o curso d'água, os riachos, ritmo da corrida, caminhada de exercícios
11	unidade com a natureza; estado natural da vida	alegria, pertencimento, movimento	alegria pertencimento vitalidade integração amor movimento	lugar lindo, mas a população não cuida da natureza, a natureza também deixa de cuidar	não sei. cada coisa é única	lagoa do sopo; trilhas	sacho banho; gostei e caminhar em conexão com a natureza
12	representação do mar, que não tem em Brasília	Saudade do mar! Vivo aqui faz um ano e sou baiana, então o mar me faz muita falta, o parque me remete à lugares que costurava frequentar em minha terra	saudade falta o mar afeto	parque tranquilo e lugar bom para reunir os amigos	uma clareira de filme	entrada principal; toda o percurso interno	porque é mais fácil fazer caminhada e conhecer o local
13	reconexão	paz, alegria, felicidade	encontro esperança amor plenitude conforto relaxamento	lugar de paz e tranquilidade	não respondeu	lagoa do sopo; trilhas	sentir a natureza
14	liberdade, proximidade com a natureza, calma, tranquilidade	paz, alegria, leveza	paz alegria calma bondade tranquilidade lazer	ótima opção na zona norte para exercício, lazer e paz, mas que precisa de melhor atenção	algo que traz liberdade, paz, natureza, vida, sítio	não respondeu	não respondeu
15	o parque é um lugar onde me sinto em paz	paz, tranquilidade, calma	felicidade tranquilidade calma saúde sítio	lugar agradável, limpo, onde me sinto bem	quintal de uma casa tranquila	caminho principal; calçadas internas arborizadas	exercício físico; meditação
16	moneto de paz	tranquilidade, alegria, gratidão, paz	conforto paz conexão descanso gratidão felicidade	lugar para a família	parque da cidade por ser outro parque que conheço	pista de caminhada; trilha entre as árvores	o mais fácil; para relaxar
17	paz, tranquilidade, contato com a natureza	amor, paz	calma tranquilidade paz	lugar bom para descansar e relaxar	sopa, pois tem a tranquilidade de um	praça do sopo; esculturas; parque de grama e academia	lugar ótimo para descansar; lugar para as crianças se divertirem
18	local de sossego e paz, que demonstra uma diversidade necessária local de agregar pessoas; viver com saúde	paz, amor, acolhimento, tranquilidade	saudade identificação conexão empatividade	ótima opção na zona norte para exercício, lazer e paz, mas que precisa de melhor atenção	representa natureza, vida afeto, paz, contato consigo	caminho principal; gramado	caminhar e apreciar o parque; tomar sol e ler
19	encontramos muitas coisas que nos fazem bem-estar, a natureza por si só nos traz saúde e bem-estar	expor minha admiração e consideração de que a natureza deve ser preservada em toda sua essência	gratidão esperança credibilidade satisfação bem estar	lugar acolhedor; ambiente para passar bons momentos e interação com a natureza	um pulmão saudável; se fizessemos mais responsabilidade com a natureza, sentiria mais saudáveis	caminho das águas; caminho das árvores	lugar do barulho do trânsito; respirar puro
20	natureza, piquenique, brincar ao ar livre, tomar sol, descansar, conviver	paz, harmonia, alegria, sorrisos	verde água sol natureza pessoas animadas	melhor parque urbano que conheço no mundo (sou diplomata, conheço muitos lugares)	almoço de domingo na casa do avô, pelo almoço	não respondeu	não respondeu
21	expressão da natureza enquanto paisão	sentimento de cuidado	amor paixão cuidado responsabilidade permanência eternamente	responsabilidade do cuidar da natureza, sobretudo no que se relaciona ao cuidado com a água e a manutenção da vida a partir disso	minha casa, porque é tão importante para mim, bem-estar quanto minha casa	pista de caminhada; caminhos internos	manter a vivacidade física; visualizar o cerrado
22	natureza é algo sagrado	paz	harmonia esperança	lugar para relaxar	preservar a natureza	trilhas, lagoa do sopo	o sol entre as árvores é reconfortante; calma
23	natureza em pleno centro urbano. sensação de segurança muito boa. sensação harmônica agradável, sem cachorros, caixas de som, etc	sossego, tranquilidade, ótimas condições pra relaxar e se exercitar	paz sossego natureza tranquilidade conforto segurança	Um espaço relativamente pequeno para um parque, porém muito especial.	Parque da cidade, observo maiores condições para relaxar e vir com meu filho	trilha da mata; trilhas do cerrado	o som da água me ajuda a relaxar e a pensar; conhecer as espécies vegetais do cerrado.
24	tranquilidade, pureza, paz	felicidade, por conta do nascente	paz calma felicidade renovação tranquilidade	lugar onde encontro paz, onde renovo minhas energias	parque é cercado pela natureza e a ar está puro, a calma que o parque traz	rota do sol; lagoa do sopo	primeira opção ao entrar no parque; gosto de olhar a lagoa
25	o parque permite diversas usos, normalmente venho para tomar sol, fazer um piquenique, reencontrar algum amigo, praticar alguma atividade ao ar livre	nostalgia, tranquilidade, reconexão	tempo de qualidade contato com a natureza felicidade leveza conexão	gosto bastante do parque, mas acredito que falta diversificação dos usos, criação de outros espaços para acesso a patins, bicicletas, falta adaptar o parque para atividades de esporte.	O parque tem muito potencial, mas as restrições o tornam muito entediante.	bosque das pinheiras; trilha	tem bancos, é um pouco mais acessível, e menos exposto; bastante contato com a natureza e sossego
26	representação do bucolismo do parque	paz, tranquilidade, sossego	refúgio preservação sossego paz saúde reflexo	Lugar maravilhoso! Bom para sair um pouco do cenário urbano, seria ótimo ter mais lugares assim na cidade e no DF.	com um pedregal do cerrado virgem acima do nascente é simplesmente lindo	pista de caminhada, descida para o nascente	correr; tranquilidade
27	vim o quinquagésimas vezes ao parque e não tive oportunidade de respirar para além desse espaço inicial que tem! representa no desenho alguns elementos que representam tanto a esfera natural quanto mística de nossa organização, o desenho remete-me ao mundo de possibilidades que o ato da contemplação pode nos dar caso nosso corpo e mente sejam receptivos.	me deixa em certo estado de contemplação e ociosidade, que inspira criação.	contemplação desconexão leveza frescor calor desconexão	estive poucas vezes, mas valorizo a qualidade e infraestrutura. é um espaço bem tranquilo e bem cuidado.	minha única outra referência em BS e o parque da cidade, energia algumas semelhanças entre os dois.	não cheguei a fazer nenhum dos caminhos	não respondeu
28	representa tanto a esfera natural quanto mística de nossa organização, o desenho remete-me ao mundo de possibilidades que o ato da contemplação pode nos dar caso nosso corpo e mente sejam receptivos.	curiosidade, inquietude, paz	natureza misticismo questionamento liberdade contemplação	lugar perfeito para ir sozinho em um momento focado em descobrir coisas sobre si ou buscar refúgio, ou em grupo/date.	refúgio, pois me traz sentimentos e lembranças boas	não respondeu	não respondeu
29	momentos leves ao ar livre	tranquilidade leveza afeto	tranquilidade leveza afeto relaxamento	adoro sempre frequentar. é um espaço de descanso e auto-realização/reflexão	ao parque viencial no lago norte	trilhas; pista de caminhada	meditar, refletir, relaxar; caminhadas
30	descanso e contemplação	preservação	gratidão paz sossego serenidade equilíbrio	espaço privilegiado da zona norte	água mineral	não respondeu	não respondeu
31	par para, contato com a natureza e consequentemente, consigo	paz, tranquilidade e bem-estar	natureza cuidar de si calma leitura	um bom lugar para passar um tempo tranquilo	com a praia. Nasci em local que frequenta muito o mar e o parque é esse lugar agora	qualquer lugar onde há natureza, é um conforto	trilha; cadeiras próximas ao herbário
32	tempo importante de tomar sol e ler algum livro	tranquilidade, satisfação	natureza cuidar de si calma leitura	Adoro o parque e o que ele me oferece estar em contato com a natureza.	com a praia. Nasci em local que frequenta muito o mar e o parque é esse lugar agora	trilhas; gramado central	pensar em água; tomar sol e ler
33	o ambiente em meio à natureza	paz harmonia	paz gratidão natureza alegria tranquilidade	Adoro o parque e o que ele me oferece estar em contato com a natureza.	Ele é único! Não compararia com outro parque.	não respondeu	estar mais próximo do natureza; jogar futebol
34	o anochecer e a energia mística da natureza que te abraça e coloca em contato com um espírito de maior frequência vibracional	paz, plenitude, contato com a natureza	alegria energia alívio conexão luz sublimar	Um lugar muito especial, com o energia fantástica	Parque da cidade ou parque de águas claras, também são parques que temos uma referência próxima	nascente, lago	o som da natureza te leva a ficar em estado meditativo, com palavras mais únicas; o lago tem cores únicas e visíveis e invisíveis e ambiente é psicodélico
35	estar em contato com a natureza	tranquilidade, felicidade	felicidade pertencimento tranquilidade água de sítio verde contemplar	Muito agradável, tem até água gelada de grupo	não respondeu	entrada pela 412	mais próximo do minha casa
36	Refúgio						
37	espaço para meditar sem ser necessariamente uma meditação sistemática	sofitude, alegria e paz	paz saúde alegria meditação	lugar tranquilo	bom porque é bem tranquilo	gramado, lago	tomar sol; refletir
38	socialização, pessoas relacionando o contato físico, se desprendendo de telas, uma forma de se comunicar com a natureza.	liberdade, cores vivas, criatividade	criatividade liberdade vida socialização	ambiente de lazer, auto cuidado e criatividade	uma música da bossa nova leve ao viver	pista de caminhada	caminhar
39	um campo de visão sobre o parque	sentimento de fim da vida	nostalgia paz tranquilidade harmonia respiro fuga	arrumadinho e simpático	parque do sítio (MS), passo sentimentos semelhantes	não respondeu	não respondeu
40	representa um local para piquenique, ver as animas (abelhas, galinhas d'Angola), ficar ao ar livre com a família	tranquilidade, segurança	afetividade segurança conexão família tranquilidade natureza	local de escolha para passear ao ar livre	com o central park e parques europeus	lagoa do sopo; de frente pra horta	piquenique; brincar de bola

Percepções IGMA

Nº	Significado do desenho	Sentimentos	Sentimentos	O que pensa do parque?	Comparação	Caminhos feitos com frequência	Motivo
41	Natureza, qualidade de vida, autoreflexão e convívio social	paiz, tranquilidade, autorealização, purificação	paiz tranquilidade autorealização natureza amor energia	Eu gosto bastante! É muito bom ter um lugar assim perto de casa. Eu amo estar em contato com a natureza!	Segurança. Sinto que todas as pessoas que estão aqui são boas e buscam um momento de calma.	Área de piquenique, casinha de madeira	tomar sol e observar as pessoas; gosto do silêncio
42	Tranquilidade, paz, bem-estar, contato com a natureza	tranquilidade, alegria	tranquilidade bem-estar alegria qualidade saúde paz	É um bom parque para ter contato com a natureza e se acalmar, ficar em paz	Com uma cidade de interior, porque tem um ar bucólico, familiar e tranquilo	pista de caminhada; lago	gostar mais caloriza; é uma paisagem muito bonita
43	Paz, natureza, conexão	calmaria	paiz tranquilidade alegria serenidade natureza ancestral	Um excelente lugar para relaxar	Hotel fazenda porque parecem ambiente intermediário entre cidade e campo	pista de caminhada; trilhas	tomar sol; ouvir os pássaros
44	Lugar de paz para meditação, desconectar energias, brincar, conversar	paz	tranquilidade família encantos amigos feitas amor bondade viver paz respirar felicidade paz natureza silêncio calma amizade família	Gosto do parque e acho uma opção excelente para contato com a natureza	Parque da cidade porque é uma opção para diversificar a diversão entre família na natureza	repouso nas árvores; trilhas	desmarra e afaz meditação; contato com a natureza nas trilhas
45	Estou feliz no parque	felicidade	amor bondade viver paz respirar felicidade paz natureza silêncio calma amizade família	Falta coisasque, alimentação	Parque da cidade porque parece um pouco abandonado	Primeira vez que venho	
46	Área verde, contato com a natureza, espaço para conversar e relaxar	paz, silêncio	paiz tranquilidade família encantos amigos feitas amor bondade viver paz respirar felicidade paz natureza silêncio calma amizade família	Lugar limpo	Minha cidade (interior de MG). Contato com a natureza	gramado; trilha	fazer piquenique; caminhar com meu filh
47	Me sinto muito leve quando venho aqui, como e realmente pudessem voar com os passarinhos e borboletas. Também sinto que volto a ser criança, quando venho com minha família começa o no momento	alegria	vida paz calma paz felicidade felicidade entrega	É o parque mais bonito e legal de Brasília, mas às vezes é feio por conta da estação de tratamento	Com a vida parque sinto que tudo aqui tá muito ligado a isso as pessoas, as famílias, a natureza.	pista de caminhada; trilha	dá pra ver tudo; mudar de caminho
48	O parque me permite experimentar as mudanças naturais e climáticas do Cerrado	Confortação, calma, cidos, tempo natural, segurança, acolhimento	confortação cidos acolhimento tempo calma segurança	Meu lugar de acolhimento em Brasília	Refúgio urbano	gramado; pista de caminhada	tomar sol e ler; fazer exercícios finais de semana para desligar a cabeça
49	Muita natureza em harmonia	paz, saúde e beleza	paiz harmonia integração cidadania saúde natureza	Maravilhoso	Local para descanso, prática de esportes e lazer	pista de caminhada; trilha do lago	beleza
50	Traz uma calma e uma sensação de presença e atenção plena	gratidão	calma alegria gratidão amor diverso	Um ambiente acolhedor	Um templo de meditação porque traz calma e presença	lago	
51	Aprender a vida. É um local que sempre acaba colhendo alguma ervo medicinal, e onde aconteceu um momento importante com um amigo. Há pouco tempo tem sido local de rodas de grantes e, como diário, tenho contemplado	Conexão com o que importa	amor natureza medicina color amizade mulheres	Um lugar para relaxar	Com outros parques de bairro pois me remetem sensações parecidas	canteiro de ervas; quiosque	uso para cuidados; ponto de encontro das rodas
52	O parque nos remete a um lugar de felicidade e amor	amor e alegria	alegria amor felicidade fraternidade união	Um parque muito atrativo, que possui opções para todos os gostos	Paraiso, pois é um lugar maravilhoso	maro; parquinho infantil	meu filho escreveu no marro e brincou no parquinho
53	Um dos parques mais arborizados	paz, calma, satisfação	satisfação paz tranquilidade prazer alegria calma	Agradável, arborizado, com uma boa estrutura, limpo e seguro	Ass parques de Belo Horizonte no que se refere à infraestrutura, arborização e preservação	trilha do meio; pista de caminhada	área mais arborizada e preservada; caminho mais longo para caminhada
54	No parque tenho contato com a natureza, muitas árvores, lugares para sentar e descomar atividades físicas ou meditação	paz e alegria	natureza calma tranquilidade silêncio beleza saúde	Penso que é um ótimo parque: limpo, organizado. Um local bom para qualquer pessoa, de qualquer idade.	Uma área azul, pois está em extinção e é bonito	resposta incoerente	
55	Árvores trazem a conexão com a natureza, muita natureza, lugares para relaxar em a liberdade leveza a natureza se nutre	tranquilidade confiança paz leveza	tranquilidade paz confiança força coragem leveza	Local acolhedor, seguro, de fácil acesso e com muita beleza	Como um oásis no deserto	trilhas, lagoos	sinto-me acolhido pelo natureza e necessidade de silêncio; gosto de observar a água porque ela lembra fluides
56	liberdade, energia, paz	liberdade, paz, bem-estar	paz alegria bem-estar	Tudo de bom Lugar para relaxar e se exercitar	Parque da cidade	trilha;	exercícios
57	significa família	sínto paz e amor	conforto criação de vínculos amizade natureza comunidade amor	Parque muito bonito	Floresta	trilha; gramado	lazer
58	peças buscando paz e tranquilidade e qualidade de vida em um parque	bons fluídos	tranquilidade paz céu bem-estar pessoas	última opção de lazer gratuita	Não compararia pois o parque é único	pista de caminhada	exercícios
59	A presença do verde, de ar puro, os insetos, uma paisagem mais pura, natural	desejo de contemplação, de sossego, de paz	tranquilidade descanso meditação observação beleza vida	Um espaço importante de preservação da natureza, de vegetação, espaço de lazer e convivência	Um oásis porque é sempre um espaço de sossego pra mim	lagoos; relógio do sol	Minha filha pede e para fazer esses percursos
60	Traz o significado de paz, momentos de lazer com família e amigos	renovação espiritual junto a natureza	paz serenidade disposição recarga natureza família amor	Um bom parque, com natureza ampla com lugares para se divertir com família e amigos	Creio que não haja comparação	Primeira vez que venho	
61	O que mais fazo no parque é ler ou uma confraternização	paz, alegria, reflexão	descanso tranquilidade família saúde amigos	Lugar bom, limpo, com vários ambientes diferentes	Parque da cidade, amplo e com várias coisas perto	gramado; lago; trilha	caminhar
62	Local com muitas árvores, muito verde, espaço para caminhar. Muita sol, pássaros, borboletas, tranquilidade	amor, paz	perfeccionismo amor sossego harmonia saúde paz	Um local muito verde, acolhedor, onde é possível caminhar, brincar, tomar sol no meio do estresse urbano	Com um cantinho no meio do mata	pista de caminhada; gramado	
63	Representa o que me traz ao parque: a corrida, e a consequência positiva disso que é o contato com a natureza	calma, tranquilidade e alegria	conexão relacionamento alegria paz reflexão liberdade	lugar para pausa e conexão com a natureza por completo (vegetação, água e animais) no meio da cidade	Um templo, uma vez que é um espaço acolhedor e que permite reflexão e conexão	pista de caminhada	corrida
64	Calmaria, liberdade, vida longa	Muita paz e felicidade	paixência introspecção paz pureza liberdade natureza	É a primeira vez que venho, mas a princípio, um lugar muito bom para passar o dia	Não respondeu	Não cabe	Não respondeu
65	interação com a vida, exalação de amor	acolhimento	conexão integração amor alegria empatia fraternidade	Conhecendo; despertando	Movimento do pulmão	em branco	
66	contato com a natureza e com outros pesos que frequentam o parque	olívio e paz constante	paiz felicidade futebol compartilhar amor sol natureza	Um bom parque para entrar em contato com a natureza, mas tem uns bolsonários que irritam	libéus, pois sempre passo minhas férias lá e tem bastante contato com a natureza	maro; trilhas	olhar pessoas se divertindo; gostar e fazer as trilhas sempre que posso

Percepções IGMA

Nº	Significado do desenho	Sentimentos	Sentimentos	O que pensa do parque?	Comparação	Caminhos feitos com frequência	Motivo
67	O parque representa um momento de lazer, descanso, momento para relaxar	calmaria, felicidade, paz interior, liberdade, serenidade, frescor, praçoção	calma comunidade por atividade física	Parque bem conservado, bem localizado, Conhado, não permite animais de estimação e passeios de bicicleta	Um rancho, devido à presença de natureza e pelo cenário que passa pelo parque	trilha; pista de caminhada	sentir o ar puro dos árvores; correr
68	Elementos do parque que eu gosto muito	exercício físico, tranquilidade, desafio, relaxamento	por exercícios físicos em ambiente tranquilo convívio	Um oásis no final da asa norte	Uma rede para repouso	pista de caminhada;	encontrar amigos
69	Gosto muito de meditar nos bancos do parque	paz, tranquilidade, descanso, liberdade, contentamento, sossego	paz, tranquilidade, descanso, liberdade, contentamento, sossego	Quintal da minha casa	Sítio dos meus avós porque me remete aos momentos de estância e paz interior	pista de caminhada; trilhas	atividade física; meditação
70	ambiente/paisagem em alegria e tem um clima agradável, por isso me sinto energizado no parque	bem-estar, alegria	felicidade arborização agradável vida animal paisagem clima	ambiente agradável, a temperatura dentro de não é tão quente nem tão frio	Um bosque, tanto pela arborização e ambientação, quanto pelo clima	pista de caminhada; trilhas	gosto de pedalar, posso observar a paisagem do parque
71	me sinto feliz e tranquilo, então acaba me tornando isso	alegria	alegria paz tranquilidade calma	Bastante tranquilo, bem cuidado, bastante agradável	Parque do Ibirapuera em São Paulo. É tão agradável como lá e compõe parte da cidade, como aquele também	ponto de encontro comunitário (PEC); água de ciclo	descansar
72	conexão de amor entre a natureza, que é parte de mim, e a natureza, que é parte do todo	conexão é o símbolo do amor universal. A natureza é a conexão do mundo	amor energia autoconhecimento conexão gratidão integração	Minha segunda casa, um santuário sagrado de amor	Fonte de energia quântica que irradia amor	lagoa do sapo; trilhas	gosto de ver a água; meditação
73	paz	paz e harmonia	por harmonia tranquilidade alegria softude certeza	Amo	ao céu	lagoa do sapo; trilhas	gosto de olhar para a lagoa; meditar
74	Me lembra um pouco a floresta amazônica, sinto falta das rãs	Saudades. Minha vida, uma parte que está distante.	felicidade verde calor tranquilidade paz sossego	É bonito e arborizado	O parque me lembra um filme chamado eclipse, onde tem um campo cercado de flores	gramado; parquinho infantil	tomar sol; observar as crianças
75	Trato-se de um local tranquilo, no qual se pode aproveitar o sol e o ar livre	paz e tranquilidade	paz tranquilidade sossego lazer	local adequado para passeios ao ar livre	Outros parques na cidade, porque julgo o parâmetro adequado	Primeira vez no parque não se aplica	
76	paz, tranquilidade, natureza, qualidade de vida	paz	paz saúde respiro	ótima opção de lazer na cidade	refúgio da vida na cidade; companhia a férias	não respondeu	
77	Algo familiar. Um ambiente de paz	paz, amor, cuidado e harmonia	por amor harmonia	local acolhedor, onde se pode descansar, praticar atividades individuais e coletivas	não respondeu	não respondeu	frequente com a família para fazer piquenique passar um tempo
78	Felicidade e relaxamento	tranquilidade e paz	paz felicidade amor tranquilidade família relaxamento	Muito bom pra se distrair em família	Lembro da minha infância quando estou aqui	pista de caminhada	para me exercitar
79	Atividade						
80	Local agradável, onde pessoas podem aproveitar de diversas formas um tempo de qualidade ao ar livre em meio à natureza em Brasília	nostalgia, felicidade, alegria, saúde	felicidade saúde bem-estar natureza alegria descanso	Local super agradável, de natureza e diversidade no meio do DF	A uma unidade de conservação, pela diversidade de espécies e pela conservação do parque	pista de caminhada; gramado	fazer atividade física em meio à natureza; tomar sol.
81	Expansão e dimensionalidade. As coisas tomam novas proporções em contato com a natureza. Algo grande torna-se pequeno. O que não via vem à tona	Dinamismo, me acalma. Fluidez, me relaxa.	fluido orgânico o expansivo possível meditação fluir	Um ótimo lugar para exercitar, compartilhar e relaxar	parque da cidade, ergo, propósitos diferentes em cada lugar do parque, mais coeso	gramado; pista de caminhada	tomar sol; fazer exercícios
82	Forma que mais uso o parque	tranquilidade e paz	por natureza tranquilidade sol exercício aproximação	Um achado dentro de Brasília. Nem parece que se encontra em área urbana	Central Park em Nova York, pelo propósito de preservação em área urbana	trilha; pista de caminhada	por ser mais reservada e coberta pela árvores; prática de exercícios
83	A calma e tranquilidade que o parque nos traz por meio das árvores, pássaros e água	tranquilidade e sossego	calma alegria companhia conexão vitalidade	Um lugar bem cuidado e com projetos interessantes para a sociedade	Uma praia, pois é um local de lazer e natureza	nascente; parquinho infantil	por causa da tranquilidade; há muita vida interessante nas contrapartes do parque
84	O gramado e as interações sociais que temos nele	paz, felicidade, tranquilidade	engraçado companhia amizade	Muito bom! Desconheço do cenário da asa norte	com outros locais de natureza, como riachos	gramado; lagoa	momentos de interação; gosto de ver o riziinho e a ponte
85	Natureza	calma, felicidade	paz gratidão tranquilidade calma conexão	Lugar onde sinto que consigo me tranquilizar por ter contato com tanta variedade da natureza	Parque da cidade por serem as duas referências mais fortes de parques de Brasília	pista de caminhada; lagoa	mais fácil de me exercitar; a água me acalma
86	Expressa a tranquilidade e paz que o lugar me transmite	harmonia, equilíbrio, paz	sossego presença paz harmonia equilíbrio alegria	lugar agradável, bem bonito, reconfortante	Parque Nacional de Brasília porque me remete a mesma sensação	em todo o seu perímetro; lagoa	prática de exercício; correr; primeira para trabalhar o corpo, depois o espírito e a mente
87	Uma unidade de conservação urbana, onde há conjugação equilibrada entre a qualidade urbana, comunidade e natureza	busca a urbanidade; uma placidez lírica em meio à cidade	contemplação placidez paz gratidão harmonia equilíbrio	refrígere em meio urbano	Parque da cidade porque os dois parques são semelhantes em termos de equipamentos e usufruto	pista de caminhada; lagoa do sapo	gostei e circular o parque como um todo, observando a natureza e a cidade; a lagoa é a parte mais agradável do parque
88	Apresenta a oportunidade de estar mais próximo da natureza dentro da cidade	paz, cuidado com a vida	paz de espírito natureza cuidado equilíbrio presença bem-estar	Um bem precioso e necessário, que precisa de muito cuidado/lugar demarcado	Um sonho de criança	trilha convencional;	exercício; para conhecer o lugar
89	A ponte é a parte do parque que mais me chama a atenção	paz e felicidade	calmaria relaxamento equilíbrio	bom lugar para passar o tempo	parque da cidade	trilhas do cerrado; lagoa	correr; gosto de ir à nascente
90	Espaço de convivência, tranquilidade e contato com a natureza. Significa paz.	tranquilidade, descanso, calma e paz de espírito	por descanso convivência natureza sociedade fuga	Fundamental para integrar natureza e convivência na vida cotidiana urbana	Parque da cidade. Apesar de menor, os dois cumprem funções sociais e ambientais comuns	pista de caminhada; lagoa do sopo	exercício e atividade física; momento de tranquilidade no ambiente
91	O parque necessita de mais voluntários. Deveria ser um deles.	cuidado	liberdade conexão amizade	lugar de reflexões, alegria, contentamento	legível	sair da vida estressante	softsloja; relaxamento mental
92	Representa a natureza humana e o contato com ela, o qual é de extrema importância para se sentir pertencente à realidade em que vivemos	Desperta sensação de paz, tranquilidade, conexão	paz harmonia tranquilidade sentimento felicidade amizade	Um parque muito acolhedor. Ótimo para passear e descansar da realidade corrida do dia a dia	Uma casa, pois é um ambiente acolhedor e de paz.	pista de caminhada; lagoa do sopo	bom para caminhada; lá é muito bonito
93	Existem elementos positivos como também negativos	Quero participar deste parque por muito tempo	sossego antiga atividade exercício físico presença saúde	onde fico a maior parte da minha vida	Com a região onde nasci e vivi minha infância	trilhas;	Estou aprendendo os nomes das plantas do Cerrado, onde planto as mudas feitas por mim e cultivo o ano todo.
94	relação de amor com o parque	fé, amor, gratidão, pureza	por harmonia tranquilidade sentimento felicidade amizade	Lugar incrível para encontrar com o invivível que há na natureza; força e energia que vem do criador; algo muito sobrenatural, muito íntimo. Gosto de exercitar minha fé aqui, na natureza.	Com o mar	pista de caminhada	gosto de correr e de caminhar
95	Presença de espécies exóticas e invasoras, que geram prejuízo à biota nativa	necessidade de mudanças; sensibilização	preocupação incêrcia angústia ação impetuosidade reflexão	área natural que sofre com as ações antropológicas	corpo doente tentando sobreviver; presença de espécies exóticas e como um corpo doente, infectado por parasitas.	lagoa do sopo; trilhas	chegar ao lago; observar a biota

Percepções IGMA

Nº	Significado do desenho	Sentimentos	Sentimentos	O que pensa do parque?	Comparação	Caminhos feitos com frequência	Motivo
96	O parque representa paz, amor e natureza. Faltava que quis representar no desenho	leveza e paz	paz natureza leveza amor alegria espiritualidade	O parque é um ótimo lugar para relaxar e trazer os amigos	Com um rio porque me traz a mesma paz que a água e a correnteza me trazem	espaço para yoga; lagoa do sapo	faço yoga, vou para o laguninho porque lá fico em paz
97	liberdade	paz, tranquilidade, prazer e bem-estar	bem-estar natureza prazer ar puro sombra	Muito legal para caminhar e fazer atividade física	Comparar a um pássaro porque traz liberdade	pista de caminhada	Assim me sinto mais segura
98	O parque não é tão grande, mas quando estou aqui, aprecio a vida, as pedras e o caos da cidade ficam menores	refúgio; estar em casa	refúgio; refúgio vida natureza sossego	necessário refúgio	beber água quando tem sede; dormir quando tem sono. Estar na natureza é uma necessidade, maravilhoso tê-lo tão acessível.	trilha até a lagoa; pista de caminhada	matinha mais fechada e fácil de caminhar
99	O sol representa o fim do trabalho; traz consigo grande parte das coisas da natureza; beleza que é transmitida pelo sol.	desperta um sentimento no interior	paz felicidade conforto	Ambiente agradável, limpo e tranquilo	Parque do Ibirapuera, não pelo tamanho, mas a preservação é semelhante	laguninha; ponte de madeira	gosto do verde da água e do barulho de água corrente
100	A galinha d'Angola é um símbolo muito marcante do Parque Alagos, porque, além de sempre estarem cercadas entre as pessoas e o parque, mostram outro lado da cidade de São Paulo, cultura, afeto e seu habitat e não seus condôminos	tranquilidade e empatia com a natureza	tranquilidade vibração empatia diversão liberdade compaixão/sorriso	O parque se diferencia em ter diversas opções de lazer e proximidade com a natureza. Há trilhas em que se pode conhecer diversas árvores ligadas do cerrado e também lugares calmos para fazer piqueniques, yoga ou até uma roda de música com os amigos.	Um grande amigo porque quando estou aqui posso ficar à vontade e ter um momento tranquilo	lagoa do sapo e gramado	gosto de sentir as árvores e ver a lagoa quando vou fazer piquenique com os amigos
101	representa o refúgio, o silêncio e poder encontrar momentos de contemplação	paz, conexão com a natureza ou integração, afeto e carinho	paz harmonia contemplação beleza inspiração respiração	Lugar maravilhoso e querido, que recebe mais turistas e cidadãos da comunidade brasileira	um bosque encantado, pela limpeza e boa energia	ir ao encontro do nascente; mandala de pedras	ver a água nascer e correr; dançar, tocar e estar no espaço
102	Todo vez que penso no parque, penso nas galinhas d'Angola	sentimento engraçado sobre essas aves	engraçado pássaros folhas pequenas bonitinhas	Um grande campo com colinas fofas e bastante mata	melhor que o parque da cidade por causa da localidade	não respondeu	encontrar pessoas e fazer exercício físico
103	Parque visto de cima. Frequentava quando era criança e era assim que imaginava vista de cima	saúde	ver de paz família amor água pista	Lugar que vale o preço; Vc cria quase uma relação com o lugar	Compararia a picolé de limão, água de coco e elas de sal porque essas são minhas memórias de lá	nascente; parquinho infantil	boame fresco; um bom lugar pra beijar
104	Amo esse lugar! Muita árvore	comunhão com a mãe natureza	comunhão permeio alegria	ótimo lugar para ter contato com a natureza	sózinho no Parque Lage	pista de caminhada	para caminhar e sentar
105	Gosto daqui pois tem muita natureza	afeto	alegria afeto companião	Fico no parque para fugir da realidade	meu lar	pista de caminhada	para pensar
106	brisa fresca de verão	paz e tranquilidade	paz água tranquilidade verão sol outono natureza	muito bom, porém preciso de um pouco mais de cidade	nada	ponto de encontro comunitário	para caminhar e deixar
107	liberdade, conexão, respiração	paz, alegria, calma	liberdade alegria paz conexão calma respiração	lugar de confortarizar, se conectar com a natureza, traz paz	nada	pista de caminhada; trilhas	para me conectar mais com a natureza e relaxar
108	na natureza, áreas verdes, liberdade, correr de forma harmônica com a natureza	prazer, tranquilidade, paz, alegria, relaxamento	beleza segurança harmonia liberdade paz	Acho ótimo Um refúgio verde na asa norte	comparar a uma praia sem mar	pista de caminhada, trilhas	as irregularidades do caminho são boas para atividade física; contato com a natureza
109	Minha árvore predileta; converso com ela sempre	amor e compreensão	amor carinho solidariedade acolhimento compreensão	Gosto do parque, acho muito tranquilo me trazer paz	Com o Parcão, em Porto Alegre	lagoa do sapo; mandala	não respondeu
110	Paz e tranquilidade	Paz	paz tranquilidade amor saúde natureza vida	Um oásis no meio da cidade	Uma floresta; mata	pista de caminhada	caminhar o parque todo
111	Necessidade de conexão com a natureza para acalmar a mente e o corpo	prazer, contemplação, atenção, relaxamento	conexão calma relaxamento energia respiração atenção	espaço com verde e natureza; comunidade zelo pelo espaço; um ambiente para todas as idades	Não consigo comparar: é um espaço único, com sua biodiversidade construída e reconstruída pelas pessoas	gramado; pista de caminhada	descansar e meditar; caminhada contemplativa para arejar os pensamentos
112	ir para, vegetação, qualidade de vida, calma, saúde	calmaria, satisfação	felicidade tranquilidade serenidade	melhor e mais agradável parque de Brasília	Central Park	pista de caminhada; trilhas	terminar agulha para correr; corrida não observada a natureza
113	Destaquei 3 elementos que me significam no parque: natureza, convívio com as pessoas e no inverno, o sol, que traz um calor bom	sentimento agradável, remete aos raios importantes momentos de relaxamento	desacano convívio contemplação paz natureza reflexão	acho um parque muito agradável, pacífico, bom pra encontrar com as pessoas. Ainda assim, parece-me que em boas medidas, há uma reprodução das desigualdades que conformam a cidade. Apesar de ser um espaço público, parece ser frequentado por uma fração da população	Pratico da lugar onde nasci e cresci. São locais utilizados de forma semelhante	pista de caminhada; gramado	quando quero fazer exercícios; quando quero descansar
114	O que mais me impressiona aqui é o tamanho do, o aspecto de ruínas e presença de pássaros	paz, segurança, saúde de Recife, minha cidade natal	paz respiração fé calma	Acho maravilhoso, principalmente pelo forma como a comunidade usa o espaço	não sei, cada coisa é única	Segunda vez que venho; na primeira, caminhei por todo o parque, nesta aqui por apreciar o sol	não respondeu
115	Meu filho no parque	satisfação, privilégio	amor sol natureza família ar puro terra	Privilégio tê-lo por perto	Trilhas de bike, pois permitem fugir da cidade e mergulhar na mata	Faço todos	não respondeu
116	pegar sol	paz, felicidade, tranquilidade	tranquilidade paz leveza	Pequeno paraíso na terra	Jardim do Éden, pois é lindo	gramado	para pegar sol
117	a calma e tranquilidade que a natureza pode nos oferecer	paz, alívio, liberdade	paz tranquilidade solte alívio felicidade	Conheci hoje e amei. Muito tranquilo	Com uma trilha. Vc descobre muitas coisas	não respondeu	não respondeu
118	Me sinto bem	felicidade, alegria, tranquilidade	sorriso tranquilidade alegria paz felicidade realização	Ótimo lugar para passear, seguro	Jardim Botânico. tem vegetação natural do cerrado	Trilha externa; gramado	é bom para caminhar, tem subida e descida; bom lugar para piquenique e encontro com amigos
119	saúde, natureza, vida e alegria	vontade de viver com um propósito: disciplina, paz e alegria	definição energia disciplina vitalidade fé	Um pedaço da natureza, disposto por Deus, no meio da cidade para o nosso deleite, prazer/saúde	Jardim do Éden	não faz sentido	correr, pegar sol, fazer yoga, caminhar, contemplar a natureza, ler, meditar e orar
120	união, alegria, compartilhar momentos	amor, felicidade, diversão, paz	alegria paz união felicidade família tranquilidade	Um parque pequeno, porém muito bonito e agradável	uma reunião em família, pois o ambiente me remete a esse tipo de evento	lagoa do sapo; parquinho infantil	Gosto de ir até lá para admirar e meditar. Meus amigos gostam de ir e brincar lá.
121	Sempre que vou ao parque faço piquenique com a minha família	amor, laços de amizade, alegria, afeto, troca, reciprocidade, carinho	afeto união amizade alegria carinho respeito	Um parque muito bom e tranquilo	eventos íntimos com família e amigos, pois a disposição dos elementos e o tamanho do parque fazem com que ele seja perfeito para isso	gramado, lagoa do sapo	união com a família; escrever meus pensamentos; tirar boas fotos
122	contato com a natureza. Para mim é um momento de tranquilidade para ler e meditar	paz, tranquilidade	paz tranquilidade amor sossego solidade	Um parque para entrar em contato com a natureza	natureza, o parque representa o contato com a natureza	gramado; pista de caminhada	para ler e para correr

Percepções IGMA

Nº	Significado do desenho	Sentimentos	Sentimentos	O que pensa do parque?	Comparação	Caminhos feitos com frequência	Motivo
123	Atividade ao ar livre	força, prazer, felicidade	força prazer alegria felicidade	Ótimo lugar para ficar em paz	liberdade, pois nada me faz bem além da liberdade	trilha	Muito boa a trilha e é perto do estacionamento
124	liberdade e contato com a natureza	alegria, bem-estar e liberdade	tranquilidade alegria paz respiração limpa respeito	Ótimo ambiente para se exercitar e frequentar com a família.	Comparando com parque da cidade, aqui é mais acolhedor	pista de caminhada	acho mais legal
125	yoga no chafé	paz, sentimento amor	amor se vira verbo calor	Muito bom, várias atividades	um verdadeiro parque	pista de caminhada, ponto de encontro comunitário	yoga no chafé (PEC)
126	Ótimo lugar para pegar sol	paz, natureza, vitamina E	paz alegria sol natureza	pegar sol em Brasília é difícil, aqui vc consegue.	Acredito que seja melhor que o parque da cidade, pois tem muito mais segurança	não tem	Não tenho caminho definido. Ando pelo parque sem rumo
127	galinhas fofas	natureza e paz	natureza paz	ponto de encontro com amigos	Parque da Cidade	gramado	para ir fazer piquenique
128	veja a natureza como uma forma de canalização de energia. Quando estou estressado ou preocupado com algo, descarrego energia rumo, desequilibrada e consigo com energia boa	paz de espírito que transcende o meu corpo, logo paz para outros pessoas	espiritualidade amizade natureza energias coeratividade	parque que respeita o equilíbrio ambiental, ambiente preservado.	Uma floresta virgem, parte do parque parece e não haver contato com pessoas, bem preservado	lagoa do sapo; trilhas	ambiente calmo para relaxar e observar a lagoa. lembra uma boa caminhada na floresta
129	Queria uma rede no rede no parque	relaxar, dormir, descansar	paz relaxar descansar como sol relaxar	Muito bom, só falta mais espaços de convivência	me lembra o parque das dunas, em Salvador	gramado	para deitar e ouvir música
130	pegar sol com amigos	alegria e união	alegria união	lugar seguro para pegar sol tranquilo	Noronha	gramado	pegar sol
131	Felicidade e relaxamento	alegria	piquenique paz união família alegria	natureza e família	comparo com o Ibirapuera	trilha até religio do sol	trilhas boas para rodar o parque
132	natureza	força	calor primavera plantinhas	bom lugar para meditar	é único	gramado	estacionamento
133	personas sentindo a natureza de forma tranquila antes de ir se exercitar.	sentimento de silêncio bom e acolhedor	serenidade calma prazer conforto refúgio calor	refugio dos moradores durante a rotina corrida. de ótima localização e espaço de lazer	parque da cidade, apesar de a ribos serem bastante espaço verde (parque da cidade é maior), aliás d' água proporciona lazer igual?	pista de caminhada; trilha	melhor caminho até a trilha, mais natureza e beleza
134	significa a nascente, que na minha opinião é o ponto mais poderoso do parque	sentimento de preservação e amor à natureza e respeito à água	água limpa cuidado natureza amor respeito	Penso ser um símbolo de resistência e respeito à natureza	Todas as nascentes que existem a água que brota é frescamente sempre e mesma água	trilha; pista de caminhada	meditar junto à nascente; correr e caminhar.
135	O curso significa algo tranquilo e desconhecido. Me sinto assim no ambiente do parque	tranquilidade e paz	tranquilidade aconchegante paz bondade felicidade	Local bom e tranquilo para lazer nos dias favoráveis	Parque da cidade, que também tem um ambiente tranquilo	ponte; trilhas	Para ficar perto do lago; ficar tranquilo em um ambiente verde
136	Lugar de paz e harmonia, que une o ser com o espaço comum, a natureza	amor, calma, unidade com o espírito, tranquilidade sendo acolhedora	amor unidade calmaria amor tranquilidade respeito	ambiente muito bom, que tra boas lembranças, com muita paz e unidade com a natureza, sendo muito belo e seguro	uma cachoeira, pois o sentimento a a forma natural é a mesma para mim nesses dois ambientes	trilhas;	perto do lago tem um ótimo ambiente para acampar
137	Estar em contato com a natureza me faz ser e estar melhor consigo, com o outro e com o planeta	paz, alegria, empatia, saúde, conexão	leveza alegria solidariedade energia interna contentamento gratidão	Penso que é um espaço natural que deve ser mantido por ter um beryo d' água	floresta, porque guarda sementes, água, animais, preserva a vida e o planeta	trilhas; nascente	beleza das árvores, cheio do mata e canto das pássaros
138	legível	força e atividade	harmonia plantas legível	ótima estrutura	central park, pois é no meio da cidade	pista de caminhada	para caminhar
139	Representa um lugar de calma, onde o tempo para para respirar, escutar, se nutrir e estar presente	tranquilidade e nutrição	calma descanso refúgio respeito acabamento	lugar em que o Cerrado ainda existe dentro da cidade e se pode respirar	em branco	estrada lateral até o gramado	tudo sol e mais longe das pessoas e tem sol
140	Me pediram pra fazer um desenho e só sei desenhar um cara atrás de um muro e um gato subindo no poste	frustração por só saber desenhar um cara atrás de um muro e um gato subindo no poste	equilíbrio lazer diversão proximidade com a natureza cultura	Ótimo lugar para passar um período de lazer, sendo mais seguro que o parque da cidade	Me lembra um pouco o lugar onde crechi, o Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro	pista de caminhada e trilhas	porque gosto do parque e de andar nele;
141	de liberdade, de verde, de espaço interativo, de leveza	liberdade	raízes fluidez natureza espaço aberto saúde	Espaço que ama, compartilha e me traz paz	Aos parques coletivos da Europa (híde park)	pista de caminhada e trilhas	fazer exercício; silêncio e mata
142	Por meio desse simples desenho expus o calma e a tranquilidade que sinto ao vir ao parque	paz, me sinto livre para sentir essa dose passageira de tranquilidade	leveza tranquilidade alegria conexão amor longevidade	O parque é ótimo. Possui estrutura excelente e acolhedora. Lamentável que não existe estradas como esse em zonas periféricas	não respondeu	resposta incoerente com o questionário	resposta incoerente com a questão
143	Arquiteto						
144	Perto das bancas há uma árvore com um ninho e faz ouvindo uma família de pássaros cantar	alegria	paz sons natureza	Pelo diversidade de espécies, é interessante a preservação	Águas emendadas, em Planaltina	trilhas	Faço as trilhas diariamente
145	As árvores, o vento e a sensação de leveza	simplicidade, tranquilidade	paz tranquilidade conforto fluidez simplicidade vento	Maravilhoso, bonito, muita tranquilidade	Meditação	pista de caminhada; nascente (lagoa do sapo) e té o gramado	para ver o nascente e depois deitar no gramado
146	Eu tomaria um sol e descansando depois de uma semana chei de emoções	reflexões, autoconhecimento, autoestima, contato com a natureza, silêncio, sentimentos	cuidado conforto natureza amor reflexão frescor	É um parque bem localizado e com bastante espaço verde. Bom para praticar exercícios ou marcar com um amigo	Compararia a um quintal, pois ele é o quintal dos moradores das 400 norte	gramado; lagoa do sapo	ver patos e tartarugas e a Julia
147	Significa beijo e amor	conexão quente!	amor memória beijo mamão abraços sorrisos	Lugar que eu vou com meu marido, tranquilo e fresco	Com a cor vermelha porque me lembra batons que eu uso no dia que encontro com ele	gramado; administração do parque	ótimo lugar para conversar; lugar fresco
148	Uma brincadeira que eu fazia com o meu irmão	nostalgia	pagelão irmão sol	Lugar perfeito para levar a família	Dias de calor e pessoas suadas	pista de caminhada; lagoa do sapo	ver as pessoas; ver os patos
149	Fico sempre nesse espaço (gramado)	paz e tranquilidade	sol decida água verde sol	ótimo lugar pra viver novos momentos	pequena noronha	gramado	tomar sol próximo as bancas

ANEXOS

Anexo 1 – Instrumento Gerador de Mapa Afetivo (IGMA)

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Termo de Consentimento

Olá! Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Lazer e afetividade nos parques urbanos do Distrito Federal no contexto da pandemia de Covid-19**, na qual investigamos as experiências afetivas dos usuários com os espaços públicos de lazer que frequentam.

As informações coletadas são de caráter confidencial e serão utilizadas na produção da tese de Doutorado que venho desenvolvendo no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB), e em futuras publicações acadêmicas. A pesquisa é orientada pela Prof.^a Dr.^a Claudia Marcia Lyra Pato.

A investigação ocorrerá em duas etapas independentes: resposta a este formulário e entrevista semi estruturada. Esta é a primeira etapa. Caso seja de seu interesse participar da entrevista, informe ao final do formulário seu nome completo e WhatsApp para contato.

Sua participação é voluntária e você pode interrompê-la a qualquer momento, sem necessidade de justificativas. Agradeço a participação e fico à disposição para sanar quaisquer dúvidas.

Atenciosamente,
Vanessa Sousa de Oliveira
(61) 99635-7550

No espaço abaixo, faça um desenho que represente o modo como você vê, sente e representa o Parque Olhos D'água.

As questões abaixo referem-se ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, apenas suas opiniões e impressões.

Explique o que o desenho significa para você.

Que sentimentos o desenho desperta em você?

Escreva seis palavras que resumem seus sentimentos em relação ao desenho.

- | | |
|----------|----------|
| 1. _____ | 4. _____ |
| 2. _____ | 5. _____ |
| 3. _____ | 6. _____ |

As questões seguintes fazem referência ao Parque Olhos D'água. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, apenas suas opiniões e impressões.

Se te perguntassem o que você pensa sobre o Parque Olhos D'água, o que responderia?

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Se tivesse que comparar o Parque Olhos D'água a um objeto, pessoa ou lugar, com o que compararia e porquê?

.....

.....

.....

.....

Descreva dois caminhos que você faz com frequência no Parque Olhos D'água e o motivo dessa escolha.

Caminho 1 _____

Motivo

Caminho 2 _____

Motivo

Profissão

A pesquisa possui uma segunda etapa, composta por entrevista semi estruturada, que ocorrerá no Parque Olhos D'água, cujo tema é a sua experiência com o parque.

Região administrativa de residência

A entrevista terá a duração de meia hora, com dia e horário definidos por você e será gravada. O conteúdo será destinado exclusivamente para a elaboração da tese.

Escolaridade

1. () Ensino fundamental completo
2. () Ensino médio completo
3. () Ensino superior completo
4. () Especialização/MBA
5. () Mestrado
6. () Doutorado
7. () Outro _____

Você deseja participar da entrevista?

() Não.
 Agradecemos a sua participação!

() Sim.
 Por gentileza, deixe seus dados para agendarmos a entrevista.

Renda familiar aproximada

1. () No momento, não tenho renda
2. () Até R\$ 1.212,00
3. () De R\$ 1.212,00 a R\$ 3.636,00
4. () De R\$ 3.637,00 a R\$ 7.272,00
5. () De R\$ 7.273,00 a R\$ 10.908,00
6. () De R\$ 10.909,00 a R\$ 14.544,00
7. () De R\$ 14.545,00 a R\$ 18.180,00
8. () Acima de R\$ 18.181,00

Nome completo

WhatsApp

Com que frequência você vem ao Parque Olhos D'água?

1. () Todo dia
2. () Duas a três vezes por semana
3. () Quatro a seis vezes por semana
4. () A cada quinze dias
5. () Uma vez por mês
6. () Outra _____

Anexo 2 – Autorização de pesquisa Instituto Brasília Ambiental (IBRAM/DF)



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS DO DISTRITO FEDERAL

Parque Olhos D'água

Autorização para Pesquisa SEI-GDF n.º 13499139/2018 -
IBRAM/PRESI/SUC/DIRUC-II/PEOA

Brasília-DF, 04 de outubro de
2018

AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

<p>A Superintendente de Áreas Protegidas do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal - Brasília Ambiental – IBRAM, Lélia Barbosa de Souza Sá, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei nº 3.984, de 28 de maio de 2007 e o inciso XVII do art. 26 do Decreto nº 28.112, de 11 de julho de 2007, e tendo em vista o disposto na Lei Complementar nº 827 de 22 de julho de 2010 e na Instrução Normativa IBRAM nº 172 de 2 de outubro de 2012, resolve AUTORIZAR a pesquisadora VANESSA SOUSA DE OLIVEIRA CPF: 690.045.791-68 a executar a pesquisa “O lazer como vivência educativa nos Parques Urbanos do Distrito Federal”, objeto do Processo nº 00391-00008859/2018-10.</p>
<p style="text-align: center;">TITULAR DA PESQUISA</p> <p>Nome: Vanessa Sousa de Oliveira Formação: Ciências Sociais Especialidade: Turismo e Educação O presente projeto refere-se à pesquisa de: () Graduação () Mestrado (X) Doutorado () Outros. Especificar:</p>
<p style="text-align: center;">EQUIPE DE PESQUISADORES</p> <p>1. Vanessa Sousa de Oliveira (CPF: 690.045.791-68) 2. Cláudia Márcia Lyra Pato (Matr. UnB 147605)</p>
<p style="text-align: center;">UNIDADES DE CONSERVAÇÃO AMOSTRADAS</p> <p>1. Parque Ecológico Ezequias Heringer (fone: 3382-0035); 2. Parque Ecológico de Águas Claras (fone: 99219-8733); 3. Parque Ecológico Olhos d'Água (fone: 3447-3167);</p>
<p style="text-align: center;">CONDICIONANTES, EXIGÊNCIAS E RESTRIÇÕES</p> <p>1. Esta Autorização de Pesquisa permite a execução do projeto de pesquisa intitulado “O lazer como vivência educativa nos Parques Urbanos do Distrito Federal”, a ser desenvolvido estritamente de acordo com a proposta submetida, e exclusivamente, pelo (a) titular da pesquisa e sua equipe; 2. O projeto deverá ser executado pelo pesquisador previamente autorizado a entrar nas Unidades de Conservação acima descritas, e este será responsável pela adoção de medidas necessárias à prevenção de danos ao meio ambiente; 3. O pesquisador deverá entrar em contato com as equipes das Unidades de Conservação amostradas, comunicando o cronograma das atividades (datas e horários das saídas de campo), a fim de possibilitar o acompanhamento da pesquisa pelos técnicos, analistas e equipes de segurança deste Instituto; 4. É obrigatória a posse desta Autorização de Pesquisa para que o pesquisador e sua equipe entrem nas UCs para realizar as coletas; 5. Os pesquisadores deverão adentrar nas UCs sempre por meio da guarita/entrada principal, identificando-se às equipes de segurança do local. 6. Ao final do trabalho, deverão ser protocolados neste IBRAM, e incorporado no processo nº 00391-00008859/2018-10, para compor os arquivos referentes às informações sobre as Unidades de Conservação do Distrito Federal: Formulário de finalização da pesquisa e uma (1) cópia dos produtos oriundos do estudo (tese, papers etc.). 7. Todas as imagens geradas no desenvolvimento da pesquisa, na forma de filmagens e fotografias, mesmo que não utilizadas na edição final do documento, devem ser disponibilizadas ao Instituto Brasília Ambiental ao final dos trabalhos; 8. Toda e qualquer alteração no projeto deverá ser requerida previamente ao IBRAM; 9. Outras condicionantes, exigências e restrições poderão ser estabelecidas pelo Instituto Brasília Ambiental a qualquer tempo; 10. Esta Autorização poderá ser cancelada e/ou revogada de imediato, assim como suspenso o acesso à área, em caso de descumprimento ou</p>

Anexo 3 – Termo de compromisso de pesquisa Instituto Brasília Ambiental (IBRAM/DF)



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS DO DISTRITO FEDERAL

Parque Olhos D'água

Termo de Compromisso de Pesquisa SEI-GDF n.º 13501441/2018 -
IBRAM/PRESI/SUC/DIRUC-II/PEOA

Brasília-DF, 04 de outubro
de 2018

TERMO DE COMPROMISSO DE PESQUISA

<p>A pesquisadora Vanessa Sousa de Oliveira, inscrita no CPF: 690.045.791-68, doravante denominado (a) COMPROMITENTE, firma o presente Termo de Compromisso de Pesquisa junto ao Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental, CGC/MF nº 08.915.353/0001-23, com sede no SEP 511 - Bloco C - Edifício Bittar, Asa Norte, Brasília/DF, doravante denominado COMPROMITANTE, representado neste ato pela Superintendente de Áreas Protegidas, nos termos abaixo, com base na Instrução Normativa nº 172, de 2 de outubro de 2012:</p>
<p style="text-align: center;">CLÁUSULA PRIMEIRA</p> <p>O presente Termo de Compromisso de Pesquisa, parte integrante da Autorização de Pesquisa nº13499139 - IBRAM, objeto dos autos nº 00391-00008859/2018-10, tem por objetivo a execução da pesquisa intitulada a "O lazer como vivência educativa nos Parques Urbanos do Distrito Federal".</p>
<p style="text-align: center;">CLÁUSULA SEGUNDA</p> <p>O(A) pesquisador(a) deverá comunicar, por escrito, à Superintendência de Unidades de Conservação – SUC, qualquer ato ou conduta julgada inadequada no interior das Unidades de Conservação amostradas.</p> <p>Parágrafo primeiro – É obrigatório ao(à) pesquisador(a) portar a Autorização de Pesquisa nº 13499139 - IBRAM enquanto estiver no interior das UCs.</p> <p>Parágrafo segundo – Quando for de interesse do Ibram, o (a) pesquisador (a) poderá ser chamado(a) a dar esclarecimentos ou explicações, em relação às atividades desenvolvidas no interior das UCs, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, a contar da comunicação ou notificação. O não comparecimento no prazo estipulado acarretará na suspensão da Autorização de Pesquisa.</p> <p>Parágrafo terceiro – O (A) pesquisador (a) deverá comunicar, com prazo nunca inferior a 24 horas, para verificação de disponibilidade, a data de entrada e o tempo de permanência da equipe de campo nas UCs.</p> <p>Parágrafo quarto – O (A) pesquisador (a) deverá respeitar o cronograma de trabalho, e em caso de alteração, comunicar à equipe da UC com antecedência mínima de um mês.</p> <p>Parágrafo quinto – O (A) pesquisador (a) deverá retirar as armadilhas, marcações, fitas, estacas ou outros objetos utilizados na condução dos experimentos, imediatamente após o término do projeto de pesquisa.</p> <p>Parágrafo sexto – Caberá ao (à) pesquisador (a) enviar cópia do material técnico produzido resultante da pesquisa conduzida nas UCs à SUC.</p>
<p style="text-align: center;">CLÁUSULA TERCEIRA</p> <p>Não será permitido ao (à) pesquisador (a) coletar, capturar ou manter em cativeiro animais, plantas ou qualquer material biológico.</p> <p>Parágrafo primeiro – O (A) pesquisador (a) não poderá utilizar os cursos d'água para outros fins que não sejam científicos.</p> <p>Parágrafo segundo – Não será permitido conduzir pessoas que não sejam da equipe de Pesquisa, sem a devida autorização dos responsáveis da UC.</p>
<p style="text-align: center;">CLÁUSULA QUARTA</p> <p>O (A) pesquisador (a) deverá observar toda a legislação ambiental e estar ciente que qualquer alteração nas atividades sem o prévio aviso, ou o desvio de conduta, poderá resultar em penalidade conforme previsto na Lei de Crimes Ambientais.</p>
<p style="text-align: center;">CLÁUSULA QUINTA</p> <p>O (A) pesquisador (a) está ciente de que só poderá adentrar as áreas protegidas e suas zonas intangíveis, com a Autorização de Pesquisa e documento de identificação pessoal com foto.</p>
<p style="text-align: center;">CLÁUSULA SEXTA</p> <p>O descumprimento das cláusulas quarta e quinta por parte do (a) pesquisador (a) acarretará no cancelamento da Autorização de Pesquisa nº - IBRAM.</p>